

COMÉDIAS DO MINHO - A SINGULARIDADE DE UM PROJECTO CULTURAL NO VALE DO MINHO

Maria Beatriz Pereira Jarmela

**Trabalho de Projecto de Mestrado
em Práticas Culturais para Municípios**

Fevereiro 2015

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Práticas Culturais para Municípios realizado sob a orientação científica do Professor Doutor António Camões Gouveia.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor António Camões Gouveia pelas sugestões pertinentes e pelo estímulo e orientação constantes.

Ao João Pedro Vaz pela generosidade e franqueza na partilha de informação, ideias, opiniões, dúvidas, certezas, decisões e utopias decisivas para este trabalho.

Ao Miguel Honrado, pela confiança, pela amizade.

Às Comédias do Minho porque abriram as portas e deixaram-me entrar pela casa adentro, sem limites. A informação que recolhi constituiu a base do meu trabalho. Agradeço, em especial à Celeste, ao Pedro, ao Vasco e à Alice que, ao longo de meses, responderam às minhas inúmeras solicitações, sempre disponíveis, sempre amáveis.

Aos entrevistados Ana Lúcia Figueiredo, António Pereira Júnior, Elisabete Magalhães, Filipa Pires, Luís Filipe Silva, Paulo Lobato Costa e Tânia Pereira cujos testemunhos, imprescindíveis, serviram de matéria-prima para este trabalho.

À Ivone, pelo despertar da “ideia”, à Rita pelo entusiasmo e pela valiosa e a todos os amigos pelas sugestões, pelo incentivo e pela paciência.

Aos meus pais, por tudo.

COMÉDIAS DO MINHO - A SINGULARIDADE DE UM PROJECTO CULTURAL NO VALE DO MINHO

Maria Beatriz Pereira Jarmela

RESUMO

As Comédias do Minho (CdM) são uma associação cultural criada em 2003 por iniciativa de cinco municípios do Vale do Minho – Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira – com o objectivo de oferecer às comunidades deste território rural um projecto cultural próprio. Ao longo dos dez anos de existência as Comédias do Minho têm vindo a arrecadar distinções e a ganhar reconhecimento público. O presente trabalho surge da necessidade de entender as razões por detrás destes factos. Procura-se identificar as práticas das CdM a partir do mapeamento da sua orgânica e eixos operativos (Companhia, Projecto Pedagógico e Projecto Comunitário), evidenciando as características que singularizam este projecto cultural no Vale do Minho. Pretende-se, ainda, relacionar as práticas das CdM com a comunidade e o território de acção. A partir da enunciação destes factos, propõe-se a reflexão sobre a possibilidade de existência de práticas de cultura em zonas rurais, deixando em aberto diversas possibilidades de leitura que o caso CdM revela.

PALAVRAS-CHAVE: projecto cultural, teatro, rede cultural, Vale do Minho, imersão no território, comunidade(s)

COMÉDIAS DO MINHO - THE SINGULARITY OF A CULTURAL PROJECT IN THE MINHO VALLEY

Maria Beatriz Pereira Jarmela

ABSTRACT

The Comédias do Minho ("Minho Comedies") (CdM) is a cultural association set up by the initiative of five municipalities in the Minho valley - Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira - with the aim of offering rural communities its own cultural project. Over its ten years of existence the "Comédias do Minho" have won awards and public recognition. The aim of this work arose from the need to understand the reasons behind their ethos and success. It is our purpose to identify the practices of the CdM from the mapping of its organics and operating axis (Theatre Company, Educational Project, and Community Project) by highlighting the features that make this cultural project in the Minho valley really singular. From these starting points we suggest a reflection on the existence of cultural practices in rural areas while leaving open various reading possibilities revealed by the case CdM.

KEYWORDS: cultural project, theatre, cultural network, the Minho Valley, territory, locality, communities.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I: Enquadramento a partir de conceitos operatórios	7
1. Território	7
2. Nova Centralidade e território de acção	8
3 O factor cultural.....	9
Capítulo II: Caracterização do território do Vale do Minho	10
4. Contexto geográfico, político e social	10
Capítulo III: Mapeamentos das Comédias do Minho.....	14
5. Origem e fundamentos	14
6. Estrutura orgânica.....	17
7. Eixos de acção	18
7.1. Companhia de Teatro	18
7.2. Projecto Pedagógico (PP).....	20
7.3. Projecto Comunitário (PC).....	25
8. Aspectos gerais.....	30
9. Breve análise de públicos.....	31
Capítulo IV: Características distintivas das Comédias do Minho.....	32
10. Iniciativa política.....	32
11. Apoio mecenático.....	33
12. Constância dos parceiros e do mecenas	34
13. Itinerância e imersão no território	35
14. Comunicação de proximidade.....	38
14. Rede cultural.....	38
15. Formação para todos	40
16. Monitorização e transparência	42
17. Programação eficaz	43

Conclusão.....	44
Bibliografia	51
Anexos	56
Anexo 01 - Distinção Leader ⁺ , Comissão Europeia	56
Anexo 02 – Prémio Norte Criativo 2010	58
Anexo 03 – Prémio da Crítica 2011	59
Anexo 04 – “Duas ou três ideias sobre um teatro necessário” de Alexandra Moreira da Silva	60
Anexo 05 – “O teatro perto do céu”, de Tiago Bartolomeu Costa	63
Anexo 06 – “De pés na terra e o teatro no céu” de Tiago Bartolomeu Costa.....	64
Anexo 07 – “Dez anos a fazer teatro com os pés bem assentes na terra” de Inês Nadais.....	66
Anexo 08 – “FITAVALE – Inventar comunidades”, de Jorge Palinhos	69
Anexo 09 – “Impressões sobre o FITAVALE já a caminho do terceiro ano”, de Ricardo Braun	72
Anexo 10 – “Comunidades em vivências dinâmicas jogo-sérias”, de Helena Santos e Joana Ramalho	74
Anexo 11 – Fotos de espectáculos	76
Anexo 12 – <i>Diário da República</i> , escritura Comédias do Minho	86
Anexo 13 – Fichas de avaliação utilizadas pelo PP.....	89
Anexo 14 – Cartografia (Mapas 1, 2,3)	91
Anexo 15 – Dados sócio-demográficos (Tabelas 1,2,3,4,5)	93
Anexo 16 – Quadro de equipamentos culturais	96
Anexo 17 – Lista de associações culturais.....	97
Anexo 18 – Mapas de itinerância da Companhia (1 e 2)	98
Anexo 19 – Mapa de espectáculos da Companhia	106
Anexo 20 – Mapa das acções do Projecto Pedagógico	107
Anexo 21 – Mapa de espectáculos do Projecto Comunitário.....	110
Anexo 22 – Amostragem da programação geral	112
Anexo 23 – Mapa de públicos.....	116

Anexo 24 – Excertos da entrevista a António Pereira Junior	118
Anexo 25 – Excertos da entrevista a Tânia Pereira	120
Anexo 26 – Excertos da entrevista a Elisabete Magalhães	123
Anexo 27 – Excertos da entrevista a Filipa Pires	125
Anexo 28 – Excertos da entrevista a Paulo Lobato Costa	127
Anexo 29 – Excertos da entrevista a Luís Filipe Silva.....	129
Anexo 30 – Excertos da entrevista a Ana Lúcia Figueiredo	132

“Afinal, as comunidades não são entidades graníticas e fechadas, são rios como o Minho,
fluídos e difusos, únicos e irrepetíveis, e sempre a acolher novos afluentes que lhes
possam engrossar o caudal”

Jorge Palinhos, *Comunidades Inventadas*¹

¹ Palinhos (2012). Comédias do Minho, 2014

INTRODUÇÃO²

“Toda a ignorância se arrasta para o saber
e de novo para a ignorância (...)
e.e. cummings³

Pontos de partida e regras gerais

Tive o primeiro contacto com as Comédias do Minho em 2011. Tudo começou a partir de uma sugestão de Miguel Honrado⁴ para colaborar no projecto na área de produção. Num encontro em Lisboa com João Pedro Vaz⁵, que à altura não conhecia pessoalmente, acertámos alguns pormenores e pouco tempo depois fui ao Minho passar uma curta temporada com as Comédias. Até aí conhecia superficialmente o trabalho da companhia. Nunca tinha assistido a qualquer espectáculo, sabia que Isabel Alves Costa, já falecida à altura, tinha estado envolvida no projecto, que João Pedro Vaz era o novo director artístico, que a companhia trabalhava algures no Minho, ... e pouco mais. O trabalho que vim a desenvolver alargou este conhecimento, uma vez que tive oportunidade de acompanhar as CdM durante algumas semanas, em períodos diferentes, ao longo dum ano. O que observei durante aquele tempo fez-me perceber que estava perante um caso raro, senão único, de imersão efectiva de um projecto cultural em território rural.

No ano seguinte, 2012, frequentei o Segundo Ciclo em Práticas Culturais para Municípios, uma experiencia valiosa que me munuiu de instrumentos para produzir reflexão crítica sobre a(s) prática(s) de cultura.

Destas duas experiências – trabalho com as Comédias e frequência do Segundo Ciclo em Práticas Culturais para Municípios – resultou a escolha do presente trabalho de projecto, e não poderia ter sido outra. As Comédias do Minho oferecem práticas culturais em cinco municípios, o que me permitiu a rara oportunidade de questionar estas práticas, à luz dos conceitos e conhecimentos apreendidos na componente lectiva do Segundo Ciclo.

² Porque na *Introdução* dou conta de decisões pessoais resultantes de experiências pessoais, as minhas, entendi mais adequado o uso da primeira pessoa do singular. De aqui em diante será utilizada a primeira pessoa do plural.

³ Cummings, e.e. (1998). *xix poemas*, Lisboa: Assírio e Alvim. pp 57

⁴ Consultor Artístico das Comédias do Minho e actual Presidente do Conselho de Administração da EGEAC

⁵ Director Artístico das Comédias do Minho

Definição do objecto e do objectivo

Este estudo tem por objecto as práticas das Comédias do Minho, designadamente a orgânica funcional e modos operativos e a sua relação com o território, dando particular destaque aos três últimos anos de actividade (2011 a 2013). Os anos anteriores e o ano seguinte poderão ser igualmente referidos. Pretendo analisar algumas características e procedimentos que singularizam esta associação cultural, designadamente o trabalho em rede, a formação, a itinerância, a polivalência da equipa, as relações estabelecidas com os parceiros estratégicos e com o mecenas.

O objectivo deste trabalho de projecto é produzir reflexão sobre a possibilidade de existência de práticas culturais em zonas rurais, considerando o trabalho que as Comédias do Minho desenvolvem no território do Vale do Minho.

Não tenciono fazer um estudo comparativo com outras companhias que operam em ambiente rural ou em cidades de pequena dimensão nem tenciono apontar as CdM como exemplo a seguir ou com práticas replicáveis. Tenho consciência que a comparação é um instrumento seguro de validação duma análise e ignorá-la pode fragilizar a minha defesa mas, insisto, a opção é consciente e deliberada porque vai ao encontro do objectivo deste trabalho, isto é, produzir reflexão sobre a possibilidade da existência de cultura em todos os lugares, partindo exclusivamente do estudo do caso da Associação Comédias do Minho em lugares do Vale do Minho. Porque as práticas são tão diversas quanto o lugar onde elas existem.

Definição da metodologia

Neste estudo pretendo reflectir sobre as práticas das CdM nos cinco municípios do Vale do Minho. Eis metodologia utilizada:

1. Observação das práticas das CdM em várias acções: actores em itinerância pelas freguesias, os espectáculos e a preparação deles, as CdM no escritório, em ensaio, em reuniões formais e informais, a equipa nas suas rotinas, a tomada de decisões a vários níveis, as discussões, conflitos e tensões dentro do grupo, a relação com os parceiros estratégicos (as cinco autarquias representadas por cinco técnicos), as acções com os grupos amadores, com os colaboradores locais em escolas e bibliotecas, a familiaridade com os presidente de junta e com dezenas de outros elementos da comunidade com quem as CdM estabelecem parcerias ou acordos, a relação com as instituições, com co-produtores, com os

convidados. Observação dos públicos nos espectáculos, dos não públicos em sociabilidades diversas, de encontros informais, de diversas acções de divulgação, de cidadãos anónimos em reacção à entrega da brochura do espectáculo ou à pergunta “Conhece as Comédias do Minho?” Foi a observação que criou a base da minha análise sobre as CdM;

2. Leitura, análise e estudo de documentação interna das CdM – Estatutos, Planos de Acção, Relatórios Anuais, plano financeiro, dossiers de candidatura, dossiers de apresentação; leitura e análise de documentação publicada pelas CdM: sítio das CdM, livro *Comédias do Minho, cinco municípios – um projecto cultural*⁶, livro *A Metamorfose das Paisagens, Comédias do Minho 2004 – 2013*⁷, série de cinco documentários *Comédias do Minho, documentários 2007 – 2014*⁸, o caderno de programação anual de vários anos, dezenas de brochuras de espectáculos e de outros materiais de divulgação, diversos materiais promocionais; artigos de imprensa e textos publicados sobre as CdM;
3. Entrevistas e conversas exploratórias com actores e técnicos da Companhia, em particular com Luís Filipe Silva; entrevista a Ana Lúcia Figueiredo, responsável pelo lançamento e implementação do Projecto Pedagógico entre 2007 e 2010, fez parte da Coordenação Artística de 2010 a 2013 e é membro da Comissão Artística desde 2013; a Tânia Pereira, responsável pela implementação no terreno do Projecto Pedagógico (saiu das CdM em final de 2013); entrevista a elementos dos Grupos Amadores que trabalham com as CdM, entrevista a técnicos de acção cultural que receberam formação das CdM no âmbito do Projecto Pedagógico; entrevista a Pedro Morgado, produtor das CdM, entre outras. A entrevista ao autarca fundador, António Pereira Júnior, antigo Presidente da Câmara de Paredes de Coura, foi determinante porque fez-me entender as razões que estão na origem da criação das Comédias do Minho. Por último, destaco duas pessoas com quem conversei durante muitas horas em situações diversas e foram decisivas para a minha compreensão deste projecto, são elas Joana Rodrigues e João Pedro Vaz. Joana Rodrigues é um dos

⁶ Comédias do Minho, 2009

⁷ Comédias do Minho, 2014

⁸ *Ines Negra*, de Tiago Afonso (2007); *Contra-Bando*, de Olga Ramos (2009); *Vê-los assim tão pertinho*, de Sofia Marques (2009); *Judas*, de André Martins (2011); *Comédias do Minho*, de Paulo Menezes (2012); *Vozes Brancas*, de Pedro Filipe Marques (2014); *Honrar a sua Vinha*, de Rui Mendonça e André Martins.

elementos mais “antigos” das CdM, uma vez que é fundadora e Vice-Presidente da Associação, faz parte da Comissão Artística e é a representante da autarquia de Paredes de Coura na Associação CdM. Joana Rodrigues participou nas grandes decisões das CdM, é a memóriadas CdM e a sua presença é indissociável deste projecto. João Pedro Vaz é o Director Artístico das CdM desde 2009. Ao longo das nossas várias conversas percebi-lhe o pensamento que sustenta as dinâmicas que tem vindo a implementar nas CdM e percebi que ser erudito e popular é tão possível quanto desejável.

Campo de inclusão, de exclusão e de dificuldades

Para apresentar um estudo alargado sobre a Associação Comédias do Minho devo ter em linha de conta todos os fazedores que de um modo directo ou indirecto participam no projecto que engloba cinco municípios. São eles a Associação Comédias do Minho, os cinco técnicos municipais, os grupos de teatro amador, os colaboradores do Projecto Pedagógico, os agentes educativos, agrupamentos escolares, presidentes de Junta de Freguesia, associações e agentes culturais. Não posso esquecer as instituições financiadoras, o mecenas e os co-produtores. Contas feitas, estamos a considerar um número muito elevado de intervenientes, com diferentes graus de importância, evidentemente, muitos e muito dispersos geograficamente. Perante a impossibilidade de chegar a todos, tomei a decisão de entrevistar formalmente um elemento ou representante de cada grande grupo e observar/escutar ou investigar de modo informal os outros elementos desta lista. Não entrevistei José Martins, primeiro director das CdM, membro fundador e parceiro enquanto director do Teatro do Noroeste e não entrevistei os directores artísticos que se lhe seguiram até 2009 (até ao início de João Pedro Vaz), porque considerei as informações recolhidas junto do Presidente António Pereira Júnior e de Joana Rodrigues esclarecedoras e suficientes para o meu entendimento dos primeiros anos das CdM.

Sublinho que meu trabalho foi centrado na observação e escuta dos agentes e destinatários, pesquisa e análise de dados empíricos e leitura de documentos provenientes de diversas fontes que considerei fiáveis. Analisei dados e factos, muitos

factos. Tive dificuldade na recolha de alguns dados⁹ e, por esta razão, decidi excluir informação daí resultante.

Conteúdos dos capítulos

O capítulo I apresenta enquadramento teórico do tema a partir de conceitos operativos - território, nova centralidade, capital simbólico – com recurso a bibliografia adequada a estas matérias. O capítulo II apresenta o enquadramento geográfico, administrativo e sócio-cultural do Vale do Minho. O capítulo III analisa o caso Comédias do Minho a partir do mapeamento da sua orgânica e dos eixos operatórios. O capítulo IV destaca características distintivas das CdM que emergem das suas práticas. Na conclusão procede-se à análise de resultados e reflecte-se sobre a possibilidade de existência de projectos e práticas de cultura em ambiente rural, a partir do caso concreto CdM.

Reconhecimento

“Artes do teatro que descem ao território – ou partem do território, que formam populações – ou se deixam formar por elas”
excerto do discurso de justificação do *Prémio Novo Norte 2010*¹⁰

Em dez anos de existência as Comédias do Minho gozam de um inegável reconhecimento por parte das instituições, dos pares, da crítica, do mecenas, agentes e mediadores culturais, programadores e público. Eis, abaixo, alguns factos que ilustram este reconhecimento:

Em 2007 a Comissão Europeia, através do programa *Leader*⁺¹¹, proposto pela *Associação Adriminho*¹², seleccionou o projecto CdM como um dos melhores exemplos de boas práticas.

Em 2010, a Comissão da Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N) e o Jornal de Notícias atribuíram às CdM o *Prémio Novo Norte Criativo* por

⁹ Tipo de espectáculo e números de público dos equipamentos culturais dos cinco municípios nos anos de 2011 a 2013.

¹⁰ Em: <http://comediasdominho.blogspot.pt/2010/05/comedias-do-minho-vence-premio-norte.html>

¹¹ Ver Anexo 01

¹² ADRIMINHO – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho, criada em 1994, com o objectivo de promover o desenvolvimento rural (cultural e material) através de iniciativas de base comunitária. Em <http://www.adriminho.pt/home/apresentacao> [consulta realizada em 13/11/2014]

“Boas Práticas de Desenvolvimento Regional” destacando a “sua singularidade criativa, a sua ligação ao território é às populações e às dinâmicas sociais e económicas locais”¹³. O prémio foi entregue na Casa da Música (Porto) por Nuno Azevedo a António Pereira Júnior (Presidente da Direcção) e a João Pedro Vaz (Director Artístico).

Ainda no mesmo ano o jornal *O Público* considerou as CdM “um caso exemplar de descentralização” no balanço do panorama cultural da primeira década do séc. XX.

Em 2012 a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro (APCT) atribuiu o Prémio da Crítica 2011 às Comédias do Minho. O júri foi constituído por Alexandra Moreira da Silva, Constança Carvalho Homem, Maria Helena Serôdio e Rui Monteiro. A cerimónia teve lugar no dia 5 de Março de 2012, no Teatro Municipal S. Luíz, em Lisboa. A APCT destacou o investimento na formação e criação artística “dando provas de uma sólida e intensa actividade, mostrando-nos, se alguma dúvida houvesse, que o teatro é necessário.”¹⁴ No âmbito desta iniciativa, Alexandra Moreira da Silva publicou um texto elucidativo sobre o trabalho das CdM.¹⁵

Em 2012, a RTP2 e a produtora Terratrema produziram o documentário *Comédias do Minho*, realizado por Paulo Menezes. Esta iniciativa surgiu em 2011 por vontade de Paula Moura Pinheiro, à altura subdirectora do canal, que considerou o trabalho desenvolvido pelas CdM merecedor de um registo aprofundado.

Em 2013 as CdM foram seleccionadas e receberam apoio da Direcção Geral das Artes, por acordo tripartido quadrienal (2013-2016), num concurso que envolveu dezenas de candidatos, tendo obtido a melhor pontuação na zona Norte e a segunda mais elevada a nível nacional.

As CdM recebem com frequência convites para apresentar o seu projecto como caso de estudo em contexto académico e/ou institucional (aulas, encontros, congressos, conferências, seminários), assim como solicitações de co-produção, residência artística e/ou acolhimento por parte de outras entidades artísticas, além dos pedidos de estágio.

As CdM são regularmente referidas na imprensa de forma elogiosa a propósito das suas práticas e alguns críticos de arte e de teatro de referência têm dedicado longos textos ao trabalho da companhia. A título de exemplo, refira-se Tiago Bartolomeu

¹³Ver Anexo 02

¹⁴ Texto integral disponível em <http://www.teatrosaoluiz.pt/noticias/>

¹⁵ Tradutora, investigadora e professora universitária em Paris. Ver Anexo 04

Costa num texto publicado em 2009 e num artigo publicado em 2012¹⁶ e Inês Nadais num artigo publicado em 2014 sobre o programa *Comédias do Minho – 10 anos*¹⁷. Acrescentamos à lista um texto de Jorge Palinhos¹⁸ e outro de Ricardo Braun¹⁹, ambos a propósito do FITA VALE, edição de 2012.

As CdM são igualmente objecto de estudo de alguns académicos, é o caso de Helena Santos²⁰ que, com Joana Ramalho²¹ e Ricardo Moreira, elabora, há alguns anos, para a Faculdade de Economia do Porto um estudo sobre impacto(s) das CdM. Ambas têm trabalhos publicado sobre as Comédias do Minho.²²

Também Elisabete Paiva²³ escolheu as CdM como objecto de estudo num trabalho intitulado “Comédias do Minho, Um Projecto de Inscrição Teatral”, no âmbito do Mestrado em Estudos de Teatro na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2010.

Foram referidos os casos mais marcantes mas a lista não se esgota aqui... Se analisarmos as razões apontadas pelos supra referidos observamos que são diversas – ligação ao território, singularidade criativa, solida e intensa actividade, caso exemplar de descentralização, qualidade e diversidade de programação, investimento na formação, entre outras - mas todas convergem no entendimento que as CdM são um caso singular de boas práticas de cultura. Porque os que sabem e os que fazem opinião entendem que as CdM são um bom exemplo, propomo-nos neste trabalho identificar estas práticas. Afinal quem são, o que fazem e como fazem as Comédias do Minho?

Capítulo I – Enquadramento a partir de conceitos operatórios

“Todas as peças nos falam que o acto de desenhar paisagens é antes de mais o tomar de consciência do sítio, da dimensão cultural, ecológica e estética do lugar”

Aurora Carapinha, *A Utopia e os Pés na Terra*²⁴

1. Território

¹⁶Jornalista e crítico de artes performativas. Ver Anexo 05 e Anexo 06

¹⁷ Jornalista para a área da cultura de *Público*. Ver Anexo 07

¹⁸ Dramaturgo e professor universitário. Ver Anexo 08

¹⁹ Tradutor e dramaturgo. Ver Anexo 09

²⁰ Socióloga, docente na Faculdade de Economia do Porto

²¹ Socióloga, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa

²² A título de exemplo, ver Anexo 10

²³ Coordenadora do Serviço Educativo do Centro Cultural de Vila Flor.

²⁴ Carapinha, Aurora. Texto da Apresentação. *A Utopia e os Pés na Terra*, Lisboa: Instituto Português de Museus. pp.

Vamos partir dos conceitos apreendidos a partir da *Missão* das Comédias do Minho para proceder ao enquadramento conceptual.

“Dotar o Vale do Minho de um projecto cultural próprio, adaptado à sua realidade socioeconómica e, portanto, com enfoque especial no envolvimento das populações, a partir da construção de propostas de efectivo valor participativo e simbólico, para as comunidades a que se dirigem.”²⁵

Tratamos aqui do território do Vale do Minho. Mas, antes, sugerimos uma definição de território e, entre algumas possibilidades, optámos pela proposta que Helena Santos encontrou em Richard Laganier ²⁶, ao definir território em três dimensões diferentes e complementares: identitária, a material e organizacional.

“1 – Identitária - uma entidade espacial dotada de uma identidade própria (...) caracterizada pelo seu nome, pelos seus limites, a sua história, o seu património mas também pela maneira como os grupos sociais que o habitam o representam, se apropriam dele e o fazem existir perante os outros; 2. Material – um espaço dotado de propriedades naturais definindo potencialidades ou constrangimentos de desenvolvimento ou propriedades materiais resultantes do arranjo do espaço pelas sociedades (estrutura urbana, rede de transportes) caracterizadas pelas suas estruturas dinâmicas e espaciais; e 3 – Organizacional – uma entidade dotada de uma organização de actores sociais e institucionais, caracterizada por relações de hierarquia, dominação, solidariedade, complementariedade”.²⁷

No território do Vale do Minho cabem as três dimensões, de acordo com a lógica de aproximação, como poderemos verificar ao longo do trabalho. Acresce a esta dimensão o pressuposto da existência de acção sobre o mesmo ou, nas palavras de João Pedro Vaz, “Território é uma área de acção, não necessariamente uma paisagem ou uma geografia”²⁸. É este o território que nos interessa analisar.

2. Nova centralidade e território de acção

O conceito de descentralização tem vindo a ser abandonado para dar lugar ao conceito de nova centralidade que pressupõe uma dinâmica mais democrática e inclusiva porque mais justa e adaptada ao território. A descentralização remete para o movimento de retirar do centro para as margens, ou seja, uma transposição simples para fora do centro, no pressuposto de que aquilo que funciona no centro também funciona fora dele, mas a realidade tem vindo a demonstrar que muitos projectos culturais acabaram por morrer porque não encontraram nas “margens” acolhimento necessário e

²⁵ Disponível em: <http://www.comediasdominho.com> [consulta realizada em 12 Nov 2014]

²⁶ Laganier, Villalba e Zuideau, 2002, 2

²⁷ Santos, 2014. Comédias do Minho, 2014, 122

²⁸ Vaz, 2014. Comédias do Minho, 2014, 178

desejável, precisamente por lhes faltar referencial identitário, inscrição e adaptabilidade ao território e à comunidade em causa. Posto isto, uma outra dinâmica tem vindo a ser implementada e esta com grande capacidade de inscrição e disseminação. Trata-se da “nova centralidade”, um movimento que emerge de dentro do território, para o território, a partir de impulsos que este gera.

Segundo Augusto M. Seabra é pertinente considerar modelos de produção, programação e distribuição cultural “radicados em práticas concretas de inscrição no terreno”²⁹. Esta tem sido, de resto, a prática de João Pedro Vaz, director artístico das CdM, que defende “um outro conceito, porventura menos aplicado, reflecte sobre os modelos de programação com mais vontade de “inscrição” territorial: o de “nova centralidade” – o projecto é desenhado para cada novo modelo/território e dá-se a ambição de criar ali novos paradigmas de programação cultural, actuantes de modo absoluto, apesar do localismo e trabalhando mesmo esse localismo como factor de originalidade e valorização.”³⁰ Este posicionamento leva-nos a concluir que um projecto cultural válido deve ter em linha de conta o seu território de acção, que o território convoca a uma leitura, que o programador deve saber fazer esta leitura, aproximando-se, ou melhor, imergindo no território, agindo este (território), como agente provocador e inspirador e, finalmente, deste processo de tensão//imersão muito provavelmente resultará uma proposta cultural mais próximo das populações, tornando mais fácil a participação destas pessoas na vida social e cultural da sua comunidade.

3. O factor cultural

Por unanimidade é aceite que a cultura e todas as manifestações de arte e expressões artísticas desempenham um papel fundamental na valorização da auto-estima e identidade dos indivíduos, na recuperação da memória social duma comunidade, acrescentando-lhe capital social, cultural e criativo, em linha com o pensamento de Pierre Bordieu³¹, o que nos leva a concluir que uma política cultural séria e coerente pode potenciar o reequilíbrio socioeconómico e combater a exclusão e cristalização social.

²⁹ Seabra, 2007, 22

³⁰ Vaz, 2014, Comédias do Minho, 2014, 171

³¹ Bordieu, 1980

Neste sentido, a cultura pode ser entendida enquanto recurso económico, político e identitário dum local, duma região ou dum país. Esta ideia é sublinhada por João Teixeira Lopes ao afirmar que “as actividades culturais (..) podem “colocar no mapa” territórios esquecidos ou marginais, conferindo-lhes dinamismo capaz de os inserir no “território-rede” de subsistemas urbanos de interação. (..) Para algumas cidades de pequena dimensão a estruturação de um campo cultural activo pode ser o elemento decisivo de uma estratégia de desenvolvimento que não se limite à visão autárquica do paradigma endógeno.”³² Outro aspecto digno de nota sublinhado pelo autor é a vantagem de nas cidades de pequena escala as redes de comunicação serem mais informais e ágeis, os processos de decisão serem menos burocráticos, o que facilita o contacto entre agentes culturais, tornando o seu trabalho mais colectivo. Ainda a propósito das cidades de pequena escala, o autor lembra que, se por um lado a pequena dimensão facilita concertações felizes entre agentes e instituições, por outro potencia situações de intervencionismo pouco desejáveis “Não raras vezes, a política cultural autárquica, reflectindo o *presidencialismo municipalista*, é o reflexo pouco subtil do gosto do seu responsável máximo”³³. Se bem que o presente trabalho não pretenda analisar os aspectos aqui enunciados, parece-nos útil lembrá-los, uma vez que estamos a dar conta das práticas de cultura Comédias do Minho, um projecto sediado no Vale do Minho.

Capítulo II – Caracterização do Território do Vale do Minho

“Rural é um adjectivo que qualifica culturas, visões do mundo, imaginários...e, por arrastamento, as gentes e a geografia, o território e as paisagens desses imaginários.

Por isso, rural é uma palavra que funciona como um arrastão. Cabe lá tudo (...)”

Álvaro Domingues³⁴

4. Contexto Geográfico, Político e Social ³⁵

O Vale do Minho situa-se a Norte, no distrito de Viana do Castelo, é delimitado a nascente pelo Rio Trancoso e pela Serra da Peneda, a poente pelo concelho de Caminha e a sul pelos concelhos de Ponte de Lima e de Ponte da Barca. Esta região foi

³² Lopes, 2000, 81-82

³³ *ibidem*

³⁴ Domingues, 2011, 121

³⁵ Dados recolhidos e tratados a partir de textos disponibilizados pelas CdM, de informação disponível no *site* do INE e dos cinco municípios do Vale do Minho

fortemente marcada pelo Rio Minho como eixo estruturante durante séculos, quer pelas realidades económicas (agricultura, pescas, comércio,...) quer pelas necessidades defensivas (fronteira com Espanha). Actualmente é em torno do Rio Minho que se encontram os principais núcleos urbanos da região ³⁶.

O território compreende cinco municípios - Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira e abrange uma área aproximada de 800 Km². Esta extensa área caracteriza-se por um território marcadamente rural, revelando uma dinâmica funcional que se enquadra numa concentração de povoamento nas zonas de vale e de meia encosta, mais concretamente na proximidade dos principais cursos de água.

Segundo o Censos de 2011, a população do Vale do Minho ronda os 61 021 habitantes, ³⁷o que representa cerca de 1,6% da população da Região Norte. Em termos de população residente o concelho de Monção é o mais povoado (19230 hab.) e o de Paredes de Coura o menos povoado (9188 hab.), seguido de Vila Nova de Cerveira (9253 hab). Valença é o segundo mais povoado (14127 hab.) As últimas décadas têm sido marcadas por um decréscimo de população residente, o que acentuou a diminuição de densidade populacional, ³⁸que se encontra muito abaixo da média do Norte (173 hab./ km²). Veja-se o caso de Melgaço, com 38 hab/km² e de Paredes de Coura, com 66 hab./km². Apenas os municípios de Valença (120 hab. / km²) e de Vila Nova de Cerveira (85 hab. Km²) viram a sua densidade populacional aumentar nas últimas décadas.

O Vale do Minho, à semelhança de muitas outras regiões de Portugal, apresenta vários desequilíbrios socioeconómicos que permitem a sua classificação como território afectado pela “interioridade”, intimamente ligado à desertificação pelos novos movimentos migratórios e pelo envelhecimento. O baixo desenvolvimento sociocultural, agravado pela elevada taxa de analfabetismo³⁹, potenciou fenómenos mais recentes de insucesso e abandono escolar.

A estrutura etária da população apresenta um índice de envelhecimento ⁴⁰ acentuado e muito superior à média em Portugal (127,8) e mais ainda da média da

³⁶ Ver Anexo 14, Mapa 1 e 2

³⁷ Ver Anexo 15, Tabela 1 e 5

³⁸ Ver Anexo 15, Tabela 2

³⁹ Ver Anexo 15, Tabela 3

⁴⁰ Ver Anexo 15, Tabela 4

Região Norte (113,3). Entre concelhos, verifica-se que Melgaço é o concelho mais envelhecido (411,2), seguido de Monção (260) e de Paredes de Coura (219,3). Os menos afectados são Valença e Vila Nova de Cerveira, ambos com um índice médio de 170, bem mais aproximado da média de Portugal.

A taxa de analfabetismo da região Minho-Lima é ligeiramente superior à média do Continente (de 6,85 para 5,19). Entre concelhos, verifica-se que Melgaço apresenta a taxa mais elevada (11,4), seguido de Melgaço (9,51) e Monção (8,12). À semelhança dos índices de envelhecimento, Valença e Vila Nova de Cerveira apresentam valores mais baixos (respectivamente 6,04 e 5,05), em linha com a média do Continente. Não possuímos dados que expliquem esta discrepância mas acreditamos que a proximidade do litoral seja um factor de diferenciação positiva para Valença e Vila Nova de Cerveira.

A população encontra-se actualmente organizada em 103 freguesias.⁴¹ A propriedade privada e a produtividade das terras propicia o ordenamento do território assente no minifúndio, característico do Minho e muito distinto das zonas de serra e do sul do continente. A cultura do milho e a pastorícia marcaram a construção da paisagem e do território, conforme sugerem os estudos de Orlando Ribeiro⁴².

O Vale do Minho tem dinâmica de trabalho em parceria e a prova disto é a existência de algumas associações criadas com o objectivo de maximizar recursos e esforços comuns em diversas áreas. A título de exemplo podemos enumerar a *Adriminho*, já anteriormente referida, constituída por seis municípios (os cinco da Associação CdM e Caminha), focada no desenvolvimento rural através da promoção da actividade turística e da promoção do património imaterial e a *Uniminho*⁴³ que compreende 21 municípios, cinco portugueses e os restantes galegos, e visa promover a cooperação transfronteiriça nos domínios de agricultura, ambiente, saúde e outros.

O tecido cultural do território caracteriza-se pela existência de múltiplas associações culturais amadoras, com destaque para a existência de diversos grupos folclóricos, tocadores de bombos, bandas de música, entre outras manifestações de

⁴¹ Ver Anexo 14, Mapa 3 e Anexo 15, Tabela 5

⁴² Para uma leitura mais abrangente, sugere-se Ribeiro, Orlando (1987) “Entre Douro e Minho”, *Revista da Faculdade de Letras*, Geografia, I série, Volume III, Porto, pp. 5-11 Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1501.pdf> [consulta realizada em 10Nov2013]

⁴³ Em <http://tecpro.com.pt/uniminho/home/> [consulta realizada em 14Dez2014]

cultura local. Apurámos 84 associações ⁴⁴ mas o número pode não corresponder à realidade .

As festividades religiosas, gastronómicas e feiras comerciais são importantes elementos de dinamização locais, do ponto de vista social, económico e identitário e é na preservação do património cultural imaterial que assenta, também, o desenvolvimento sustentável destas zonas rurais. Considerando a importância deste património e, consciente da preocupação em salvaguardá-lo, a UNESCO assinou, a 17 de Outubro de 2003, a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial.

“As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objectos, artefactos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante do seu património cultural (...) é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu ambiente, da sua interação com a natureza, e da sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito face à diversidade cultural e à criatividade humana”⁴⁵

Ao nível dos equipamentos culturais⁴⁶ verificámos que todos os municípios dispõem de uma biblioteca. Estes equipamentos estão constituídos em rede e desenvolvem pontualmente actividades conjuntas. Todos os municípios dispõem de um ou mais polos museológicos de carácter local e regional, revelando-se um importante factor de dinamização cultural dos municípios.

Para a apresentação regular de espectáculos de música, teatro e dança existe o Centro Cultural de Paredes de Coura, a Casa da Cultura de Melgaço, o Forum Cultural de Vila Nova de Cerveira e o Cineteatro João Verde, em Monção. Como eventos de carácter nacional e internacional destaca-se a realização da Bienal de Artes de Vila Nova de Cerveira e o Festival de Paredes de Coura.

A dinâmica de trabalho em rede desenvolvida pelos cinco municípios no âmbito da Associação de Municípios de Vale do Minho na área cultural assumiu sempre um carácter mais ou menos pontual, estando muito dependente de projectos comunitários que o possibilitaram. Só o surgimento das Comédias do Minho veio modificar esta realidade, permitindo a criação artística regular, permanente e sustentada de um projecto cultural no Vale do Minho.

⁴⁴ Ver Anexo 17

⁴⁵ Em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>. [consulta realizada em 14Nov2014]

⁴⁶ Ver Anexo 16

Capítulo III - Mapeamento das Comédias do Minho

*O Desejo de Teatro*⁴⁷

5. A origem e os fundamentos

A ideia partiu de António Pereira Júnior, Presidente da Câmara Municipal de Paredes de Coura, e de outros cinco autarcas de concelhos limítrofes – Caminha, Monção, Melgaço, Valença, Vila Nova de Cerveira – que, em 2003, decidiram criar um projecto cultural único que colmatasse o défice cultural das suas populações e pudesse servir os seis municípios em igualdade de circunstâncias.

Este défice cultural foi sentido por António Pereira Júnior⁴⁸ que, ao longo dos muitos anos da sua experiência de autarca, deu-se conta, no terreno, da dificuldade das populações no acesso aos bens culturais e de como este constrangimento estava a prejudicar as populações e revela-nos dois exemplos que ilustram esta realidade: o da população que não tinha oportunidade de assistir a uma peça de teatro a não ser que fosse a Braga ou ao Porto ou a Vila Real, impensável, de resto, tendo em conta as condições de isolamento das populações locais, e o das crianças e jovens que estavam a crescer sem referências culturais, o que os diminuía em relação a outras crianças e jovens com mais oportunidades.

Tendo por objectivo dar resposta às necessidades sentidas, os cinco autarcas decidiram criar a Associação Comédias do Minho, uma associação autónoma, órgão de personalidade jurídica própria e independente das câmaras, dando corpo a uma companhia de teatro que deveria respeitar alguns princípios, entre eles, ser rural, itinerante e que chegasse às populações, como afirma António Pereira Júnior “Tínhamos que pensar se não valeria a pena criar a nossa companhia que levasse o teatro às nossas aldeias (...)”⁴⁹. O Teatro do Noroeste foi convidado a juntar-se à associação com a finalidade de produzir conteúdos culturais, uma vez que os municípios pretendiam servir exclusivamente como garantes políticos e estruturais.

⁴⁷ Costa, 2003, Título

⁴⁸ Ver Anexo 24

⁴⁹ *Ibidem*

No documento fundacional publicado em Diário da República, foi lavrada escritura de constituição de uma associação sem fins lucrativos com a denominação *Comédias do Minho – Associação para a Promoção de Actividades Culturais no Vale do Minho* e consistia:

“**Objecto:** A promoção de actividades culturais nos concelhos do Vale do Minho, designadamente através de: Criação de uma companhia de teatro rural Comédias do Minho, com actividade de animação de rua, nas bibliotecas, nas freguesias rurais, nas escolas, nos eventos locais; Gestão de projectos culturais na área de intervenção; Edição de documentos de carácter cultural; Realização de encontros e acções de formação profissional na área cultural; Promoção e fomento de iniciativas culturais locais; Colaboração com outras instituições de carácter cultural; Promoção de redes culturais de cooperação na área de intervenção; Promoção de acções de cooperação transfronteiriça com a região da Galiza; organização e promoção de quaisquer iniciativas culturais de natureza intermunicipal.”⁵⁰

Desde o início a associação mantém os cinco sócios fundadores - Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira. Caminha saiu pouco tempo após a constituição e o Teatro do Noroeste viria a ser substituído enquanto membro associado pela Caixa de Crédito Agrícola no ano de 2006.

A actividade teatral foi iniciada, em 2004, com José Martins na qualidade de Director Artístico. Em 2006, a orientação artística foi entregue a Nuno Pino Custódio, tendo por consultor Nuno Carinhas. Em 2007, Isabel Alves Costa assumiu a Direcção Artística e criou uma Comissão Artística, constituída, à altura, por Miguel Honrado e Joana Rodrigues. Em 2009, após a morte de Isabel Alves Costa, João Pedro Vaz assumiu a Direcção Artística, até hoje.

Em 2006, por iniciativa de Isabel Alves Costa, definiu-se a criação de três eixos de acção: A Companhia de Teatro (CT), o Projecto Pedagógico (PP) e o Projecto Comunitário (PC), cada um com personalidade e objectivos próprios mas agindo dum modo articulado no sentido de atingir uma Missão comum, expressa no livro editado pelas CdM em 2007, inalterada até hoje.

“Missão: Dotar o Vale do Minho de um projecto cultural próprio, adaptado à sua realidade socioeconómica e, portanto, com enfoque especial no envolvimento das populações, a partir da construção de propostas de efectivo valor participativo e simbólico, para as comunidades a que se dirigem.”⁵¹

No *site* das CdM de hoje encontramos a seguinte discriminação dos *Objectivos Estratégicos e Operacionais* do projecto:

“**Objectivos estratégicos:** 1. **Companhia de Teatro** - Apostar numa programação diversificada, multidisciplinar e generalista, com grande diversidade de criadores nacionais

⁵⁰ Em *Diário da República*, III Série, Nº. 75 – 29 de Março de 2004, 6928-(13)

⁵¹ Comédias do Minho, 2007, 16

e internacionais, levando o teatro as aldeia, em itinerância por espaços de representação não convencionais e até mesmo inusitados (...) interpelando poética, social e criativamente os próprios espaços públicos do território. Desenvolver processos de religação comunitária dos cidadãos e dinamizar plataformas locais de encontro e redes de contacto, interpelando o capital simbólico e a memória do território; 2 . **Projecto Pedagógico** – Criar oportunidade de aprendizagem e de lazer que potenciem o desenvolvimento de competências cognitivas, críticas, criativas, afectivas ao longo da vida, articulando a intervenção pedagógica com o universo artístico d Companhia de Teatro e do Projecto Comunitário, num esforço comum de sensibilização, formação e fidelização de públicos. 3. **Projecto Comunitário** - manter e solidificar a colaboração na programação, na formação, na dinamização e na criação artística dos Grupos de Teatro Amador e de outras associações culturais do território, criando eventos e espectáculos comunitários, com forte envolvimento das populações e do tecido associativo local; 5 - Manter, solidificar e alargar a Rede Cultural CdM; 6 – Trabalhar de, para e com as populações e criar processos de relação integrados e sensíveis de descoberta, formação e fidelização para as artes performativas como parte da sua cidadania e enriquecimento humano e social; 7 – Tornar as CdM uma plataforma de nova centralidade cultural, promovendo a circulação de artistas e intervenientes culturais e internacionais, e criando oportunidades de criação e estruturas e/ou artistas emergentes; 8 - Solidificar os processos de pesquisa e trabalho artístico para a criação de novos conceitos e objectivos performativos que reinventem paradigmas de criação das artes performativas contemporâneas em meio rural.

Objectivos operacionais: Promover o debate e da reflexão sobre o projecto CdM com referência de prática artística territorial, solidificação as valências da equipa permanente CdM ao nível artístico e na relação pedagógica e comunitária com o território, de modo a diversificar o programa e o serviço público de cultura promovido”. **Companhia de Teatro** – Promover processos dramáticos de pesquisa que promovam a escrita dramática contemporânea; Promover repertório dramático com enfoque territorial, num equilíbrio entre património teatral e a contemporaneidade; Aumentar o envolvimento das populações e o número de público das novas criações em circulação. **Projecto Pedagógico** – Manter a aposta na formação artística dos jovens; Continuar a abranger a totalidade dos alunos do ensino pré escolar e do 1º ciclo do ensino básico dos cinco municípios. **Projecto Comunitário** – Manter, solidificar e alargar processos de mediação cultural com agentes territoriais e populações que mobilizem projectos comunitários; Manter e solidificar a aposta na formação e criação artísticas com os grupos de teatro amador; Abranger um maior número de associações culturais do território na actividade CdM.⁵²

No livro das CdM, em 2007, encontrávamos uma discriminação de *Pressupostos* e *Objectivos*⁵³. Em substância, observamos que nada de essencial se alterou, tendo sido unicamente introduzidos objectivos e conceitos operativos alinhados com as dinâmicas adoptadas pelas CdM ao longo do tempo. No presente trabalho teremos oportunidade de analisar estes aspectos.

⁵² Em: <http://www.comediasdominho.com> [consulta realizada em 12.Dez.2014]

⁵³ Pressupostos de acção em 2007: “Criação artística como motor de intervenção; Reconhecimento do particularismo e territorialização (descentralização, interioridade / ruralidade, públicos e espaços de representação), recusando o localismos; Exigência de inovação face ao padronizado; Exigência de parâmetros de qualidade, estruturando um trabalho continuado e com sentido em critério de excelência; Colaboração, intercâmbio e partilha de experiências com projectos congêneres internacionais; Objectivos de 2007: “Captar, sensibilizar, formar, fidelizar públicos para as artes e a cultura; Aproximar a comunidade do Vale do Minho dos projectos artístico-culturais da Associação Comédias do Minho; Aumentar o número de público participante nos projectos e actividades da Associação Comédias do Minho; Desenvolver futuros públicos atentos, críticos, informados e criativos; Concretizar um trabalho de intervenção efectiva e reconhecida a nível cultural; Abrir o território ao mundo, numa renovada cooperação nacional e internacional; Contribuir para o desenvolvimento sustentado do território.” (CdM 2007:17)

6. Estrutura orgânica

A Associação Comédias do Minho tem cinco associados – as autarquias de Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira - e a Caixa de Crédito Agrícola. A Associação tem carácter institucional e funciona como garante da continuidade do projecto cultural, operacionalizado pela companhia de teatro Comédias do Minho, constituída por uma equipa autónoma. A Associação tem uma Direcção, a Mesa de Assembleia e o Conselho Fiscal, cargos distribuídos pelos Presidentes de Câmara e respectivos executivos/técnicos dos cinco municípios e funcionários da caixa de Crédito Agrícola do Nordeste ⁵⁴. Percebe-se que nesta estrutura existe a preocupação de distribuir equilibradamente as funções pelos cinco municípios com o objectivo de colocar todos os executivos camarários no mesmo patamar de importância.

Exterior ao corpo da Associação mas a trabalhar em estreita colaboração com esta, cada município faz-se representar por um colaborador/responsável técnico de desenvolvimento cultural⁵⁵ que tem por função defender os interesses da autarquia enquanto parceira da associação e mediar decisões e acções entre a companhia e a autarquia. Estes cinco técnicos trabalham regularmente em estreita ligação com as CdM, numa dinâmica de verdadeira colaboração. Funcionam como parceiros e são o garante da boa relação institucional entre a companhia, as autarquias e o território. Além do trabalho político, estes técnicos fazem a ligação ao terreno e agilizam dinâmicas de rede entre as autarquias parceiras.

A Comissão Artística é composta por cinco elementos. São eles: Ana Lúcia Figueiredo⁵⁶, Cristina Grande (Fundação de Serralves) e Igor Gandra (Director Artístico e encenador do Teatro do Ferro), ambos colaboradores regulares das CdM, Joana Rodrigues⁵⁷ e Miguel Honrado que está ligado ao projecto desde 2009, a convite de Isabel Alves Costa. Esta comissão tem carácter consultivo, é não remunerada e dá parecer em assuntos de estratégia e de programação.

⁵⁴ Em 2014: Associados: Municípios de Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença, Vila Nova de Cerveira e Caixa Agrícola do Nordeste. Direcção: Presidente: Vitor Paulo Pereira (Presidente da CM de Paredes de Coura, Vice-Presidente: Joana Rodrigues (Técnica Superior da CM de Paredes de Coura), Tesoureiro: José Rodrigues (Técnico Superior da CM de Monção); Mesa da Assembleia: Presidente: Avelino Mendes (Caixa Agrícola do Nordeste), Secretária: Aurora Viães (Vereadora da CM VN Cerveira), Vogal: Maria José Codesso (Vereadora da Câmara Municipal de Melgaço; Conselho Fiscal: Presidente: Jorge Mendes (Presidente CM Valença), Secretário: Luís Monteiro (Técnico Superior da CM de Monção), Vogal: Vitor Costa (Presidente da CM de Vn Cerveira)

⁵⁵ Em 2014: Angelina Esteves (Melgaço), Joana Rodrigues (Paredes de Coura), Jorge Areias (Valença), José Rodrigues (Monção), Nuno Correia (Vila Nova de Cerveira)

⁵⁶ Integrou a equipa CdM em 2006, foi responsável pelo Projecto Pedagógico até 2010, integrou a Coordenação Artística de 2010 a 2013.

⁵⁷ Vice-presidente da Associação CdM desde a criação e Responsável Técnica da Câmara de Paredes de Coura.

A equipa Comédias do Minho é composta por onze elementos – João Pedro Vaz, director artístico desde 2009, Pedro Morgado (2006), responsável pela produção e gestão, Celeste Domingues (2008), responsável pela comunicação, Vasco Ferreira (2005) responsável técnico e de produção, Alice Silva, responsável pelo projecto pedagógico desde 2013 (sucedeu a Tânia Pereira), Luís Carlos Silva (2014) apoio administrativo e produção e cinco actores / criadores: Gonçalo Fonseca (2006), Luís Silva (2006), Mónica Tavares (2004), Rui Mendonça (2005), Tânia Almeida (2006).

A equipa é fixa. Os cinco actores para cinco municípios foi uma realidade desde o início das CdM. A equipa é residente. De notar que só um dos elementos é do Vale do Minho, todos os outros mudaram-se para o Minho quando integraram as CdM. A equipa desdobra-se numa multiplicidade de funções. Os actores são criadores, formadores, encenadores e agentes culturais. O mesmo acontece com os restantes elementos da equipa. Estes e outros aspectos relacionados com a equipa serão retomados no Capítulo IV.

7. Eixos de acção

As CdM operacionalizam as acções em três eixos: A Companhia de Teatro, O Projecto Pedagógico e Projecto Comunitário. Todos articulados numa mesma Missão. Todos com objectivos específicos. Cada eixo tem programação própria, desenhada de acordo com os objectivos.

7.1 Companhia de Teatro - Missão e Acção

A Companhia de Teatro define-se como um projecto territorial mais generalista e tem por objectivo estratégico “apostar numa programação diversificada multidisciplinar e generalista, com grande diversidade de criadores nacionais e internacionais, levando o teatro às aldeias, em itinerância por espaços de representação não convencionais e até mesmo inusitados – sedes de Juntas de Freguesia ou associações locais, centros cívicos, salões paroquiais, cafés, casas particulares – interpelando poética, social e criativamente os próprios espaços públicos do território”⁵⁸.

A Companhia apresenta três peças por ano. Para cada peça é definido um roteiro de itinerância por quatro localidades de cada um dos cinco municípios, o que quer dizer

⁵⁸ Em <http://www.comediasdominho.com> [consulta realizada em 11Dez2014]

que qualquer peça é apresentada em vinte localidades distintas, em vinte espaços distintos. Esta itinerância pode não acontecer se a peça escolhida foi pensada para um espaço especial, como é o caso de *A Casa Grande*, de Tânia Almeida⁵⁹.

De modo a poder apresentar resultados concretos, sentimos necessidade de proceder a uma amostragem. Para tal, produzimos uma grelha de programação que dá conta de sete anos de trabalho da Companhia, de 2007 a 2013⁶⁰ e dois mapas de itinerância, o primeiro apresenta as freguesias visitadas ao longo de sete anos e o segundo, mais completo, mostra o percurso de três anos⁶¹. Vamos conta de algumas conclusões que retirámos. A Companhia apresentou vinte e uma peças e fez 410 apresentações, o dá uma média anual de 58 apresentações por ano. De notar que, por norma, as peças só são apresentadas uma vez em cada freguesia, o que quer dizer que a Companhia mudou aproximadamente 410 vezes de espaço de apresentação. Retomaremos a questão da itinerância mais adiante, no Capítulo IV, quando estivermos a tratar das Características Distintivas das CdM.

Os locais de apresentação são diversificados, “desde cafés a casas particulares, margens dos rios, clareiras, quintas, parques termais, muralhas, tudo tem servido de terreno artístico”, afirma João Pedro Vaz⁶². A título de exemplo, referimos *Contrabando*, de Madalena Victorino (2009) que foi apresentado em espaços tão distintos como uma estufa de cravos no Verdoejo (Valença), à beira-rio em Vila Nova de Cerveira, na aldeia de Lara (Monção), do Bico (Paredes de Coura) e Parada do Monte (Melgaço) ou *Arribação*, de Luís Filipe Silva (2009), foi apresentado em cafés, nas aldeias. A *Casa Grande*, de Tânia Almeida (2011), apresentado numa quinta em Valença, num solar em Cerveira, no Parque Termal de Melgaço, numa casa em Coura e no Cine-Teatro de Monção. *Solar*, de Gonçalo Fonseca (2012) foi apresentado em quintas das Rotas do Alvarinho, foi dançado na Fortaleza de Valença, no Castelo de Vila Nova de Cerveira e na praia fluvial do Taboão, em Coura. *Passe-Vite*, de Gonçalo Fonseca e Tânia Almeida (2012), foi apresentado em restaurantes. *Divididos*, de Lee Beagley, esteve em vinte locais distintos, junto ao rio, em plena paisagem minhota, além dos espaços mais convencionais, se assim podemos referi-los, como sejam salas de

⁵⁹ A estrutura narrativa de *Casa Grande* tinha uma relação directa com a história do espaço escolhido.

⁶⁰ Ver Anexo 19

⁶¹ Ver Anexo 18, Mapa 1 e 2

⁶² Comédias do Minho, 2014, 49

Junta de Freguesias, centros cívicos, centros paroquiais, centros culturais, escolas, coretos, vinhas, quintas, solares, muralhas e tantos mais.⁶³

A programação abrange uma grande diversidade das propostas a nível de linguagens e criadores. Queremos ressaltar que não faz parte deste trabalho a análise da qualidade artística das propostas CdM e, para este efeito, propomos a consulta de artigos de opinião de Tiago Bartolomeu Costa, Inês Nadais e Alexandra Moreira da Silva, entre outros, publicados ao longo destes dez anos sobre a sua vasta obra. O nosso trabalho analisa a diversidade (não a qualidade, sublinhe-se). A grelha de programação de 2007 a 2013 dá conta de uma grande diversidade de criadores e de propostas. Para facilitar a análise, vamos debruçar-nos nos anos de 2011 a 2013 e vejamos os resultados: das nove peças apresentadas, cinco são assinadas por criadores exteriores à CdM, todos diferentes nas propostas e linguagens - *Rapaziadas Teatrais* foi uma colaboração com dois criadores/actores do Teatro Oficina, *Inverno* foi encenado por Nuno Cardoso, *O Esmagador de Uvas* foi encenado por John Mowat, *Maria não me mates que sou tua mãe* foi uma criação de Ricardo Alves dos Palmilha Dentada, e *Divididos* contou com a criação de Lee Beagley e da PS – Produções. A Companhia assinou as restantes criações: João Pedro Vaz com *A Terra do Desejo*, Gonçalo Fonseca com *Solar*, Tânia Almeida com *Casa Grande*, *Passe-vite* foi assinado pela dupla Tânia Almeida e Gonçalo Fonseca.

Muito poderíamos ainda acrescentar a propósito do trabalho da Companhia mas o nosso propósito é “levantar o véu” e deixar perceber o quanto existe por descobrir.

7.2 Projecto Pedagógico (PP) – Missão e Acção

O Projecto Pedagógico (PP) nasceu em 2007 pela mão de Isabel Alves Costa com a designação de *aproximate*, numa clara intenção de aproximar a comunidade à Arte. O PP pretendia responder à necessidade de um serviço educativo, quase inexistente nas práticas das Comédias e nos cinco municípios. Deveria, igualmente, manter uma programação regular. A implementação do projecto pedagógico ficou a cargo de Ana Lúcia Figueiredo, convidada por Miguel Honrado para criar a base teórica e plano de acção daquilo que ficou definido como *aproximate*. “O processo foi intuitivo e orgânico. Havia uma necessidade tão grande que o PP só teve que lançar as

⁶³ Ver fotos de alguns espectáculos no Anexo 11

sementes e amparar este crescimento” refere Ana Lúcia Figueiredo⁶⁴ a propósito da implementação do PP no território.

Desde a sua criação, o PP tem vindo a adquirir um peso considerável no trabalho desenvolvido pelas CdM e hoje é um projecto charneira na área da formação do público escolar, e não só, no Vale do Minho. O investimento financeiro das CdM na programação do PP está em pé de igualdade com qualquer dos outros eixos.

No *site* das CdM⁶⁵ observamos que o objectivo estratégico do PP consiste na criação de oportunidades de aprendizagem e de lazer que potenciem o desenvolvimento de competências cognitivas, críticas, criativas, afectivas e sociais ao longo da vida. O PP procura ainda articular a intervenção pedagógica com o universo artístico da Companhia de Teatro e do Projecto Comunitário, num esforço comum de sensibilização, formação e fidelização de públicos. Quanto aos objectivos operacionais, o PP pretende prosseguir o trabalho de formação artística dos jovens; continuar a abranger a totalidade dos alunos de ensino pré-escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básicos dos cinco municípios; abranger 2º e 3º Ciclos como público prioritário e prosseguir o investimento na formação contínua dos colaboradores locais. Para operacionalizar estes objectivos o PP trabalha em três frentes: Espectáculos, Acções de Formação para público escolar (alunos e professores) e Acções (de formação e não só) desenvolvidas com a Rede de Colaboradores Locais.

Ao longo destes seus sete anos de existência foram apresentados aproximadamente 64 iniciativas⁶⁶, entre espectáculos e acções de formação, dirigidos a vários segmentos de público, em particular ao público escolar e aos colaboradores locais, atingindo uma média de 6.000 pessoas, entre público e participantes. Sublinhamos que é objectivo do PP chegar a todas as escolas dos cinco municípios, seja através dum trabalho directo com as escolas seja por via dos colaboradores locais. De acordo com os dados analisados e informação obtida, este objectivo tem sido cumprido todos os anos.

Ana Lúcia Figueiredo e Tânia Pereira, do PP, foram responsáveis pela criação das primeiras acções e mantiveram esta colaboração até 2013, altura em que se desvincularam do projecto. Vários criadores provenientes de diferentes áreas das artes

⁶⁴ Ver Anexo 30

⁶⁵ Em <http://www.comediasdominho.com> [consulta realizada a 11Dez2014]

⁶⁶ Ver Anexo 20 e Anexo 11

foram convidados a participar no PP. Refira-se, a título de exemplo, Aldara Bizarro com *Uma Bailarina na Escola* (2007) e Margarida Mestre com *Pé de Vento* (2010) na área da dança, José Maria Vieira Mendes e Pedro Penin do Teatro Praga, com *Queres que te faça um desenho?* (2011) e João Pedro Vaz com *O Fidalgo Aprendiz*, em 2011.

As acções de formação incluem uma diversidade de formatos que importa explicar:

Oficinas e *workshops* para público escolar - Através do contacto com conteúdos, materiais, técnicas e ferramentas das artes preformativas ou das artes plásticas e visuais estimulam-se competências criativas e expressivas. Estas oficinas e *workshops* são criados e dinamizados por artistas convidados, pelos actores das CdM ou por colaboradores locais. Todos os anos a programação do PP inclui uma média de duas a três iniciativas deste tipo. Damos o exemplo de 2011 com *O Que Descobri*, de Ana Lúcia Figueiredo, Cristina Nogueira e Tânia Pereira e *Cubos e Cubismos*, da Rede de Colaboradores Locais.

Acções de exploração temática das peças da companhia para público escolar - As peças da companhia das CdM são exploradas pelo PP no sentido de potenciar novas leituras a outros públicos. Esta iniciativa é dirigida a alunos do Ensino Secundário. A título de exemplo refira-se que em 2011 houve *Casas Ocupadas*, de Tânia Almeida e Tânia Pereira (a partir do espectáculo *Casa Grande*, de Tânia Almeida e *Dança para Pequenos Fidalgos*, de Marta Silva e Tânia Matos).

Teatro escolar / *Encena* – Alunos e professores partilham um processo ao longo do ano lectivo, em torno de um tema comum, nas áreas da dramaturgia, encenação e da cenografia. Este trabalho é desenvolvido pelos professores dentro das escolas e tem contado com a colaboração de Gonçalo Fonseca, das CdM. *Encena* teve início em 2011 e mantém-se, apesar de apresentar algumas fragilidades.

Formação para jovens / *Nas Margens* - Foi um projecto de formação e criação artística dos jovens dos 12 aos 16 anos, com a duração de uma semana intensiva, desenvolvido a partir de uma abordagem dramática do rio Minho, enquanto símbolo comum de património natural destes territórios. Em cada ano, *Nas Margens* contou com o envolvimento de diferentes criadores, explorando diferentes linguagens. O projecto teve a primeira edição em 2009, aconteceu todos os anos e terminou em 2013. Ao longo das cinco edições colaboraram diferentes criadores, das CdM e exteriores, provenientes

de diferentes áreas de formação. Apontamos os seguintes exemplos: em 2009 contou com a colaboração de Hugo Oliveira, Luís Pedro Madeira, Marta Coutinho, Phillippe Peychaud e Romulus Neagu; em 2010 foram convidados António Júlio, Gonçalo Fonseca, Igor Gandra, Margarida Mestre e de novo Phillippe Peychaud, em 2011 Carla Veloso junta-se a Igor Gandra do Teatro do Ferro, além de Graeme Pulleyn, Leonor Barata, Miguel Fonseca e Vera Santos. Em 2012 e 2013 *Nas Margens* foi dirigido pelos cinco actores das CdM.

Formação para Adultos - em particular para agentes educativos, com o objectivo de sensibilizar para formas de intervenção educativa através da Arte e de contribuir para o desenvolvimento da criatividade na prática pedagógica. Desde 2008 o PP programa anualmente, em média, uma iniciativa deste género. Em 2010 Margarida Mestre dirigiu *Voz e Movimento* e em 2012 o *Projecto Teatro de Inclusão* foi da responsabilidade de Marco Paiva.

Da nossa análise às acções de formação desenvolvidas pelo PP ao longo dos sete anos concluímos que todos os anos todos os segmentos de público escolar recebem uma ou mais formações, o que vai ao encontro dos objectivos traçados pelo PP.

Afecta ao PP trabalha uma Rede de Colaboradores Locais composta por cerca de vinte técnicos de acção educativa dos cinco municípios. Estes colaboradores recebem formação regular do PP que lhes permite criar e implementar diversas actividades para o público escolar e famílias, mediante as necessidades, em termos de calendário e/ou de público-alvo, de cada autarquia. Estes técnicos funcionam também como extensões do PP no terreno e fazem trabalho de mediação entre as CdM e as instituições, colaborando no planeamento e logística das actividades. Esta dinâmica em rede permite alargar o alcance da intervenção do PP.

Em conversa com Tânia Pereira,⁶⁷ coordenadora do PP de 2007 a 2013, ficámos a perceber melhor a mecânica do projecto. Apresentamos aqui as ideias-chave retiradas desta conversa.

A programação é definida em função das necessidades sentidas no terreno. Esta auscultação é adquirida por varias vias, seja através do questionário de avaliação ou de pistas fornecidas pelos alunos ou professores.

⁶⁷ Ver Anexo 25

Anualmente definem-se diferentes actividades para diferentes segmentos de público - Pré-escolar, 1º. Ciclo, 2º. Ciclo, 3º. Ciclo e Secundário - e para cada segmento existe uma proposta com respectivo calendário. O objectivo é atingir todos os segmentos e todas as escolas, públicas e privadas, dos cinco municípios. Para tal, é elaborado um dossier que é apresentado às escolas. Todas as acções são acompanhadas por um elemento das CdM. As actividades do PP acontecem quase sempre fora da escola. Os espaços utilizados são normalmente museus e bibliotecas. Se a acção está integrada em contexto escolar acontece durante a semana, se se insere no âmbito familiar acontece ao fim de semana.

O grande desafio é criar nos jovens a vontade de ir ao teatro já fora do contexto escolar. Esta aposta está, aparentemente, ganha, porque, como nos referiu Tânia, há jovens que tiveram um primeiro contacto com o PP em contexto escolar, depois participaram *Nas Margens* e hoje fazem parte de um grupo de Teatro Amador local. Outros escolheram Artes, no Ensino Superior.

Todos os anos os colaboradores recebem formação numa área diferente, por intermédio dum criador das CdM ou exterior ao projecto. Em 2012, com Igor Gandra, do Teatro do Ferro, os colaboradores locais receberam formação sobre manipulação de marionetas durante nove dias e no final foram desafiados a criar o seu próprio espectáculo, *Lagarta Borboleta* - e apresentá-lo para o 1º Ciclo. A experiência foi descrita por Igor Gandra deste modo: “Este projecto pôs-nos em contacto com uma realidade para a qual talvez não estivéssemos tão despertos – a importância desta rede de parcerias (e de cumplicidade, no melhor sentido da palavra) que se formam entre a companhia e as diversas estruturas municipais de serviço público na cultura ao nível dos cinco municípios.”⁶⁸

Numa longa conversa com duas técnicas que fazem parte da rede de colaboradores locais, Elisabete Magalhães, técnica da Biblioteca Municipal de Monção (Elisabete)⁶⁹ e Filipa Pires, animadora cultural da Câmara Municipal de Monção (Filipa)⁷⁰, foi-nos dada a perspectiva de quem está do outro lado (das CdM). Elisabete conhece as Comédias desde o início e lembra-se como tudo começou “O PP veio bater à porta em 2007... “Temos um projecto, é necessário ajuda de outras pessoas do município (...)”. Inicialmente receberam formação para público pré-escolar e ao longo

⁶⁸ Comédias do Minho, 2014, 102

⁶⁹ Ver Anexo 26

⁷⁰ Ver Anexo 27

destes anos foram criando competências para trabalhar todos os segmentos do público escolar e senior. Hoje são estes técnicos que criam e implementam as suas actividades e aplicam-nas no seu município. Sublinha Elisabete “Cada agente educativo recebe a mesma formação e aplica-a de modo diferente. Isto funciona também como contaminador porque os professores assistem e depois replicam o que aprenderam.”

De notar que até 2007 a Câmara de Monção não dispunha de Serviço Educativo e este foi criado pela Filipa com a ajuda do PP. Hoje existe um Serviço Educativo com programação e calendário definidos. A programação é sempre discutida e articulada com as da CdM. Esta situação é idêntica nos municípios de Melgaço, Cerveira, Coura e Valença.

A propósito da importância do PP, Filipa acrescenta o exemplo seguinte “Um aluno que gostou de conhecer uma proposta das Comédias em contexto escolar vai acabar por querer conhecê-los mais e acaba por ir ao teatro ver uma peça deles (...) desde o Pré Escolar há um contacto directo com a arte”.

À luz dos factos enunciados resta-nos concluir que o Projecto Pedagógico das CdM é potenciador do desenvolvimento cultural da população do Vale do Minho. Desde o início este implementa regularmente uma diversidade de acções de formação artística e pedagógica, adaptado às necessidades, que atinge todos os públicos, em particular o escolar, investe na formação contínua dos Colaboradores Locais, procurando que estes apliquem as competências adquirida em iniciativas com alunos e professores e estes, por seu turno, apliquem e repliquem as mesmas competências. Igualmente importante é o facto de o PP estar a estimular os jovens para a Arte, em particular para o Teatro, criando neles a vontade de “ir ao teatro”, o tal “desejo de teatro” de Isabel Alves Costa.

7.3 Projecto Comunitário (PC) – Missão e Acção

A Missão do Projecto Comunitário caracteriza-se pela “colaboração, na programação, formação, dinamização e criação artística, dos Grupos de Teatro Amador do território ao longo do ano e em pontuais espectáculos comunitários, com forte envolvimento das populações e do tecido associativo local.”⁷¹ Como objectivos operacionais o PC pretende manter, solidificar e alargar processos de mediação cultural

⁷¹ Comédias do Minho, 2014, 151

com agentes territoriais e populações que mobilizem projectos comunitários e manter e solidificar a aposta na formação e criação artísticas com vários grupos de teatro amador, bem como abranger um maior número de associações culturais do território na actividade CdM.

A acção do PC é muito abrangente mas pode dividir-se em duas grandes linhas: actividades com a Rede de Grupos Amadores e espectáculos comunitários ⁷².

Da Rede de Grupos Amadores fazem parte cinco grupos amadores, um em cada município. O trabalho desenvolvido pelo PC consiste na formação e dinamização do grupo e na criação partilhada de espectáculos. Para operacionalizar esta colaboração cada actor das CdM trabalha com o grupo amador ao longo do ano, dum modo sistemático, dedicando-lhe, no mínimo, um dia por semana. A colaboração intensifica-se à medida que se aproxima a data de estreia do espectáculo. Deste trabalho resulta, entre outras iniciativas, a criação e apresentação de um espectáculo integrado no FITA VALE - *Festival Itinerante de Teatro Amador do Vale do Minho*, cuja primeira edição teve início em 2011.

Os grupos apresentam características muito diversas. Alguns têm um longo historial amador, outros foram constituídos recentemente, com a ajuda ou por iniciativa das CdM, como é o caso de Valença e Vila Nova de Cerveira ⁷³.

O grupo *Os Simples* (Melgaço) é orientado por Luís Filipe Silva. O TAC – *Teatro Amador Courense, Paredes de Coura* (Paredes de Coura) ⁷⁴ é orientado por Gonçalo Fonseca. A *Associação Filarmónica Milagrense* (Monção) ⁷⁵ é orientado por Rui Mendonça. *Verde Vejo – Grupo de Teatro da Associação Cultural do Verdoejo*

⁷² Ver Anexo 21 e Anexo 11

⁷³ *Os Simples* foi fundado em 1958 e orientado até 1974 por Vasco de Almeida, ano da sua morte. O grupo veio a retomar actividade em 2005, com o apoio das CdM e da Câmara Municipal de Melgaço. Todos os anos desde então o grupo apresenta uma peça por ano e desenvolve trabalho regular ao longo do ano. Mónica Tavares e Rui Mendonça orientaram o grupo até 2007, Gonçalo Fonseca até 2013, altura em que passou a ser orientado por Luís Filipe Silva. Gonçalo Fonseca afirmou em 2008, após dois anos de trabalho com *os Simples* “De salientar também a grande evolução dos actores (15) com quem já havia trabalhado no ano passado – e que este ano mostraram progressos a todos os níveis (...). O trabalho com os grupos de teatro amador é essencial, não só para o desenvolvimento do próprio grupo, como também para o meio social”. (CdM,2009.)

⁷⁴ TAC – *Teatro Amador Courense, Paredes de Coura* (Paredes de Coura) iniciou a sua actividade com as CdM em 2006 com *Albertina*, uma adaptação de *Lisístrata* de Aristófanes. Alguns dos elementos do grupo fizeram ou fazem parte de outros grupos amadores, entre eles o *Teatro do Bico*, com cerca de 40 anos de existência. O grupo tem cerca de dezassete elementos e apresenta um trabalho muito consistente e regular. Entre 2008 e 2010 foi orientado por Mónica Tavares e Rui Mendonça, em 2010 passou a ser da responsabilidade exclusiva de Mónica Tavares até 2013. (CdM,2009)

⁷⁵ A *Associação Filarmónica Milagrense* (Monção) tem uma larga tradição na música filarmónica, se bem que nos últimos anos e por influência das CdM, tem-se dedicado mais ao teatro. Segundo Ernesto Português “O teatro, não sendo inicialmente a actividade principal, tem vindo a ocupar esse lugar (...) despertando sentimentos muito profundos na comunidade, pela aproximação que proporciona a realidades que julgavam não ser mais possível.” ⁷⁵ (CdM, 2009:52). O grupo foi orientado desde 2008 por Luís Filipe Silva e, em 2013, passou para Rui Mendonça.

(*Valença*)⁷⁶ é orientado por Mónica Tavares e *Outra Cena* (Cerveira)⁷⁷ é orientado por Tânia Almeida.

O trabalho com os amadores intensificou-se e sistematizou-se a partir de 2009, com a chegada de João Pedro Vaz, que entendeu que o eixo comunitário deveria ser valorizado e igualar a importância que o Projecto Pedagógico já tinha adquirido. Desde então, o PC tem vindo a crescer e o FITAVALÉ é a prova mais acabada deste crescimento. Mas as mudanças não acabam aqui. Foi também após a chegada de João Pedro Vaz que se os actores amadores passaram a integrar peças da Companhia. O *Solar* e a *Casa Grande* são exemplo desta colaboração.

Em conversa com Paulo Lobato, da Associação Filarmónica Milagrense (Paulo)⁷⁸, ficámos a entender melhor a dinâmica e evolução do trabalho das CdM com os amadores. A informação que aqui é desvendada é uma amostragem do que acontece também com os outros grupos amadores, uma vez que o trabalho desenvolvido pelas CdM tem características idênticas nos cinco municípios.

Em 2000, a *Filarmónica Milagrense* produzia um trabalho bastante irregular e pouco focado no teatro. Com a chegada das CdM esta dificuldade foi ultrapassada “As Comédias fizeram aqui na biblioteca um curso de iniciação teatral e nós viemos todos, já estávamos organizados e mantivemo-nos”. Desde a chegada do João Pedro (Vaz) esta intervenção alargou-se “Eles criaram um espaço onde nós conseguimos penetrar (...) essa penetração torna-nos quase um elemento das Comédias (...). Encaramos as Comédias como parte integrante de nós...”.

Paulo sublinha a importância de trabalhar no meio de profissionais, refere que antes da chegada das CdM criavam uma produção de dois em dois anos e agora produzem pelo menos um espectáculo para o FITAVALÉ, colaboraram em espectáculos das CdM e produzem as suas próprias peças “No ano passado apresentámos um espectáculo nosso, não houve colaboração directa das Comédias mas sem elas não teríamos conseguido...”. Luís (actor/criador CdM) relata a sua experiência com este

⁷⁶ Valença não tinha tradição de teatro amador e só em 2009, com a criação do *Verde Vejo – Grupo de Teatro da Associação Cultural do Verdoejo*, as CdM tiveram possibilidade de desenvolver um trabalho regular neste município. O grupo foi inicialmente orientado por Tânia Almeida, em 2010 passou para Rui Mendonça e a partir de 2013 ficou sob a responsabilidade de Mónica Tavares. (CdM,2009)

⁷⁷ À semelhança de Valença, em Vila Nova de Cerveira não havia teatro amador. Em 2009, Tânia Almeida iniciou o trabalho com um grupo de jovens de Vila Nova de Cerveira e a partir daqui foi criado o Grupo de Teatro *Outra Cena*. No ano seguinte juntaram-se a este grupo alguns elementos da Universidade Sénior. *Outra Cena* é orientado por Tânia Almeida desde 2009, ano em que se iniciou colaboração com as CdM. (CdM2009)

⁷⁸ Ver Anexo 28

grupo amador: “Trabalhei muito com o grupo de Monção e a ideia era começar a desenvolver competências e torná-los capazes de fazer espectáculos (...) agora respondem a solicitações das Câmaras”⁷⁹. Paulo acrescenta “Por vezes aparece um grupo que quer trabalhar connosco (..) Nós queremos fazer espectáculos nossos, com encenações nossas, é evidente que vamos ter com eles (Comédias) quando precisamos”.

Desta estreita colaboração entre CdM e grupos amadores resulta o FITA VALE – *Festival Itinerante de Teatro Amador do Vale do Minho*. Decorre anualmente em meados de Maio, durante um fim-de-semana, e consiste na apresentação de cinco peças de teatro dirigidas pelos cinco criadores das CdM, apresentadas pelos cinco grupos amadores em cinco concelhos do Vale do Minho, devendo decorrer sempre num município diferente da sede do grupo amador. O Festival apresentou a sua primeira edição em 2011 e desde aí tem vindo a ganhar uma importância considerável a nível local, regional e transfronteiriço. Em 2013 o festival alargou-se a dois fins-de-semana e incluiu a participação de dois grupos espanhóis no âmbito da PLATTA, além do teatro escolar *Encena* e do *Seminário para Novos Críticos*, promovido pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro.

Do ponto de vista programático as peças apresentam bastante diversidade e exigência. A título de exemplo, vejamos o ano de 2013 e 2014; Os Simples (Melgaço) apresentaram *Woyzeck*, a partir de Georg Buchner e no ano seguinte *Tou Cheio de Toubir*, a partir de peças de George Feydeau; Verdevejo (Valença) apresentou *Lisístrada*, de Aristofanes, no ano seguinte *O Inspector Geral*, de Nicolai Gogol; O Outra Cena (VN Cerveira) apresentou *Ivone*, de Witold Gombrowicz e no ano seguinte *O Casamento do Pequeno Burguês*, de Bertolt Brecht; A Associação Filarmónica Milagrense (Monção) apresentou *O Poder do Futuro*, de Jorge Gomes e no ano seguinte *O Tempo Reencontrado*, exercício sobre a memória, a partir das obras de Marcel Proust; finalmente o TAC (Paredes de Coura) apresentou *46.2*, a partir de Franz Kafka e no ano seguinte *Pousio*. No ano anterior (2012) tinham sido escolhidos textos de Schnitzler, Jodorowski e Tati, entre outros. De modo a entender a dimensão artística deste Festival sugere-se a leitura de alguns artigos já publicados ⁸⁰.

⁷⁹ Ver Anexo 29 e Anexo 11

⁸⁰ Jorge Palinhos (Anexo 08) e Jorge Braun (Anexo 09) sobre FITA VALE 2012; uma compilação de textos de vários autores publicados na edição no n.º 20 da revista *Sinais de Cena* sobre o FITA VALE 2013 são alguns exemplos.

A circulação das peças permite aos grupos amadores a oportunidades de levar o seu trabalho a outras freguesias e partilhar experiências com outros amadores, permitindo a criação de laços e parcerias, o que contribui para a consolidação da rede cultural CdM. Este é um dos projectos mais agregadores levados “a cena” pelas CdM. Talvez nenhum outro tenha conseguido criar uma tão sólida e radical inscrição no território do Vale do Minho, por trabalhar para, com e a partir da comunidade. A crítica tem sido pródiga nos elogios. Eis um exemplo: “(...) E o FITA VALE é um milagre. Um milagre de esforço, entusiasmo, alegria, união, partilha, generosidade, improvisação e até inconsciência que durante três dias transforma a região, criando dentro dela um mundo imaginário: o mundo FITA VALE, onde centenas de pessoas, de diferentes concelhos vêm teatro, a mais louca das artes” Jorge Palinhos⁸¹.

Para concluir, queremos dar conta que o FITA VALE é, sem dúvida, o resultado dum trabalho de formação, dinamização e criação artística desenvolvida de forma continuada ao longo do ano por um grupo profissional a um grupo amador, mas é também o resultado da vontade de duas partes que confluem no mesmo sentido, o do “desejo do teatro”, à semelhança do que acontece com os alunos referidos no Projecto Pedagógico.

No que diz respeito aos espectáculos comunitários⁸², ao longo dos anos as CdM têm vindo a realizar intervenções artísticas inspiradas nas tradições e lendas populares de cada município. Estes espectáculos têm um grande envolvimento das populações e associações culturais locais. A criação fica, normalmente, a cargo de um actor das Comédias ou de um artista convidado, trabalhando em colaboração com as Associações locais e a população.

Deu-la-Deu, em Monção, aconteceu em 2008 e 2009; *Inês Negra*, em Melgaço, foi apresentado em 2006, 2007 e 2009; *Queima de Judas*, em Vila Nova de Cerveira, tem vindo a ser apresentada anualmente desde 2006. Valença só apresentou um espectáculo em 2013. Paredes de Coura nunca teve qualquer actividade neste âmbito. Em 2011 o Município de Monção celebrou 750 anos de existência e convidou as CdM para criar o espectáculo de comemoração desta data.

Estes espectáculos agregam uma forte adesão da comunidade porque remetem para a memória colectiva e potenciam a valorização social e identitária das populações.

⁸¹ Palinhos, 2012. Comédias do Minho, 2014, 163

⁸² Ver Anexo 21

Não obstante a constatação do contributo positivo estas iniciativas têm um carácter irregular devido a questões de articulação de calendário, orçamento, programação, e outras, entre CdM e municípios.

As *Conversas, debates, encontros e ensaios abertos* também fazem parte da carteira CdM. As conversas de porta aberta acontecem anualmente desde o seu início em 2011. Estas iniciativas foram criadas para promover a discussão, a partir de relações temáticas, dramáticas, artísticas e criativas com os espectáculos e os processos de criação. Para estes encontros são convidados criadores externos, em residência, mas também actores amadores locais e actores das CdM⁸³. Estes debates são abertos ao público.

8. Aspectos gerais

As parcerias nacionais e internacionais e os convites a artistas exteriores são uma constante das CdM. Os artistas e técnicos que até hoje colaboraram criativamente com as Cdm ultrapassam uma centena e meia⁸⁴, portugueses e estrangeiros, de diferentes áreas artísticas (dança, artes performativas, música, cinema, artes visuais), com diferentes linguagens, mais e menos convencionais. Ao longo dos anos as CdM desenvolveram parcerias com cerca de vinte agentes culturais, dos mais institucionais, Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Municipal de São Luiz, Teatro Nacional de S. João, às companhias independentes, Teatro do Ferro ou o Teatro Oficina, Teatro da Palmilha Dentada, Teatro Praga, Companhia Instável, sem esquecer o Centro Cultural de Vila Flor ou a Fundação Lapa do Lobo, entre outros⁸⁵. A nível internacional destacamos Les Theatrales des Jeunes en Europe (França), Mindelact (Cabo Verde), Bremer Shakespeare Company (Alemanha) Voadora, Fegatea, Feteacyl, Revista Galega de Teatro (Espanha). Em 2012, as CdM constituíram a plataforma PLATTA – Plataforma Transfronteiriça de Teatro Amador - com as federações de teatro amador FEGATEA da Galiza e FETEACYL de Castela e Leão e a Revista Galega de Teatro. Desde esse ano o FITAVALÉ no Vale do Minho, o Móve-te na Galiza e o Fronteiriços em Castela e Leão articulam uma programação conjunta.

⁸³ Comédias do Minho, 2014, 140

⁸⁴ Comédias do Minho, 2014, 198

⁸⁵ Comédias do Minho 2014, 199

Estas parcerias provam, no mínimo, que as CdM gozam de uma invejável vitalidade criativa e são “apetecidas” pelos parceiros e colaboradores. .

9. Breve análise de públicos

Com base nos relatórios produzidos pelas CdM a partir de 2010, produzimos uma análise simples mas reveladora ⁸⁶. Em todos estes anos o número de público aumenta: em 2010 foi de 12 163, no ano seguinte foi de 13 141 no Vale do Minho (e 3957 noutras localidades), em 2012 subiu para 13 695 e em 2013 aumentou para 14 859, confirmando a tendência em linha ascendente. Se analisarmos os eixos de acção, concluímos que o Projecto Pedagógico atinge um número superior (entre os seis e sete mil) e segue também a tendência ascendente. A Companhia apresenta números entre os 4 e os 5 mil e o Projecto Comunitário fica entre os 3 e 4 mil, mantendo igualmente a linha ascendente. Segundo o Censos de 2011, a população do Vale do Minho ronda os 61 mil habitantes, o que quer dizer que em 2010 quase 21% da população teve contacto com as CdM e em 2013 esta percentagem aproximou-se dos 24%, quase um quarto da população. Os números falam por si. Os dados a que tivemos acesso merecem uma análise sociológica aprofundada que não sabemos nem podemos aqui fazer mas não resistimos ao desafio à reflexão a partir da informação que se segue ⁸⁷. *Inverno*, de Nuno Cardoso (2011), circulou por 24 freguesias do Vale do Minho e foi visto por 1 161 pessoas. No Sopo (concelho de Cerveira, com 557 habitantes) teve 44 espectadores, em Rubiões (concelho de Coura, com 512 habitantes) teve 55 espectadores, em Tropariz (concelho de Monção, com 768 habitantes) teve 60 espectadores, em Castro Laboreiro (concelho de Melgaço, com 540 habitantes) teve 32 espectadores e no Cristelo Covo (em Valença, com 965 habitantes) teve 60 espectadores. Em Lisboa, no Teatro Municipal de São Luiz, a peça esteve em cena três dias e contou com 116 espectadores nos três dias...

⁸⁶ Ver Anexo 23 e Anexo 18, Mapa 2

⁸⁷ Ver Anexo 18, Mapa 2

Capítulo IV – Características distintivas das Comédias do Minho

*A Utopia e os Pés na Terra*⁸⁸

Da nossa análise às práticas das CdM ressaltam algumas características que, pela sua singularidade e pertinência, parece-nos útil desenvolver. De modo a facilitar a sua “arrumação”, vamos dividi-las em dois grandes grupos – as três primeiras emergem a partir de factores externos e as restantes emergem a partir de factores internos. É claro que nada disto é estanque porque existe interpenetração entre factores e porque as dinâmicas de causa/efeito e acção/reacção permitem que cada um seja o que é em reacção à acção do outro.

10. Iniciativa Política

Desde logo, é inusitado que a criação dum projecto cultural parta de iniciativa política - cinco municípios - uma vez que na maioria dos casos a criação de companhias ou associações culturais parte da vontade de agentes culturais ligados às Artes. Mais, foi criada uma associação autónoma – Associação Comédias do Minho - de modo a garantir independência do projecto cultural face ao poder político. Esta característica é, de resto, destacada por Isabel Alves Costa “Quando pensamos que este projecto nasceu porque cinco presidentes (...) decidiram que, tendo os problemas básicos da população mais ou menos resolvidos, aquilo que é preciso é ter uma companhia de teatro que leve o teatro às aldeias (...) isto é uma coisa completamente inédita, nunca tinha encontrado autarcas que tivessem essa visão. A segunda coisa é terem criado uma associação de direito privado, o que agiliza imenso o trabalho.”⁸⁹

Não podemos esquecer que as CdM são um projecto político porque resultam duma vontade política que pretende criar uma política cultural mas a grande diferença reside no facto deste mesmo poder político ter entregue o projecto cultural a uma entidade autónoma, a Associação CdM. Ora, daqui resulta uma situação francamente confortável para as CdM, uma vez que as CdM gozam de vantagem de ser um projecto político porque são legitimadas e protegidas pelo poder político e gozam igualmente da

⁸⁸ Título do catálogo da exposição sobre a obra de Gonçalo Ribeiro Telles, organizado por Aurora Carapinha

⁸⁹ *Cit in* Comédias do Minho, 2014,15

vantagem de ser um projecto cultural porque não têm a sua liberdade caucionada pelo poder político.

Tomemos, agora, por referência um texto de João Teixeira Lopes:

“Confunde-se, amiúde, uma política cultural com um inventário de iniciativas e projectos. Esquece-se, com facilidade, que importa, antes de mais, optar, tendo em conta um conjunto de cenários existentes. E que estas opções, em termos territoriais, jamais poderão ser feitas numa representação de auto-isolamento. O território funciona em rede e as cidades, grandes, médias ou pequenas competem entre si. Uma política cultural para uma cidade de pequena dimensão implica, pois, previamente, “uma atitude política para a cultura”, sabendo que “esta dificilmente existirá se não houver uma verdadeira formulação política global”.⁹⁰

Na verdade, uma das razões da “boa saúde” das CdM reside na visão destes cinco autarcas que ao unirem forças no sentido de criar uma política cultural comum contribuíram para colocar o Vale do Minho no mapa.

11. Apoio mecenático

As CdM têm um Mecenas desde o início. É a VentoMinho, do grupo DST, uma empresa de exploração de energia eólica, com sede em Braga e a operar no Vale do Minho. A VentoMinho presta apoio anual no valor de 100 mil euros, uma verba bastante significativa no orçamento das CdM. Este Mecenas entende que tem o dever de oferecer uma parte da sua riqueza no lugar de onde ela é retirada e que esse investimento deve ser aplicado na cultura, um gesto que merece sublinhado. A este propósito citamos José Teixeira, Presidente do Grupo DST, acionista da VentoMinho “Tudo começou a partir de um investimento, em que o grupo DST participa, e da existência da coincidência, entre os três accionistas da VentoMinho, sobre a importância de deixar uma parte da riqueza nos sítios a partir dos quais as nossas empresas ganham e, crucial no denominador comum a estas empresas: reconhecer a influência que a cultura tem na economia”⁹¹.

De notar também que este tipo de mecenato “invisível” é muito pouco comum em Portugal, onde estamos habituados àquilo que Helena Santos intitula de “mecenato de consagração”⁹², ou seja, o mecenas associa o seu nome a uma instituição de cultura já consagrada ou a iniciativas culturais de forte impacto mediático, o que, desde logo, garante retorno simbólico e impacto positivo para o mecenas. No caso da VentoMinho não existe esta visibilidade mas é criado um vínculo entre a empresa, as autarquias e as

⁹⁰ Lopes, 2000, 86

⁹¹ Comédias do Minho, 2014, 13

⁹² Santos 2014. Comédias do Minho, 2014, 121

CdM que garante a sustentabilidade das CdM e, em consequência, produz benefício para a comunidade e para autarquia, em prol do bem comum.

12. Constância e confiança dos parceiros e do mecenas

Um aspecto que, sem dúvida, concorre para a boa saúde das CdM é a constância do apoio das autarquias e do mecenas. Em 2009, no texto de apresentação do livro das CdM, escrevia António Pereira Júnior, à altura presidente da Câmara de Paredes de Coura e fundador da Associação CdM “Nestes cinco anos de existência, a Comédias do Minho impôs-se no seu território, nas diversas dimensões do projecto e alcançou, por mérito próprio, o estatuto de exemplo nacional e com projecção internacional (...) o sucesso atingido impõe-nos o dever moral e político de prosseguir e desenvolver esse projecto cultural de grande relevo e inquestionável qualidade artística”⁹³. Cinco anos volvidos, em 2014, escrevia Vítor Paulo Pereira, actual Presidente da Câmara Municipal de Paredes de Coura “Aquilo que as Comédias do Minho fazem deveria ser obrigatório porque é muito mais do que ensinar. Não tenho dúvidas de que este projecto é uma escola invisível.”⁹⁴. Presume-se que o mesmo aconteça com os outros quatro autarcas uma vez que os cinco municípios continuam a fazer parte da Associação e a apoiar o projecto do mesmo modo e com a mesma vitalidade desde o primeiro ano, independentemente das mudanças políticas.

De salientar o trabalho de proximidade desenvolvido pelos cinco Responsáveis Técnicos (RT) destacados pelas autarquias para acompanhar as actividades das CdM. As acções desenvolvidas entre as partes são diversas: os RTs são consultados e escutados para questões de programação, estão presentes nas reuniões anuais de avaliação da equipa CdM; os próprios ou um seu representante estão presentes na apresentação dos espectáculos ou em outras actividades na sua autarquia, agilizam todas as questões de logística das CdM com a autarquia e as autarquias parceiras, decidem, em parceria com as CdM, as freguesias onde devem ser apresentados anualmente os espectáculos, fazem a ponte com estas freguesias e os Presidentes de Junta, são interlocutores ou facilitadores de contacto entre CdM e empresas, associações, instituições ou particulares. Ao longo de dez anos os laços estabelecidos entre as CdM e os Responsáveis Técnicos têm vindo a solidificar-se e a relação entre as partes é cada

⁹³ Comédias do Minho, 2009, 5

⁹⁴ Comédias do Minho, 2014, 11

vez mais cúmplice, de efectivo “partenariato” sublinhado por Helena Santos, “(...) do nosso estudo ressalta com clareza que, entre as condições de possibilidade (e de amadurecimento) das Comédias do Minho como elemento estrutural daquela região, se encontra uma relação estreita, de confiança e de partenariato efectivo, com as instituições regionais”⁹⁵.

Quando ao apoio mecenático tudo indica que a VentoMinho continuará a prestá-lo, de acordo com as afirmações de José Teixeira⁹⁶ “Passaram nove anos, quase a idade da companhia, muita crise chegou mas nenhuma suficientemente forte para nos fazer abandonar este projecto cultural e educacionalmente poderoso que mudou e continuará a mudar esta região no sentido do mundo desenvolvido”⁹⁷.

13. Itinerância. Imersão no território

A itinerância é a bandeira das CdM. Este elemento diferenciador permite-lhes a ligação ao território, o conhecimento da comunidade e o reconhecimento desta. De notar que a circulação é inerente aos três eixos – Companhia, PP e PC. Nos cinco municípios há 103 freguesias, algumas com menos de uma centena de habitantes e muitas de difícil acesso. Nos dez anos de existência as CdM já fizeram espectáculos em quase todas as freguesias, independentemente das dificuldades. Este é um dos aspectos mais valorizados pela comunidade e foi sublinhado por todos os entrevistados. “(As Comédias] continuam a ir ter com as pessoas, a ir à casa das pessoas, praticamente. E isto faz a diferença. Há casos concretos de velhinhos, de pessoas que nunca viram mais nada, que só saem da sua freguesia para vir à farmácia, ao médico, se as Comédias forem lá, eles facilmente vão (...) É muito gratificante, nunca deviam deixar de ir às freguesias. Entram [as CdM] no território, entraram nos corações e fizeram com que eles [os “velhinhos”] gostassem de teatro” (Filipa)⁹⁸. “São itinerantes e isto é o que os distingue de todos os outros” (Elisabete)⁹⁹.

De notar que por itinerância se entende fazer um espectáculo por dia, por freguesia, o que quer dizer que o espectáculo é montado e desmontado no mesmo dia porque no dia seguinte estará noutra lugar. De sublinhar também que o Vale do Minho

⁹⁵ Santos, 2014. Comédias do Minho, 2014,129

⁹⁶ Presidente do Grupo DST, acccionista da VentoMinho

⁹⁷ Comédias do Minho, 2014, 13

⁹⁸ Anexo 27

⁹⁹ Anexo 26

tem uma área aproximada de 800 km², que a maior parte dos elementos da equipa reside em Paredes de Coura e para se deslocar tem que percorrer muitos quilómetros, em estradas de difícil acesso, por vezes em condições muito adversas, em particular no Inverno, com temperaturas negativas e estradas geladas. Mas estas adversidades não são elemento desmotivador, pelo contrário, e é por esta razão que todos os anos, e por vezes mais do que uma vez, as CdM apresentam as suas peças em Castro Laboreiro, uma pequena freguesia do concelho de Melgaço que fica a 70 kms de Paredes de Coura, local de partida (e chegada) da equipa. Relatamos, de forma breve, um dia de itinerância: Ida a Vascões, freguesia de Paredes de Coura, com 223 habitantes, a 10 kms de Coura. A equipa (os actores e um técnico) encontra-se às 15h no escritório das CdM, no Centro Cultural de Paredes de Coura, e daí sai em direcção a Vascões, em duas carrinha, uma de passageiros para os actores e outra de carga, para o cenário e o equipamento técnico. Uma carrinha é conduzida pelo Vasco (técnico e às vezes actor) e a outra por um actor. No caminho, se passam por alguma freguesia, anunciam o espectáculo. Chegados a Vascões, dão uma volta a anunciar a “função”. Às 16h00 chegam à Junta de Freguesia, local onde vai decorrer o espectáculo, descarregam e montam o cenário, e a maior parte das vezes montam também a “plateia”. Tudo isto demora, no mínimo, uma hora. Entre as 17h30 e as 18h30 fazem testes de luz e som e passagens de texto. De seguida, regressam a Coura para jantar porque em Vascões não há restaurante e às 20h00 estão de volta a Vascões. Abrem as portas às 21h00. São os actores que recebem e sentam o público. O espectáculo tem início às 21h30 e termina por volta das 23h00. No fim, desmontam e arrumam tudo na carrinha. Esta operação é demorada bastante tempo porque, para que tudo caiba, é necessário muito método e “engenho”. À meia noite aproximadamente estão prontos para regressar. Chegam a Coura alguns minutos depois. Por curiosidade, deixamos este registo: em 2011, as CdM estiveram em Vascões com *Inverno*, de Nuno Cardoso e assistiram 55 pessoas, ou seja, 25% da população. Vascões é o exemplo da freguesia mais próxima. Se considerarmos Castro Laboreiro, a 70 kms de Coura, então a saída faz-se uma hora mais cedo e o regresso acontece, pelo menos, uma hora mais tarde. No dia seguinte a operação repete-se. Os espectáculos são apresentados de quinta-feira a domingo, durante cinco semanas seguidas, de modo a completar o ciclo das quatro freguesias dos cinco concelho. Esta

ciclo repete-se três vezes por ano, uma vez que a Companhia apresenta três peças anualmente¹⁰⁰.

Esta aproximação, ou melhor, imersão no território e o sentimento de pertença à comunidade é uma inerência das CdM e, portanto, acontece dum modo natural em todas as situações - na relação com o público, os colaboradores da rede do PP, os grupos amadores e associações, as escolas (alunos, pais e professores) . A este propósito dizia-nos Filipa “Há uma entrega muito grande (...) eles [actores] conhecem as freguesias, as pessoas”¹⁰¹ e Paulo¹⁰² “Eles criam espaço onde nós naturalmente conseguimos penetrar e essa penetração faz-nos senti-los (Comédias) como um de nós”. A comunidade acolhe bem as iniciativas das CdM e para ilustrar este facto damos conta dum episódio relatado por Paulo que, à altura, causou estranheza e admiração aos envolvidos. Quando João Pedro Vaz encenava a *Deu-la-Deu*¹⁰³ viu passar um grupo de *motards* e convidou-os a participar. Estes aderiram de imediato. Vieram de diferentes freguesias, foram pontuais, participativos e disponibilizaram-se para outros convites. “As CdM chamam a comunidade a participar (...) Isto foi fundamental” conclui Paulo, a propósito do episódio dos *motards* e da aproximação descomplexada entre as CdM e a comunidade.

Este sentido de pertença e identidade cruza a fronteira das relações laborais para a esfera privada, porque, naturalmente, cada elemento das CdM é também cidadão e individuo e, enquanto tal, estabelece relações sociais. Nesta matéria, importa sublinhar que a equipa é constituída por onze elementos, todos vivem naquela região e só um é oriundo do Vale do Minho. Todos se mudaram para lá quando integraram as CdM e por lá construíram as suas vidas. “Não temos uma falsa ideia de comunidade. É mesmo real. Não me sinto estrangeiro. Não sou estrangeira. Estou mesmo lá. O que é a comunidade então? Tem tantos sentidos, tantas valências. Tanto tomas um copo com alguém do teatro amador como vais jantar a casa dele. Não é. É o que é”¹⁰⁴

Tudo nos leva a concluir que este posicionamento das CdM face ao território é igualmente vivido pela comunidade que não as estranha e trata-os como minhotos.

¹⁰⁰ Ver Anexo 11, Fotos 19 e 20

¹⁰¹ Ver Anexo 27

¹⁰² Ver Anexo 28

¹⁰³ Espectáculo encenado por João Pedro Vaz em 2011 em Monção, em vários espaços exteriores, que envolveu centenas de participantes do grupo amador, de várias associações locais e da população em geral

¹⁰⁴ Citação dos actores no texto de Tiago Bartolomeu Costa. Comédias do Minho, 2014, 60

14 . Comunicação de proximidade

Sublinhamos o modo como a comunicação é veiculada, igualmente informal e próxima, e surpreendente. A maior surpresa é o uso do carro de som, à velha maneira portuguesa. A equipa (actores e técnico) partem de Paredes de Coura depois de almoço para montar o espectáculo desse dia. Por todas as aldeias onde passam, anunciam o espectáculo. Quando chegam à localidade onde este acontece circulam pelas ruas, dentro da carrinha, anunciando e distribuindo brochuras. Por vezes são os actores que dão voz, ao vivo, a estes anúncios, outras vezes utilizam uma gravação. O carro de som com dois altifalantes pendurados no tejadilho é, de resto, um ícone das CdM, reconhecido e saudado ao longo do caminho por onde passa. Outros aspectos dignos de nota é o acolhimento em sala. Nas pequenas freguesias por onde a Companhia passa são os actores que recebem as pessoas, ajudam a escolher o lugar e conversam, mais uma vez dum modo familiar, informal e próximo. É espantoso para alguém de fora perceber que os actores conhecem quase todas as pessoas que assistem aos espectáculos e mais espantoso é perceber que as pessoas conhecem os actores e sabem os seus nomes. Claro que existem os meios convencionais de comunicação. Regularmente é disponibilizada informação no *site* das CdM e enviada para as Câmaras, rádios locais, associações, grupos amadores, centros culturais, bibliotecas, juntas de freguesia, e outros locais públicos e são distribuídos cartazes e outros formatos nestes espaços e em todos os locais públicos, sejam cafés, restaurantes, lojas comerciais. O passa-palavra é igualmente importante nestas pequenas localidades e, por isso, quando se entra num café não raras vezes se ouve alguém comentar a próxima peça das CdM.

15. Rede cultural

Cinco municípios, um projecto cultural. É assim que se definem as CdM nos documentos de apresentação do seu projecto.

A rede CdM é a grande responsável pelo impacto das actividades desenvolvidas pelas Comédias e veiculadas por todos os seus intervenientes. Esta rede de carácter formal e informal funciona como uma central distribuidora de informação, de conhecimento, de recursos humanos e técnicos, optimizando as valências dentro da rede e com efeito contaminador para fora dela. Ao longo do presente trabalho fomos enumerando os vários intervenientes que, em números redondos, contará com mais de

150 pessoas, entre RTs, colaboradores do PP, agentes educativos, pais, professores, grupos amadores e associações locais.

O raio de acção desta rede é amplo e complexo. De forma a ilustrar um pouco este funcionamento, damos, a seguir, alguns exemplos.

A propósito da articulação de recursos, Tânia dá-nos um exemplo da ajuda prestada pelos colaboradores locais na deslocação de crianças para uma acção do PP “Movimentar 1200 miúdos não é fácil, tenho que ter a ajuda de alguém”¹⁰⁵. “A logística somos nós que tratamos” confirma Elisabete ¹⁰⁶.

A propósito da Rede de Colaboradores Locais diz-nos Filipa “Desde que nos conhecemos trocamos experiências, trocamos informação entre nós”¹⁰⁷. O mesmo refere Paulo sobre os outros grupos amadores “Nós não sabíamos da existência dos outros nem eles da nossa, a partir da chegada das Comédias criou-se uma rede (...)”¹⁰⁸

Os serviços educativos de algumas câmaras eram insipientes ou inexistentes antes das CdM, com a chegada das CdM o panorama mudou. Hoje todas as câmaras têm serviço educativo a funcionar de forma mais ou menos formal, mais ou menos estruturado e organizado. Todas articulam a sua programação com o programa do PP. “Existe o Projecto Pedagógico das Comédias e existe o nosso, nós cruzamos as temáticas para não haver sobreposição...”, informa-nos Filipa.¹⁰⁹

Os grupos amadores são recorrentemente solicitados para integrar projectos das CdM, veja-se os casos de *A Casa Grande ou Solar*¹¹⁰, por exemplo. Mas o contrário também acontece. Diz-nos Luís: “Eu e o Vasco [técnico das CdM] colaborámos no espectáculo de teatro dos *Milagres* [grupo amador *Associação Filarmónica Milagrense* (Monção)]”

Pela complexidade de meios que exigem, o FITA VALE (integrado no Projecto Comunitário) e *Nas Margens* (integrado no Projecto Pedagógico) são dois bons exemplos de articulação de vários meios no terreno.

¹⁰⁵ Anexo 25

¹⁰⁶ Anexo 26

¹⁰⁷ Anexo 27

¹⁰⁸ Anexo 28

¹⁰⁹ Anexo 27

¹¹⁰ *A Casa Grande*, de Tânia Almeida em 2011 e *Solar*, de Gonçalo Fonseca, em 2012 foram adaptados a cada um dos cinco municípios e contaram com a participação do grupo amador desse município.

Este funcionamento em rede só é possível porque todos os intervenientes trabalham no mesmo sentido, ou seja, todos participam com empenho e responsabilidade. A este propósito João Pedro Vaz lembrou, e bem, que é curioso notar que à excepção dos municípios que formalmente se associaram em rede, todos os outros intervenientes participam de modo informal. Concluímos nós que se a rede funciona é porque existe confiança entre as partes e vontade de trabalhar para o bem comum, e é este aspecto que nos parece importante sublinhar. À semelhança de situações anteriormente referidas, o trabalho de proximidade é o grande responsável pela boa gestão desta rede que amplia o projecto cultural CdM dum modo orgânico e, por isso, sustentado e difícil de destruir.

16. Formação para todos

A formação é parte integrante do programa das CdM, é o seu propósito tão ou mais activo que os espectáculos. Dar formação é transversal aos três eixos, cada um com especificidades diferentes, que se cruzam em algumas áreas de acção.

O Projecto Pedagógico abrange alunos, técnicos e famílias do pré-escolar ao 12º Ano, numa média total de 6 000 participantes, num universo de cerca de 61 000 habitantes (Censos 2011). Anualmente é desenhada uma estratégia de acção que visa atingir todos os públicos e técnicos dos cinco concelhos, com 12 agrupamentos escolares. De 2007 até 2014 o trabalho foi afinado de acordo com as necessidades sentidas no terreno. No primeiro ano de criação do PP, em 2007, a preocupação foi mapear e diagnosticar a realidade, mergulhando no território e escutando todos os agentes educativos. A partir daqui o trabalho foi ganhando forma, sempre de acordo com as necessidades sentidas. Em linhas gerais, o PP estrutura as actividades de acordo com o tipo de público-alvo, com a programação da Companhia e com as necessidades específicas de cada grupo. Todas as actividades têm um objectivo formativo.

O PP trabalha com uma rede de colaboradores locais, em média dois por município, podendo ser mais. A formação dada a estes colaboradores faz parte integrante do programa do PP. Há, no mínimo, uma formação por ano. Todos os anos é escolhido um dos cinco concelhos para local de formação e os outros quatro deslocam-se aí. A formação é construída em diversas áreas (teatro, dança, música, etc) e por diferentes formadores, das CdM ou convidados.

Damos o exemplo de 2013. A iniciativa decorreu em Vila Nova de Cerveira. Todos os colaboradores foram convidados a participar num curso de formação no Teatro de Marionetas. Cada concelho seleccionou dois técnicos e durante nove dias tiveram formação com o Igor Gandra, do *Teatro do Ferro*. No fim, os intervenientes foram desafiados a apresentar um espectáculo para o 1º. Ciclo. Gonçalo Fonseca, um dos actores da companhia, encenou “Sem dúvida é enriquecer criar algo do principio ao fim e aplicar.” (Filipa) ¹¹¹ Já aplicámos a formação” (Elisabete) ¹¹². O projecto que daqui resultou intitula-se *Lagarta Borboleta*.

Nesse mesmo ano, 2013, aconteceram outras acções, em formatos diferentes, variando de acordo com o tempo de duração e o público-alvo. *Encena/Projecto de Teatro escolar*; *Personagens Paralelas/Leituras encenadas*; *Nas Margens / Workshop de Formação Artística*. *Alquimias / Oficina Criativa*. O conjunto destas iniciativas atingiu todo o público escolar, do Pré-escolar ao Segundo Ciclo.

O PP tem a preocupação de dar competências que podem ser aplicadas ao longo da vida e o programa é anualmente melhorado, de modo a acrescentar valor e qualidade. “Cada ano damos mais um passo, até agora têm feito ateliê (...) cada ano acrescenta mais um grau de dificuldade” (Tania) ¹¹³.

Quando analisámos o Projecto Comunitário no Capítulo III tivemos oportunidade de abordar o trabalho de formação e dinamização desenvolvido pelos actores com os grupos amadores. Este trabalho de aprendizagem tem como finalidade transmitir-lhes conhecimentos artísticos que lhes permita trabalhar dum modo autónomo em diferentes áreas técnicas ou artísticas além de prepará-los para a apresentação de uma peça no âmbito do FITAVAL. Das impressões que recolhemos da conversa com Paulo Lobato concluímos que esta formação está a ser útil e já deu fruto, a julgar pelo trabalho que o grupo agora desenvolve. A este propósito, citamos Luís “Nós emprestamos o nosso esforço para criar uma rede de oferta cultural para cada um poder construir o seu espectáculo e fazer programação própria... depois de desenvolvido tem que ter pernas para andar” ¹¹⁴.

Numa apreciação final, em matéria de formação facilmente concluímos que as CdM são um projecto de formação cultural cuja acção é colocada ao serviço da formação do

¹¹¹ Anexo 27

¹¹² Anexo 26

¹¹³ Anexo 25

¹¹⁴ Anexo 29

público escolar, de professores, das famílias, dos animadores culturais, grupos amadores, da população, numa abrangência invejável. Notamos igualmente que esta formação acontece de modo sistemático e contínuo e obedece a um processo evolutivo, revelando-se estruturante na construção de pessoas mais criativas, mais críticas, e socialmente mais capazes.

Quanto à formação da equipa CdM notámos que anualmente são programadas acções de formação para os seus elementos, designadamente participações em Encontros, Seminários, Congressos, Conferências¹¹⁵. A presença de criadores externos coloca os actores perante outros modos de criação artística e, neste sentido, tem função formativa. As *Conversas de Porta Aberta* são espaços de debate enriquecedores. Não desenvolvemos este aspecto porque não dispomos de informação cabal. Contudo, não podemos deixar de referir Pierre Voltz¹¹⁶, pela importância que teve na formação do grupo CdM, transmitindo abordagens e conhecimentos que moldaram as CdM que hoje conhecemos.

17. Monitorização do trabalho. Transparências de procedimentos

O trabalho da equipa da CdM é rigorosamente avaliados pelos próprios. Duas vezes por ano cada elemento das Comédias produz uma auto-avaliação e avaliação dos projectos em que esteve envolvido Estes documentos, produzidos individualmente por cada elemento das CdM, são entregues a João Pedro Vaz que, por sua vez, remete-os para a Direcção da Associação, composta pelos Responsáveis Técnicos dos cinco municípios. No final do ano, de posse desta informação, os Responsáveis Técnicos, João Pedro Vaz e Pedro Morgado procedem a uma análise de resultados do ano que findou e apontam-se directrizes para o ano seguinte. Do resultado deste exercício conjunto, João Pedro Vaz produz um relatório geral onde sintetiza o ano de trabalho no que respeita a objectivos desenhados no Plano de Acção e metas alcançadas, a partir do escrutínio de todas as acções da companhia nos três eixos. Este relatório é finalmente

¹¹⁵ Informação retirada dos Relatórios Gerais das CdM

¹¹⁶ Pierre Voltz (Presidente da associação Les Théâtrales) que foi chamado ao projecto por Isabel Alves Costa em 2006 e manteve-se ligado às CdM até à sua morte, em 2011. Pierre Voltz tinha uma larga experiência de trabalho de teatro amador e chegou com o objectivo de aproximar os actores ao território. Organizou, em parceria com Anne Simon, seminários sobre *Implementação de uma actividade de teatro em meio rural*, e com Bénédite Simon deu formação sobre *A intervenção dos actores junto dos grupos amadores*. Encenou e acompanhou artisticamente várias peças entre 2006 e 2011. Foi acompanhado nesta missão por Phillipe Peychaud, da associação Les Théâtrales.

entregue aos Responsáveis Técnicos. Esta transparência de procedimentos concorre para a relação de confiança dominante entre a direcção da CdM e as autarquias.

Desde o início (2007), o Projecto Pedagógico avalia regularmente as suas acções junto do público e participantes utilizando alguns instrumentos para este efeito (questionários de avaliação e grelha de observação)¹¹⁷ além da escuta das necessidades observadas e transmitidas pelos colaboradores, pelos professores ou animadores culturais. As acções da Companhia e do Projecto Comunitário são escrutinadas pelos actores e técnicos nos dois documentos de auto-avaliação produzidos durante o ano. Todos estes procedimentos revelam-se determinantes na boa gestão das CdM porque permitem diagnosticar o que deve ser alterado e provocam a coesão do grupo enquanto um todo na persecução dum objectivo comum.

18. Programação eficaz

Não temos dúvidas que uma das razões de reconhecimento das CdM está no desenho de programação. Ao longo deste trabalho fomos dando vários exemplos, com o singelo objectivo de demonstrar a sua diversidade, abrangência e inovação. Sabemos, contudo, que estes adjectivos não são o garante de uma boa programação. Uma obra tem por detrás o seu criador e neste caso é João Pedro Vaz, Director Artístico das CdM desde 2009. A ele se deve este desenho de programação que resulta dum pensamento e duma intenção clara e definida. Correndo o risco de subjectividade, arriscamos adjectivá-la de sensível, atenta, desempoeirada, sólida, erudita e popular. E citamos o próprio a propósito da programação desejável “São modelos (de programação) mais heterogéneos entre si, pensados com, para e até sobre essas mesmas paisagens culturais, envolvendo, sem complexos, agentes locais, sendo paroquial deliberadamente, usando os coretos das freguesias, como caixas de ressonância acústica e simbólica. (...) De acordo com as necessidades são importados artistas (com a sua notável mobilidade), conceitos e linguagens, os formatos podem até ser de elevado grau de transferabilidade, mas é o território de acção que oferece as chaves de leitura últimas (ou primeiras) e o que lá se faz é, por isso, único.”¹¹⁸ e “O desenho de programação não é popular, os procedimentos são”. Por procedimentos entenda-se os diferentes modos de escuta do território.

¹¹⁷ Ver Anexo 13

¹¹⁸ Vaz, 2014. Comédias do Minho, 2014, 171

Dentro das iniciativas de programação entendemos pertinente destacar o FITAVALÉ por ser um projecto mobilizador e agregador, gerador de empatia, e potenciador de capital simbólico. Do mesmo modo, os espectáculos inspirados em lendas e tradições populares como *Deu-la-Deu*, *Queima de Judas* e *Inês Negra* permitem às CdM um grande aproximação à comunidade obtendo, como resultado, um inegável reconhecimento por parte da população.

Dada a importância que revela no panorama cultural nacional, é nosso entendimento que a dimensão artística das CdM merece ser objecto dum estudo mais aprofundado.

Numa última nota breve assinalamos a multiplicidade de funções assumida pela equipa CdM, comum, quem sabe, a todas as pequenas companhias de teatro, porém, aquilo que pretendemos sublinhar é o vastíssimo trabalho dos actores que são igualmente criadores, encenadores, e formadores (além de ajudarem na produção e técnica dos espectáculos), o que faz deles os verdadeiros agentes culturais no território, ao serviço da população, num exercício inegável de cidadania e de democracia cultural, chegando a todos, em nome das autarquias que representam. Pela importância que reveste, muito interessante seria que fosse desenvolvido um trabalho mais aprofundado sobre este tema.

Conclusão

“os artistas e/ou as obras hão-de saber trocar com o(s) público(s) palavras, silêncios, emoções, engenho, arte pura, sem excessiva tradução, sob pena de recusarmos ao público um direito primordial: o de não interpretar o que vê ou sente”

João Pedro Vaz¹¹⁹

Ao longo deste trabalho identificámos as práticas de cultura das CdM, cumprindo, assim, o objectivo a que nos propusemos de dar resposta à pergunta inicial sobre quem são, o que fazem e como fazem as CdM. Se quisermos resumir este “fazer” podemos afirmar que as CdM são um projecto cultural legitimado pelo poder político com uma estrutura independente que responde adequadamente às características do

¹¹⁹ Vaz, 2014. Comédias o Minho, 2014, 175

território e às fragilidades socioculturais, que faz itinerância e dá formação a crianças, jovens a grupos amadores, que dinamiza uma rede cultural informal que reúne colaboradores provenientes de diferentes áreas (autarquias, escolas, pais, técnicos de acção cultural, grupos amadores, associações culturais), criando uma verdadeira central de meios que a todos beneficia e que, além de tudo isto, tem sempre público nas suas salas.

Mas o que agora importa é avaliar as consequências, ou melhor, os resultados do trabalho das CdM.

A primeira conclusão a que chegámos é que tudo nos leva a crer que o trabalho artístico e de formação levado a cabo pelas CdM durante dez anos contribuiu para o desenvolvimento sócio-cultural da população do Vale do Minho. Baseamo-nos em dois instrumentos distintos, do primeiro fazem parte todas as grelhas de observação ¹²⁰, em particular o mapa de programação geral ¹²¹ e o mapa de públicos¹²² e constatámos que foram apresentadas diversas propostas de espectáculos e de formação para diversos públicos e essas mesmas propostas atingiram um grande número de público, tendo em conta a população total do Vale do Minho. O segundo instrumento que utilizamos são as entrevistas a António Pereira Júnior, a Elisabete Magalhães, Filipa Pires e a Paulo Lobato Costa ¹²³. A partir da experiência destes entrevistados retirámos uma primeira conclusão: as pessoas ganharam competências, estão mais capazes, mais críticas e criativas. Vamos a exemplos. De modos diferentes, todos são unânimes em afirmar que, por via da formação que receberam, hoje sentem-se mais autónomos e capazes. “Nós melhorámos, eramos mais tímidas...” (Elisabete) ou “Sem dúvida é enriquecedor criar algo do princípio ao fim e aplicá-lo” (Filipa). Paulo afirma que o trabalho do grupo amador cresceu muito, já assinam criações próprias e até respondem a solicitações externas. António Pereira Júnior comentou que a população já não é mesma, agora não só vai ao teatro como tem opinião sobre o que vê e as crianças também mudaram, estão mais desinibidas. Filipa e Elisabete comentam que as crianças estão mais preparadas para receber as actividades do serviço educativo e que os pais também mudaram e aos sábados até vão à biblioteca e procuram livros e levam livros para casa. Temos consciência que as experiências aqui relatadas representam uma ínfima parte da

¹²⁰ Ver Anexos 18 a 23

¹²¹ Ver Anexo 22

¹²² Ver Anexo 23

¹²³ Ver Anexos 24, 26, 27 e 28, respectivamente

realidade mas arriscamos concluir que o trabalho das CdM contribuiu para o desenvolvimento cognitivo das crianças e, à semelhança do que defende Ken Robinson¹²⁴ terão possibilidade de vir a ser adultos mais capazes e criativos. Este trabalho contribuiu, igualmente, para tornar os pais mais intervenientes, os amadores e técnicos de acção cultural mais autónomos, as pessoas mais críticas, os públicos mais motivados. Este capital criativo aportado às pessoas do Vale do Minho pode fazer daquele território um “local criativo” de Richard Florida¹²⁵, apetecido e procurado para actividades artísticas e, quem sabe, um dia venha a ser um polo cultural de referência nacional. Talvez não seja por acaso que a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro escolheu o Vale do Minho para realizar o Terceiro Seminário para Novos Críticos, em 2013.

Ainda a partir dos exemplos acima enunciados e do que deixámos escrito ao longo do trabalho, parece-nos evidente que foram criadas dinâmicas e hábitos de cultura e que as pessoas estão a exercer o seu direito à cidadania cultural porque a cultura é um bem que se deseja, se procura, se experimenta e se tem direito a criar e usufruir. Ora, esta vontade de participação por parte dos cidadãos provenientes de diferentes grupos sociais, de várias faixas etárias, com propósitos diversos, cria dinâmicas de sociabilidades de cultura que funcionam igualmente como motor de crescimento sócio-cultural.

Outra nota. A rede cultural CdM é constituída por diversas entidades, algumas delas não dependem de instituições públicas, veja-se o exemplo dos grupos amadores. Não obstante trabalharem em dinâmica de parceria são autónomas e podem agir fora da “rede”, por exemplo, os amadores já produzem os seus espectáculos e respondem a solicitações externas. Ora, tudo indica que estamos perante um caso de *governance*¹²⁶, no sentido de a sociedade civil estar a organizar-se de modo a gerir os bens de que dispõe. A ser verdade, este é mais um aspecto revelador do crescimento socio-cultural destas comunidades minhotas.

Segunda conclusão. As CdM prestam serviço público e põem em prática o exercício de democracia cultural porque o trabalho que desenvolvem chega a todos, seja por via da formação ou dos espectáculos, porque todas as acções, sejam espectáculos ou

¹²⁴ *How to change education*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BEsZOnyQzxQ> [consulta realizada em 12 Dez 2014]

¹²⁵ Florida, 2004

¹²⁶ Costa, 2011, 69-92

formações, são gratuitas. O PP trabalha para todas as escolas do sector público e privado, profissionais e instituições públicas e privadas (bibliotecas, museus, Santa Casa da Misericórdia, entre outras). As Comédias estão há 10 anos no território. Desde que existe o PP (2007) não há nenhum adolescente, do 1º Ciclo ao Secundário, que durante este tempo não tenha tido contacto com as CdM. O trabalho das CdM é democrático porque é inclusivo. “O que vocês vão apresentar agora é um momento de pura democracia cultural”¹²⁷ afirmou João Pedro Vaz, encenador, em conversa com os actores sobre a peça *Na Terra do Desejo*, a partir de W.B. Yeats, um texto de leitura pouco imediata.

A terceira conclusão encerra duas ideias centrais, a primeira é o desejo de teatro e a segunda é a noção de comunidade de teatro, e a “chave” chega-nos a partir do que ouvimos dos nossos entrevistados. Fazendo eco das suas declarações, parece haver “o desejo de teatro”¹²⁸, ou seja, a vontade que este aconteça e a vontade de participar nesse “acontecimento”, simplesmente. Para exemplificar, vamos recuperar duas afirmações, a primeira do Paulo e a segunda da Filipa¹²⁹ “Vieram (as CdM) dar-nos algo de novo que não sabíamos que nos fazia falta mas se nos tirarem sabemos que nos faz falta. Agora faz falta. O teatro faz falta (...) Há vontade, já está entranhada” e “As Comédias têm um papel importante e conseguem mexer esse bocadinho dentro de nós que estava adormecido”. A frase da Filipa transporta-nos para uma outra questão, a da relação afectiva e emocional com o objecto artístico, como se o teatro funcionasse como um acordar dos sentidos que transcende a interpretação. A este propósito diz-nos Luís¹³⁰ “Já não entra no nosso léxico isso do ser arrojado (...) as pessoas têm inteligência intrínseca (...) as pessoas sentem que vão ser tocadas por alguma coisa...” e relata a experiência com o Teatro Ferro, encenado por Igor Gandra, no espectáculo *Estufa Fria*, com textos de Regina Guimarães, que tinha uma exploração cénica arrojada “Era um conjunto de experiências radicais no meio rural e as pessoas aderiram (...) Eles não pretendem analisar a experiência, entregam-se” porque, como afirma João Pedro Vaz, “os artistas e/ou as obras hão-de saber trocar com o(s) público(s) palavras, silêncios, emoções, engenho, arte pura, sem excessiva tradução, sob pena de recusarmos ao público um direito primordial: o de não interpretar o que vê ou sente. Susan Sontag proclamava que

¹²⁷ Ver Anexo 29

¹²⁸ Costa, 2003, título

¹²⁹ Ver Anexos 28 e 27, respectivamente

¹³⁰ Ver Anexo 29

interpretação é a vingança intelectual contra a obra ¹³¹Se deixarmos o público ver, não há problema porque *ver é também agir*, o público tem o direito de escolher o seu modo de expectação (...)” ¹³².

Para trabalhar o segundo conceito, o de comunidade de teatro, recuperamos o texto de Alexandra Moreira da Silva que começa por citar Isabel Alves Costa “A atitude das pessoas é: mas o que é que elas irão fazer? Não estão de todo à espera do mesmo”¹³³ Ora, na opinião de Alexandra Moreira da Silva não só estão à espera de alguma coisa como estão juntos na mesma sala, à mesma hora, à espera da mesma coisa, formando uma “*comunidade de espera*”¹³⁴. Se a este conceito juntarmos a ideia proposta por Jorge Palinhos¹³⁵ que o teatro é a “a arte que, no dizer de George Steiner, inventa comunidades, que estabelece vínculos entre aqueles que vêm e aqueles que fazem, que cria gestos, palavras, histórias e imaginários comuns” podemos, então, inferir que no Vale do Minho existe uma comunidade inventada que espera pelas Comédias do Minho. Ou, simplesmente, optemos por esta frase de Elisabete “Há muita gente que diz *se é das Comédias, nós vamos*”¹³⁶.

Fragilidades - Teme-se desgaste da equipa, em especial dos actores, por excesso de trabalho, risco de fechamento no território (a solicitação é excessiva e não há tempo para “respirar” fora do projecto), risco de incumprimento dos objectivos por excesso de compromissos, dificuldade de gestão do que deve ser incluído e excluído, crise (“dores”) de crescimento e dificuldade em decidir como deve evoluir. Reestruturação, sim ou não? Ou acreditar que tudo se resolve de um modo natural, como aconteceu até agora. E aqui recuperamos uma afirmação de Ana Lúcia Figueiredo a propósito de, ao longo do caminho, nos momento de crise as CdM encontrarem sempre uma solução certa na altura certa “Este projecto é muito feliz nos encontros (...) É um projecto muito feliz”¹³⁷

Perante tudo a informação que o presente trabalho desvendou, propomos uma reflexão sobre a possibilidade de existência de práticas culturais em zonas rurais, a

¹³¹ Referência a Susan Sontag, *Against all interpretation*, 1961

¹³² Vaz, 2014. Comédias do Minho, 2014, 175

¹³³ Isabel Alves Costa citada por Inês Nadais in “Estes actores foram trabalhar para o campo”, *Público*. 03.04.2209

¹³⁴ Referência a Jean-Christophe Bailly, “Un jour mon prince viendra”, in Stiegler, Bailly, Guénoun, *Le Théâtre, le people, la passion*, Besonçon, Les Solitaires Intempestifs, 2006, p.77

¹³⁵ Palinhos, 2012. Comédias do Minho, 2014, 162

¹³⁶ Ver Anexo 26

¹³⁷ Ver Anexo 30

partir da experiência das Comédias do Minho. Não sabemos se o modelo é replicável ou adaptável. Não temos respostas fechadas. Importa o questionamento. Sabemos que há práticas adequadas a um local que não funcionam noutro porque as práticas são tão diversas quanto os lugares onde existem mas todas são potencialmente inspiradoras. As CdM são um projecto tão visionário quanto pragmático, simultaneamente orgânico e estruturado, culto, capaz, próximo, sensível ao território, agindo como elemento da comunidade e não como uma entidade abstracta. Talvez não seja um caso replicável mas é seguramente inspirador.

Permitimo-nos, contudo, deixar algumas linhas orientadoras que podem concorrer para o exercício de boas práticas de cultura: é desejável que o poder político autárquico tenha uma política cultural para o município; é desejável que este crie condições para a existência de um projecto cultural autónomo e não instrumentalizado; é desejável que este projecto seja abrangente e diversificado e inclua prática artística e formação e que atinja todos os públicos; é desejável que se estabeleça uma ligação ao território e às pessoas e se permita a criação de uma rede de colaboração que beneficie todos em igualdade de circunstâncias.

Esperamos que este estudo crie interesse em aprofundar conhecimento sobre dinâmicas de cultura e que este possa ser transferido para a “rua”, na construção de um mundo melhor.

Ainda antes de finalizar queremos deixar aqui um exemplo que, em nosso entender, define o posicionamento as CdM. Em 2014 cumpriram dez anos de existência. Para celebrar esta primeira década decidiram prestar tributo à população do Vale do Minho e descer ao Porto e a Lisboa com uma embaixada de quase 300 pessoas e apresentar um festival que incluía cinco espectáculos criados por profissionais (CdM) e grupos amadores, protagonizados por actores da companhia, por amadores de cinco concelhos, por associações, agrupamentos escolares, jovens e várias pessoas da comunidade local. “Era a única maneira de estar à altura da utopia”, afirmou João Pedro Vaz ¹³⁸. Desta vez os protagonistas são as pessoas do Vale do Minho em vez dos profissionais, desta vez os “não profissionais” pisam palcos consagrados e deixam as

¹³⁸ cit in Nadais, 2014

salas das juntas de freguesia para os profissionais (CdM). E mais uma vez, neste projecto “quase tudo é ao contrário”¹³⁹, como disse um dia Isabel Alves Costa

Por último, permitimo-nos um desejo. O teatro interpela, questiona, intervém, coloca o futuro em perspectiva, faz pensar, provoca. Memória é a representação subjectiva da realidade, é uma forma de interpretação do mundo, como todas as manifestações de arte. O trabalho das CdM é um contínuo questionamento, é um caminho sempre em construção, sempre em busca do outro, a tal alteridade que João Pedro Vaz refere. Por isso é importante que este caminho termine, importa continuar a encontrar espaços de identidade com o território em todas as suas formas, com as pessoas que nele habitam, nas paisagens onde habitam, poeticamente, através da memória social, inspirando-se sempre nesse capital simbólico, numa prática de contínua construção de rede de entajuda e colaboração de fazeres e saberes, de interrogação, de assombração e deslumbramento. Porque a arte, em última instância, é um espaço de resistência e liberdade, um espaço que permite “valorizar a discussão, dar dignidade e proporcionar a festa”, segundo João Pedro Vaz.

Epílogo

Para desfecho deste trabalho e à guisa de votos para o futuro, recuperamos algumas frases dos nossos entrevistados, como se estes fossem as personagens dum romance a quem o autor escreve o destino. “Eles (Comédias) sentem-se nossos e nós sentimos que eles são nossos” (António Pereira Júnior)¹⁴⁰. “As Comédias são uma família. Falam das Comédias às famílias e vai tudo em peso assistir. (...) Entraram no território, entraram nos corações e fizeram com que eles (população) gostassem de teatro. (...) Só quero dizer que é um projecto que não pode acabar”(Filipa Pires)¹⁴¹. “Eu sinto-me quase elemento das Comédias, eu sinto-me Comédias, eles conseguiram chegar até nós. (...) Não concebo que uma estrutura como esta, de proximidade, algum dia possa desaparecer, eles vieram dar algo de novo que não sabíamos que nos fazia falta mas se nos tirarem sabemos que nos vai fazer falta. O teatro faz falta” (Paulo Lobato Costa)¹⁴².

¹³⁹ *Cit in* Santos, 2014, 121

¹⁴⁰ Ver Anexo 24

¹⁴¹ Ver Anexo 27

¹⁴² Ver Anexo 28

Bibliografia

Arquivo das Comédias do Minho

Comédias do Minho, Relatório Geral 2010 e 2012

Comédias do Minho, Plano de Acção Geral 2011 – 2012 e 2013 - 2016

Caderno de Apresentação das Comédias do Minho 2013

Caderno de Programação Anual 2011, 2012, 2013 e 2014

Press Release de todos os espectáculos de 2013 e 2014

Folhas, mapas e relatórios de público a partir de 2007

Programas, folhas de sala, cartazes e outros materiais de divulgação dos espectáculos apresentados ao longo dos últimos cinco anos

Sites institucionais

Câmara Municipal de Monção: www.cm-moncao.pt/

Câmara Municipal de Melgaço: www.cm-melgaco.pt/

Câmara Municipal de Paredes de Coura : www.cm-paredes-coura.pt

Câmara Municipal de Valença: www.cm-valenca.pt

Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira: www.cm-vncerveira.pt

Comédias do Minho: <http://www.comediasdominho.com/>

Instituto Nacional de Estatística: www.ine.pt/

Estudos

AAVV (2011) “Cidades do Futuro. Desafios, visões e percursos para o futuro”

Relatório. União Europeia, Política Regional.

http://ec.europa.eu/regional_policy/sources/docgener/studies/pdf/citiesoftomorrow/citiesoftomorrow_summary_pt.pdf [consulta em 12Jan2015]

AAVV (2013) “Desafios do Teatro Amador do Vale do Minho, Terceira edição dos Seminários para Novos Críticos da APCT” (2013). *Sinais de Cena*, n.20. pp.9-102

Babo, Elisa (2010). *Cultura e desenvolvimento: novos desafios para as políticas municipais*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Dissertação de mestrado

Belfiore, Eleanora (2002) “Art as means of alleviating social exclusion: does it really work? A critique of instrumental cultural policies and social impact studies in the UK”, *International Journal of Cultural Policy*.

<http://warwick.academia.edu/EleonoraBelfioreacademia.edu> [consulta em 10 Jan 2015]

Bourdieu, Pierre (1980) “Le capital social. Notes provisoires.” *Actes de la recherche en sciences sociales*, Nº. 31.

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069 [consulta em 10 Dez 14]

Bourdieu, Pierre (1979) “Les trois états du capital culturel”, *Actes de la recherche en science sociales*, Nº. 30.

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1979_num_30_1_2654 [consulta em 10 Jan 2015]

Burke, Peter (1992) *A Escrita da História, Novas perspectivas*. São Paulo : Unesp, pp. 7-37

Carapinha, Aurora (2005) “O Espaço, o lugar e o tempo”. *A Utopia e os pés na terra*, Lisboa: Instituto Português de Museus. pp. 229-236

Comédias do Minho, Ed (2009) *Comédias do Minho. Cinco Municípios – um projecto cultural*. Paredes de Coura: Comédias do Minho.

Comédias do Minho, Ed. (2014) *A Metamorfose das Paisagens, Comédias do Minho 2004-2014*. Paredes de Coura: Comédias do Minho

Costa, Isabel Alves (2003) *O Desejo de Teatro*, Porto: Afrontamento

Costa, Pedro e Elisa Pérez, (2007) “As Indústrias Culturais e Criativas: Novos Desafios para as políticas municipais”, *Gestão Cultural do Território*, colecção Públicos, Nº.4, Setepés. <http://www.setepes.pt/Imgs/.pdf>

Costa, Pedro, Seixas, João (2011) “Criatividade e governança na cidade. A conjugação de dois conceitos poliédricos e complementares” *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v.13, n.25, pp. 69 – 92.

http://www.cadernosmetropole.net/download/cm_artigos/cm25_203.pdf [consulta em 7 Jan 2015]

Costa, Tiago Bartolomeu (2014), “De pés na terra e o teatro como céu”. *P2, Cultura*, 24/2/2012, Lisboa: Público

Domingues, Álvaro, (2011), *Vida no Campo*, Porto: Dafne Editora

Eliot, t.s. (2008) *Notas para uma definição de cultura*. São Paulo: Perspectiva

Florida, Richard (2004), *Europe in the creative age*. Europe. Demos.

<http://www.demos.co.uk/files/EuropeintheCreativeAge2004.pdf> [consulta em 5 Jan 15]

- Gandra, Igor (2014) “Em criação com as Comédias do Minho”, *Metamorfose das Paisagens. Comédias do Minho 2004-2013*, Paredes de Coura: Comédias do Minho
- Guénoun, Denis (2004), “O Teatro é necessário?”, São Paulo: Perspectiva
- Hobsbawm, Eric (2006). *Introduction: Inventer des traditions*. Paris: Éditions Amsterdam. pp. 11-25
- Honrado, Miguel (2014) “O Modelo Português”, *Metamorfose das Paisagens. Comédias do Minho 2004-2013*, Paredes de Coura: Comédias do Minho
- Innerarity, Daniel (2006) *O Novo Espaço Público*. Lisboa: Editorial Teorema, SA
- Lagarnier, Richard; Villalba, Bruno; Ziundeau, Bertrand (2002). ”Le développement durable face au territoire: éléments pour une recherche pluridisciplinaire.” *Développement durable et territoires, Dossier 1: Approches territoriales du Développement Durable*. www.developpementdurable.revue.org [consulta em 4 Dez 2014]
- Lopes, João Teixeira (2000) *Em Busca de um lugar no mapa: Reflexões sobre políticas culturais em cidades de pequena dimensão*. Sociologia, Problemas e Práticas, nº. 34, 2000: 81-116
- Lopes, João Teixeira (2003). *Escola, Territórios e políticas culturais*. Porto: Campo das Letras: 34-44
- Matarasso, François (1997), *Use or Ornament? The social impact of participation in the arts*, Comedia. <http://www.demandingconversations.org.uk/wp-content/uploads/2010/08/Use-or-Ornament.pdf> [consulta em 17 Nov 2014]
- Nadaís, Inês (2014), “Dez anos a fazer cultura com os pés bem assentes na terra” Público.Lisboa:17/7/2014
- Paiva, Elisabete (2011), “Comédias do Minho, um projecto de inscrição teatral” *Metamorfose das Paisagens. Comédias do Minho 2004-2013*, Paredes de Coura: Comédias do Minho
- Palinhos, Jorge (2014) “Fitavale – Inventar Comunidades”, *Metamorfose das Paisagens. Comédias do Minho 2004-2013*, Paredes de Coura: Comédias do Minho
- Puig, Toni (2004) *Se acabó la diversión, Ideas y gestión para la cultura que crea y sostiene ciudadanía*. Barcelona: Paidós, (0): 13-22, (5):193-241
- Rancière, Jacques (2010) *O espectador emancipado*, Lisboa: Orfeu Negro
- Ribeiro, António Pinto (2000), *Ser Feliz é Imoral?* Lisboa: Cotovia
- Ribeiro, Orlando (1987) “Entre Douro e Minho”, *Revista da Faculdade de Letras, Geografia*, I série, Volume III, Porto, pp. 5-11

- Robinson, Ken (2013), várias palestras sobre educação e criatividade. Stander Symposium, University of Dayton, 16 de Abril 2013: <https://www.youtube.com/watch?v=VNZUIWXbHAM>; TEDx Liverpool TV, Janeiro de 2007: <https://www.youtube.com/watch?v=iG9CE55wbtY>; Dalai Lama Centre, 25 de agosto 2011: <https://www.youtube.com/watch?v=I1A4OGiVK30> [consulta em 14 Dez 2014]
- Santos, Helena (2008) “Dilemas e (in)visibilidades entre o teatro, a cultura e a cidade: o Teatro do Noroeste em Viana do Castelo.” *Pluriel Pluriel. Revue des cultures de langues portugaise*. www.plurielpluriel.org [consulta em 05 Dez 2014]
- Santos, Helena & Ricardo Moreira e Joana Ramalho (2014) “Impactos no território: as Comédias do Minho como caso privilegiado de estudo e reflexão”, *Metamorfose das Paisagens. Comédias do Minho 2004-2013*, Paredes de Coura: Comédias do Minho
- Santos, Maria de Lourdes Lima dos (2007) “Políticas Culturais em Portugal”, *V Campus Euroamericano para a Cooperação Cultural*. www.oac.pt
- Seabra, Augusto M (2007) “Territórios e discursos”, *Boa União – Revista do Teatro Viriato*, N.º. 1, Viseu
- Silva, Alexandra Moreira (2014) “Comédias do Minho, Duas ou três ideias sobre um teatro necessário”, *Metamorfose das Paisagens. Comédias do Minho 2004-2013*, Paredes de Coura: Comédias do Minho
- Silva, Augusto Santos (1997). *Cultura: das obrigações do Estado à participação civil*. Sociologia, Problemas e Práticas, n.º. 23: 37-48
- Silva, Augusto Santos (2007). *Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de Roteiro*, Sociologia, Problemas e Práticas, n.º. 54, 2007. pp. 11–33
- Silva, Augusto Santos; Santos, Helena (2010) *A transformação das cidades médias, segundo os agentes culturais*. Sociologia, Problemas e Práticas, n.º. 62, 2010. pp.11-34
- Silva, João (2005) “A paisagem como sedução” em *A Utopia e os pés na terra*, Lisboa: Instituto Português de Museus. pp. 201-212
- Steiner, George (1992) *No Castelo do Barba Azul, Algumas notas para a redefinição da cultura*, Lisboa: Relógio d’Água
- Travezo, Enzo (2012) *O passado, modos de usar. História, memória e política*, Odivelas: Unipop, pp. 9-53
- UNESCO (1982) Mexico City Declaration on Cultural Policies. México. UNESCO. <http://portal.unesco.org/culture/en/files>
- Vargas, Carlos (org) (2012) *Cultura Política e Práticas de Cultura*, Lisboa: Fonte da Palavra

Vaz, João Pedro (2014) “Democracia, ma femme!”, diz Walt Whitman”, *Metamorfose das Paisagens. Comédias do Minho 2004-2013*. Paredes de Coura: Comédias do Minho

Vaz, João Pedro (2014) “Democracia, ma femme!”, diz Walt Whitman” (mesmo título mas texto diferente), 2014. Paredes de Coura: Notícias de Coura

ANEXO 01 – Distinção Leader⁺, Comissão Europeia



PORTUGAL

Começar pelo princípio: formação em actividades teatrais no espaço rural



Contexto do projecto

O território da Adriminho está localizado no noroeste de Portugal, sendo delimitado a norte pela região autónoma da Galiza (Espanha), a sul pelos municípios do vale do Lima e a oeste pelo oceano Atlântico. A zona (situada ao longo do rio Minho) é a região fronteiriça mais povoada do país (com uma zona fronteiriça de 70 km de extensão) e caracteriza-se pela existência de fortes relações transfronteiriças. A região é famosa pela sua produção de vinho verde (em especial do vinho Alvarinho), o turismo rural e de habitação e as tradições culturais. Os principais sectores da região são a agricultura (vinho), os têxteis e o comércio.

O tema prioritário da estratégia local é a «Melhoria da qualidade de vida da população local». O desenvolvimento desta estratégia baseia-se nos recursos locais, designadamente no património cultural da zona. Entre as principais áreas de intervenção figuram o desenvolvimento socioeconómico do vale do Minho, a atracção do investimento, a criação de emprego e a diversificação das actividades económicas, a promoção da cultura local e a preservação do ambiente e dos recursos naturais.

Dados sobre o território

- 👤 População: 79 480 habitantes
- 🌍 Superfície: 951 km²
- 👤 Densidade populacional: 85 habitantes/km²
- 👤 Número de municípios: 6



Melhores práticas do Leader+



57

Fonte: http://ec.europa.eu/agriculture/rur/leaderplus/pdf/bestpractice/bp1_pt.pdf



Por que constitui este projecto um exemplo de boas práticas?

O projecto pode ser caracterizado como uma **abordagem assente no nível local**. Dá apoio à companhia de teatro local (Comédias do Minho) na realização de actividades de formação teatral na área abrangida. O acesso à informação, à formação e à cultura são factores importantes para melhorar a qualidade de vida nas zonas rurais. O projecto reforça as tradições e o património culturais locais através da apresentação de peças sobre temas locais, como «As lendas do vale do Minho». A cultura também é importante para atrair mais visitantes, turistas e residentes à região. É, de um modo geral, reconhecido que a cultura contribui não só para o desenvolvimento social, mas também para o desenvolvimento económico local, através do incentivo ao crescimento do sector recreativo e do aumento da atractividade da zona.

A Adriminho foi formada com base numa forte **parceria** de vários agentes locais dos sectores público e privado, incluindo os cinco municípios, as organizações de turismo, agricultores e empresários, etc. Este projecto foi desenvolvido através da cooperação dos agentes locais (designadamente, os municípios locais, empresários e escolas).

O projecto surgiu da necessidade de promover mais intervenções culturais, identificada pelos municípios locais (Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira), os quais estão a participar activamente na condução da estratégia de desenvolvimento cultural da zona. O organismo (Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho) formado por estes municípios participa em reuniões estratégicas sobre o desenvolvimento cultural da região.

Foi criada uma rede cultural do Vale do Minho (Rede Intermunicipal do Vale do Minho) em que participam um responsável e técnico de desenvolvimento cultural local, a associação de municípios locais (Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho) e a Adriminho. A **rede** elaborou uma estratégia de desenvolvimento cultural local em reuniões de trabalho, que identificaram as principais áreas de intervenção e as acções necessárias. Em consequência, foi criada a associação Comédias do Minho com o objectivo de apoiar a animação cultural na zona.

Este projecto **integra** numa estratégia de desenvolvimento cultural mais vasta o tipo de actividades culturais que os municípios desenvolveram para o Vale do Minho. No âmbito desta estratégia, realizaram-se alguns investimentos culturais importantes, nos últimos anos (incluindo o Centro Cultural e o Museu Regional de Paredes de Coura, a

Casa da Cultura e o Núcleo Museológico, em Melgaço, a Casa do Curro e o Cineteatro João Verde, em Monção, e a Biblioteca Municipal, em Valença).

Descrição do projecto

■ 1. Historial sucinto do projecto

As actividades culturais e teatrais são consideradas como as principais forças motrizes do desenvolvimento social e pessoal na região. O projecto «Companhia de teatro no espaço rural» lançado pelas câmaras municipais do Vale do Minho (Câmara Municipal de Melgaço, Câmara Municipal de Monção, Câmara Municipal de Valença, Câmara Municipal de Paredes de Coura e Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira) pretende contribuir para o desenvolvimento local no Vale do Minho mediante o reforço das actividades culturais locais. As câmaras municipais locais criaram uma associação denominada «Comédias do Minho», no âmbito da estratégia cultural local, que se candidatou aos fundos Leader+ para levar a cabo uma série de actividades de formação teatral na zona. O principal objectivo deste projecto é aumentar os conhecimentos culturais da população local e sensibilizá-la para a cultura, através do seu envolvimento nas actividades teatrais.

■ 2. Actividades principais

No âmbito do projecto, é realizada uma ampla gama de actividades de formação e culturais, designadamente:

- um curso de introdução à linguagem teatral, com o objectivo de familiarizar os alunos das escolas locais com esta linguagem, garantindo a sua utilização através da criação de grupos de teatro nas escolas;
- iniciativa «Teatro na escola», com o objectivo de formar professores das escolas primárias, secundárias e técnicas dos cinco municípios sobre o modo de utilizar a linguagem teatral como instrumento pedagógico;
- formação de actores amadores, com o objectivo de desenvolver actividades de teatro amador.


Outras actividades visam sensibilizar e difundir a cultura teatral na zona, através da apresentação de peças de teatro para crianças e adultos e a encenação de obras literárias.

■ 3. Produtos e resultados concretos

Através das actividades da recém-criada companhia de teatro local, as actividades culturais locais foram reforçadas e estimuladas, tendo sido representadas várias peças nas



ANEXO 02 – Prémio Norte Criativo 2010



ARQUIVO

- ▶ 2014 (2)
- ▶ 2013 (9)
- ▶ 2012 (18)
- ▶ 2011 (30)
- ▼ 2010 (40)
 - ▶ December (3)
 - ▶ November (2)
 - ▶ October (2)
 - ▶ September (7)
 - ▶ August (1)
 - ▶ July (1)
 - ▶ June (3)
 - ▼ May (4)
 - Comédias do Minho vence Prémio Norte Criativo
 - Território na Voz
 - Homens Perfeitos, em Paredes de Coura de 12 a 16 d...
 - Processo de Trabalho Território na Voz
 - ▶ April (3)
 - ▶ March (9)
 - ▶ February (3)
 - ▶ January (2)
- ▶ 2009 (22)
- ▶ 2008 (23)

FRIDAY, MAY 28, 2010

Comédias do Minho vence Prémio Norte Criativo

A Comédias do Minho vence **Prémio Norte Criativo**, uma das categorias a concurso na 1ª edição dos **Prémios Novo Norte 2010**.

A Casa da Música foi o palco escolhido para a entrega dos Prémios Novo Norte, uma iniciativa conjunta da CCDDR-N e do Jornal de Notícias, que distinguiram o Norte, ao premiar "Boas Práticas de Desenvolvimento Regional".

Artes do teatro que descem ao território -ou partem do território. Que formam populações - ou se deixam formar por elas.

As Comédias do Minho podiam ser definidas assim: uma companhia de teatro profissional, uma programação cultural, um território (Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira) e uma intervenção com objectivos de sensibilização, formação e fidelização de públicos do Vale do Minho para as artes e a cultura, juntando municípios, escolas, artistas e empresas.

O júri distingue as Comédias do Minho pela sua singularidade criativa, a sua ligação ao território e às populações e as dinâmicas sociais económicas locais.

Assim foi apresentado o projecto Comédias do Minho, no momento em que, António Pereira Júnior (Presidente da Direcção) e João Pedro Vaz (Direcção Artística) sobem ao palco para receber o prémio entregue por Nuno Azevedo (Casa da Música).

(...) Esta vitória é uma homenagem aos cinco autarcas do Vale do Minho premiados pela sua inovação e criatividade, aos técnicos das Câmaras que trabalham muito próximos de nós, ao Associado Crédito Agrícola e ao nosso tão especial mecenas VentoMinho. (João Pedro Vaz)

O prémio foi, para além de um diploma e uma obra de arte especialmente desenhada pela Escola de Belas Artes do Porto, o reconhecimento público das iniciativas.

Publicada por Celeste Domingues em 7:35 AM

No comments:

Post a Comment

Fonte: <http://comediasdominho.blogspot.pt/2010/05/comedias-do-minho-vence-premio-norte.html>

ANEXO 03 – Prémio da Crítica 2011

DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO NORTE

Procurar



DIREÇÃO REGIONAL

CASA DAS ARTES E CASA ALLEN

PROGRAMAÇÃO CASA DAS ARTES

DIRECTÓRIO CULTURAL DO NORTE

PATRIMÓNIO

MUSEUS E PALÁCIOS

PROGRAMAS DE APOIO

PORTFÓLIO

NOTÍCIAS

EXPOSIÇÕES

FORMULÁRIOS

BIBLIOTECA

GUIA DE MONUMENTOS A NORTE

PATRIMÓNIO A NORTE

MOSTEIRO DE TIBÃES

EST. ARQUEOLÓGICA DO FREIXO

ORGANISMOS SEC

LIGAÇÕES ÚTEIS

CONTATOS

HISTCAPE OPEN CONFERENCE

Notícias

Comédias do Minho ganha prémio



A Associação Portuguesa de Críticos de Teatro (APCT) atribuiu o prémio da crítica à companhia de teatro Comédias do Minho, dirigida por João Pedro Vaz. No comunicado divulgado na semana passada, a APCT destacou o trabalho da companhia desenvolvido no Alto Minho. O júri foi constituído por Alexandra Moreira da Silva, Constança Carvalho Homem, João Carneiro, Maria Helena Serôdio e Rui Monteiro.

A Comédias do Minho tem sede em Paredes de Coura e é atualmente responsável pelo projeto pedagógico 'aproximarte', no qual estão envolvidas várias escolas dos cinco concelhos do Vale do Minho (Paredes de Coura, Vila Nova de Cerveira, Valença, Monção e Melgaço) e ainda por vários projectos comunitários, nos quais participam regularmente grupos de teatro amador e associações locais.

Foram ainda atribuídas pelo júri três Menções Especiais ao encenador Gonçalo Amorim, à encenadora Joana Craveiro e ao Teatro do Vestido e à Casa Conveniente. A cerimónia de entrega dos prémios será no dia 5 de Março, no Jardim de Inverno do São Luiz Teatro Municipal, em Lisboa.

[« Voltar](#)

Fonte: <http://www.culturanorte.pt/destaques,0,418.aspx>

59

ANEXO 04 - “Comédias do Minho, Duas ou três ideias sobre um teatro necessário” de Alexandra Moreira da Silva

1. “A movida artística”

Num pequeno texto de introdução ao programa de 2011 das Comédias do Minho, o leitor /espetador contemporâneo, incauto porque conformado com a já habitual necessidade de circunscrever o seu interesse ao que se vai fazendo aqui e agora, adiando a sua natural curiosidade relativamente a configurações programáticas mais amplas – entenda-se para uma temporada – sendo obrigado a resignar-se, não raras vezes, perante a incerteza ou, pior ainda, o abandono de projetos e ambições nas mais variadas áreas e domínios artísticos, espanta-se com a ousadia, o otimismo, a confiança e a persistência que podemos ler nas palavras inaugurais do referido texto: “As Comédias do Minho, durante os próximos dois anos vão mergulhar ainda mais no seu Território à procura de novos desafios – temas e paisagens do Vale do Minho vão ser ponto forte de arriscados e profundos trabalhos de criação”. O mais extraordinário é que prometeram e cumpriram. Pelo menos no primeiro ano, em 2011, e, de acordo com o novo caderno de programação, prepararam-se já para assegurar o segundo ano com o mesmo dinamismo e a mesma criatividade.

A “movida artística”^[ii] que as Comédias instalaram no Alto Minho passa muito pela Companhia de Teatro da qual fazem parte, para além do seu diretor artístico João Pedro Vaz, os actores e criadores Gonçalo Fonseca, Luís Filipe Silva, Mónica Tavares, Rui Mendonça e Tânia Almeida que decidiram mudar-se com diferentes armas artísticas e reconhecida bagagem teatral para o Alto Minho, dispostos a arregaçarem as mangas e a dedicarem-se, talvez mais do que nunca, a essa “arte poderosamente arcaica”, como lhe chama Jean-Christophe Bailly^[iii], que é o teatro.

Mas não só dos residentes vive a dinâmica deste projeto. A “movida” implica, desde logo, uma rede de vasos comunicantes que tem levado até aos cinco concelhos do Vale do Minho (Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira) criadores tão diversos quanto Pedro Penim, Madalena Vitorino, Sílvia Real, Igor Gandra, Marcos Barbosa ou mais recentemente Nuno Cardoso e Joana Providência. Escusado será dizer que não se trata de fazer um teatro regionalista, nem sequer um teatro etnográfico. Os projetos partem de materiais e ferramentas que funcionam “em Melgaço ou em Reiquejavique”^[iv], como afirma Pedro Penim: de Steven Berkoff, aos vídeos do YouTube, passando pela Bíblia ou pelo *Fidalgo Aprendiz*, tudo pode ser trabalhado, repensado e visto no Alto Minho, com o mesmo rigor e a mesma seriedade com que estes trabalhos foram apresentados no Balletteatro, no Porto, ou no TNDM, em Lisboa.

Em 2011, permito-me destacar o projeto *Casa Grande*, co-produzido pela Fundação Lapa do Lobo, que resultou na criação de cinco espetáculos a partir de cinco espaços físicos diferentes. Casas de família, solares desabitados, vazios ou devolutos, foram ocupados, transformados, revisitados por Tânia Almeida, que assinou a encenação deste projeto, por actores (profissionais e amadores), por Rui Mendonça, Lucília Raimundo, Ana Limpinho, Maria João Castelo e Vasco Ferreira que integraram a equipa artística de *Casa Grande*, e sobretudo por um público atento, ávido e de uma rara heterogeniedade, todos convictos e conscientes de que os espaços

também têm memória. E com a memória vem o tempo, e com o tempo vêm as histórias (da aristocracia monárquica na passagem para a República, por exemplo, ou dos militantes anti-fascistas na clandestinidade no período pré-revolucionário). Em 1983, numa conferência proferida em Roma, Antoine Vitez fazia a seguinte afirmação sobre a prática teatral: “É um trabalho de ordem monástica, mesmo se a nossa vida não é monástica. Somos pessoas que nos fechamos em sítios fechados (...) e nesses lugares conservamos frases que já foram pronunciadas e concebidas, e dedicamo-nos a reconstituir movimentos através da imaginação e a partir do rasto de acções que foram escritas. Fazemos isto para trabalhar, para criticar a memória da humanidade. É este o nosso ofício, trabalhar sobre esta memória.”^[iv] Entre o íntimo e o político, *Casa Grande* parece subscrever as palavras de Antoine Vitez, apresentando-se, antes de mais, como um projeto que interroga a identidade, que percorre insistentemente um espaço, um tempo, uma memória, e que deste modo questiona e reescreve a ficção.

2. “Aproximarte” é aproximarmo-nos: itinerâncias polifónicas

Entre a criação contemporânea e o trabalho no terreno, as Comédias não têm tempo a perder. O projeto “Aproximarte” envolve várias escolas dos cinco concelhos do Vale do Minho do ensino pré-escolar, básico e secundário, bem como professores, famílias e utentes APPACDM. Contrariamente ao que se possa imaginar, esta vertente pedagógica das Comédias não constitui uma atividade marginal, bem pelo contrário, trata-se de um labor nuclear que escolhe e utiliza uma grande diversidade de ferramentas e de estratégias: oficinas de dança, de cinema de animação, de movimento, de formação artística, cursos de teatro, encontros com criadores... são apenas algumas das propostas que visam a promoção e o desenvolvimento de um conceito de “público” que conscientemente contraria a muito contemporânea noção de “audiência”. Isabel Alves Costa, mentora incontornável deste projeto, falava da necessidade de se estabelecer “uma relação íntima com a população”; “Aqui vemos ao vivo o que é a formação dos públicos”, afirma. “A atitude das pessoas é: mas o que é que eles irão fazer a seguir? Não estão de todo à espera do mesmo”^[v], conclui. Mas estão à espera de alguma coisa. Esperam verdadeiramente, e isso será talvez o que de mais político existe no teatro. Como afirma Denis Guénoun “o carácter político do teatro não está no palco – ou (...) em todo o caso, não é no palco que ele se encontra em primeiro lugar – mas sim na sala”^[vi]. Ou seja, nessa capacidade de conseguir reunir, a uma certa hora, num determinado lugar, uma comunidade a que talvez possamos chamar “teatral”. Em 2011, 13 500 espetadores assistiram aos espetáculos das Comédias do Minho – número invejável nos tempos que correm.

Contudo, mais importante do que os números – e este é certamente um dos grandes méritos das Comédias – será esta vontade, esta capacidade de criar aquilo a que Jean-Christophe Bailly chama *uma comunidade de espera*, conceito a distinguir de uma pura aproximação quantitativa porque, como refere o autor, “não é adicionando o número de leitores de livros, o número de visitantes de exposições e o número de espetadores de teatro que assistiremos à formação de uma qualquer consistência.”^[vii] A *comunidade de espera* pressupõe uma vontade de abertura. Abertura ao tempo, desde logo, a um tempo lento que mais não é do que um espaço de sentidos e de desejo de partilha desses sentidos. O teatro não é um filme que se leva para casa, não é um quadro que se vê num museu, não é um livro que se lê na solidão da poltrona. O teatro é um desejo comum.

Nestas itinerâncias polifónicas, há ainda lugar para os espectáculos comunitários, onde participam grupos de teatro amador e associações locais, como é o caso da Queima do Judas, dos cinco acontecimentos artísticos que assinalaram a comemoração dos 750 do concelho de Monção, ou do muito improvável – mas que contrariando todas as improbabilidades conta já com uma segunda edição – FITAVAL (Festival Itinerante de Teatro Amador do Vale do Minho).

São assim as Comédias do Minho, são tudo isto e muito mais, conscientes de que na cidade ou na “discreta vila, perdida no meio da serra, já só pedras e quase a tocar no céu” ^[viii], o teatro é não só possível como também necessário.

^[i]A expressão “movida artística” surge no final do texto de introdução ao programa de 2011 das Comédias do Minho: “Um programa intenso, utópico, enérgico! Contra a austeridade, uma verdadeira movida artística, um centro cultural itinerante, um centro cultural na paisagem!”

^[ii] Jean-Christophe Bailly, “Un jour mon prince viendra”, in Stiegler, Bailly, Guénoun, *Le Théâtre, le peuple, la passion*, Besençon, Les Solitaires Intempestifs, 2006, p. 67

^[iii] Pedro Penim citado por Inês Nadais in “Reiquejavique no Alto Minho”, *Público*, 06.01.2009.

^[iv] Antoine Vitez, “La Réssurection”, *Antoine Vitez*, Actes Sud-Papiers/ Conservatoire d'Art Dramatique, Mettre en Scène, 2006, p. 108

^[v] Isabel Alves Costa citada por Inês Nadais in “Estes actores foram trabalhar para o campo”, *Público*, 03.04.2009.

^[vi] Denis Guénoun, “Que faire du théâtre, Que faire au théâtre”, *Livraison et délivrance*, Paris, Belin, 2009, p. 46.

^[vii] Jean-Christophe Bailly, “Un jour mon prince viendra”, in Stiegler, Bailly, Guénoun, *Le Théâtre, le peuple, la passion*, Besençon, Les Solitaires Intempestifs, 2006, p. 77.

^[viii] Tiago Bartolomeu Costa, “De pés na terra e teatro como céu”, *Público*, 24.01.2012.

ANEXO 05 – “ O teatro perto do céu”, de Tiago Bartolomeu Costa

O teatro perto do céu

Projectos como a Comédias do Minho tendem a ser mal interpretados. Seja porque são tendencialmente colocados na prateleira da formação de públicos, ou considerados experiências sociais que nivelam por baixo o diálogo sobre criação contemporânea. Talvez seja por isso que a Comédias do Minho é dos segredos mais bem guardados, como uma receita ancestral que não cabe nas fórmulas e nas formas devidamente untadas.

A capacidade que tem de se reinventar, sem nunca presumir que está a apresentar algo novo, e o desejo de equilibrar referências que ultrapassam fronteiras estéticas, sociais, culturais e políticas (aqui entendido como desejo de intervenção pública) fazem deste projecto um imenso oásis que só tem a ganhar quanto mais fundo cavar nos preconceitos e mal-entendidos de uns e de outros. É no mais radical dos gestos – o de seguir em frente conscientes de uma estratégia que tem tanto de programática quanto de arbitrária – que têm vindo a desenhar um mapa único e raro. Tão raro que a cada apresentação, em cada freguesia, não se deixa de sentir no ar o envolvente sabor da adrenalina. A cada peça oferecem (a eles próprios e ao público) um presente envenenado que reequilibra e reorganiza os modos de percepção e integração do teatro no quotidiano.

Talvez se pudesse dizer que é assim com muitos projectos. Provavelmente será. Mas para esta clareza de intenções, e para este modelo de intervenção, não chega (nem cabe) a retórica preparada e a driblagem moderna. O nível de exigência não é uma meta autista que colocam. É uma aferição que surge do contacto directo, quase lavrado, que diariamente faz esta equipa.

Ninguém diria que se podia fazer teatro numa região que não tem infra-estruturas reconhecidamente preparadas para apresentar um teatro que é, tendencialmente, visto como luxo burguês. Um teatro exigente, completo, complexo, transversal, educado, insistente, atento, próximo, cru, provocador. Um teatro que sabe respeitar, sem condescendências, aqueles que escolhem assistir. E que, verdadeiramente, devolve ao teatro todo o seu cerimonial ritualizado.

Há poucos projectos que embriaguem como a Comédias do Minho faz, como numa roda na qual entramos e nos vamos deixando ficar. É um processo de sedução, no que isso significa de troca e de responsabilidade partilhada. E é uma escolha. Raramente o teatro teve tão perto de tocar na sua essência como nas noites transformadoras oferecidas pela Comédias do Minho. E raramente vi um teatro tão perto da ascense como este.

Tiago Bartolomeu Costa
Crítico e director da Obscena – revista de artes performativas

Fonte: Comédias do Minho, Ed (2009) *Comédias do Minho, cinco municípios – um projecto cultural*. Paredes de Coura: Comédias do Minho



De pés na terra e o teatro como céu

TIAGO BARTOLOMEU COSTA 24/01/2012

Uma vez mais a Comédias do Minho atravessa a região para levar teatro às populações. Sem concessões nem receios, sem excepções nem cedências. Esta semana em Valença

A estrada para Castro Laboreiro parece ter um só sentido. Não há carros que cruzem o nosso, nem parece haver alternativa a este caminho. Para trás vão ficando as freguesias de Lamas de Mouro, Pomares, Cubalhão. Sente-se o frio a entrar pelo sistema de ventilação do carro. De fora, nenhum ruído. E as pessoas que se vêem escondem-se no interior das casas, protegem-se e retiram da soleira das portas o mel que tinham à venda. É já fim da tarde, em Guimarães começaram os discursos que vão falar de que a cultura não tem preço e de que é o indivíduo que a faz. No Centro Cívico de Castro Laboreiro, ao lado do cemitério onde só as flores de plástico resistem ao frio, a equipa da companhia Comédias do Minho já começou a montar o cenário de Inverno, a peça que desde 7 de Dezembro têm vindo a apresentar pelos cinco concelhos do Alto Minho, Valença, Monção, Melgaço, Vila Nova de Cerveira e Paredes de Coura. Hoje é dia de teatro na discreta vila, perdida no meio da serra, já só pedras e quase a tocar no céu. Inverno, que o encenador Nuno Cardoso trabalhou com a companhia de teatro que há nove anos anda a percorrer estradas como estas, faz parte de uma lista de outros espectáculos que levaram ao Alto Minho nomes como Pedro Penim, Sílvia Real, Madalena Vitorino, João Pedro Vaz e Igor Gandra, misturando o teatro, a dança, os objectos e a densa relação com a comunidade.

Foi assim que em 2006 Isabel Alves Costa (1946-2009), Pierre Voltz (1933-2011) e Miguel Honrado quiseram que fosse, partindo do desejo dos cinco municípios em dotarem a região de um projecto teatral profissional que conciliasse a programação, a relação directa com as forças que já actuavam no terreno e a formação. Foi assim que se reconfigurou um dos projectos mais raros em Portugal e que, ao arrepio de todas as lógicas e teorias sobre a descentralização, a formação de públicos, a acessibilidade dos discursos artísticos, as pressões políticas e a cultura como adorno, vingaram num terreno há muito votado a um papel secundário no que à profissionalização do teatro diz respeito.

Depois da morte de Isabel Alves Costa, foi ao encenador João Pedro Vaz - que conheceu a companhia com Auto da Paixão na Páscoa de 2007 e em 2011 encenou O Fidalgo Aprendiz, co-produção com o Teatro Nacional D. Maria II - que coube a tarefa de conduzir este projecto

que, no ano passado, foi distinguido com um prémio Novo Norte "pela sua singularidade criativa, a sua ligação ao território e às populações e as dinâmicas sociais económicas locais".

2012 vai ser ano de consolidação do trabalho até agora realizado. E ano de aposta no desenvolvimento das valências da própria companhia, com uma concentração no elenco de cinco actores, todos eles formados em diferentes escolas do país, dos projectos que os levarão a seguir até à rota do Alvarinho (O Esmagador de Uvas, sob direcção de John Mowat, já a partir de 29 de Março e até Maio, e depois de Junho a Outubro nos lagares). E à encenação de rituais tradicionais nos diferentes concelhos como as queimas de Judas e as lendas de Deu-la-Deu, juntando as populações... E à segunda edição do Fitavale, um festival de teatro amador que ninguém acreditava que ia funcionar mas que pôs jovens dos diferentes concelhos a circular e a trabalharem em conjunto, e a projectos de dança, de formação, de co-produções com outras companhias, como este Inverno com o Ao Cabo Teatro. Sempre ali, naquele território. O que é característico num projecto como o das Comédias do Minho é a noção clara de pertença a um território, por desejo das populações e não por qualquer intenção programática. Foi isso que atraiu investidores privados como a Vento Minho, que há sete anos é mecenas da companhia. É isso que atrai as câmaras municipais e, em ano de difícil conjuntura, lhes segura o orçamento. E o público, 13.500 espectadores em 2011.

Todas as semanas, quatro dias por semana, a equipa sai da sede, em Paredes de Coura, e atravessa a região, todos os dias para um sítio diferente, onde montam e desmontam o cenário, oferecendo o espectáculo e ouvindo pedidos de regresso. Nessa noite, em Castro Laboreiro, Inverno ultrapassará os mil espectadores. A entrada é livre, é certo, mas nem isso garante salas cheias. Duas noites antes, um velório tinha "roubado" as atenções da população de Melgaço. É terra de tradições, de proximidade. No dia a seguir eram 200 na reduzida galeria de exposição da Casa do Povo. Em Castro Laboreiro terão sido 50. Depois houve baile. Às vezes há uma ceia oferecida pelas populações, mesmo que uns achem que são "coisas esquisitas" aquelas que a companhia faz. É tudo parte do espectáculo. É tudo em jeito de agradecimento. E é por isso que percorrer as estradas do Alto Minho nos carros da companhia é saber que vai ser preciso parar em Monção para comer a lampreia à bordalesa da Dona Maria das Dores, na Tasquinha do Orlando, seu marido, golpeada e sangrada sem piedade e preparada à bordalesa, os lábios marcados pelo sangue e o vinho. Depois licor de café e de ervas mais o leite creme, batido e queimado à nossa frente porque é assim que se trata quem vem por bem.

Fonte: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/jornal/de-pes-na-terra-e-o-teatro-como-ceu-23844642>



Dez anos a fazer teatro com os pés bem assentes na terra

INES NADAIS 11/07/2014 - 07:07

Parecia impossível, mas não foi: as Comédias do Minho festejam a sua primeira década de actividade com uma festa no Porto, desta sexta-feira a domingo, e outra em Lisboa, de 17 a 20.

Havia outras maneiras de festejar o aniversário: com foguetes, por exemplo, como é de rigor no Alto Minho das grandes explosões no céu de Agosto onde esta história começou há dez anos, ou então mais discretamente, soprando as velas e pronto. Mas não, as Comédias do Minho tinham mesmo de andar com a casa às costas, explica João Pedro Vaz, o director artístico que, não tendo assistido à fundação da única companhia de teatro do país criada e mantida por cinco municípios altamente periféricos (Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira), toma conta dela desde a morte de Isabel Alves Costa, no Verão de 2009. Era a única maneira de estar a altura da utopia – sem aspas – que isto tem sido, para ele, para o resto da equipa fixa e, já agora, para a comunidade de 60 mil habitantes que é a verdadeira razão de ser das Comédias do Minho.

"É mesmo de viver uma utopia que se trata. Estou nas Comédias do Minho há tanto tempo que até parece normal, mas eu sei que não é normal: nós saímos à rua e há 60 mil pessoas que não só têm interesse no que nós fazemos como têm interesse em fazer connosco", explica Luís Filipe Silva, um dos cinco actores residentes que há dez anos se mudaram de Lisboa para aquilo que então parecia ser o fim do mundo (com dilúvios de proporções bíblicas e tudo).

Por dois fins-de-semana, isso que parecia impossível – uma experiência de teatro de igual para igual com o território, mas num regime de permanência e não apenas para animar o interior por uns dias, eventualmente até com foguetes, e depois continuar tudo como dantes – vai ao Porto e a Lisboa mostrar como foi possível. A festa dos dez anos das Comédias do Minho faz-se a partir desta sexta-feira, e até domingo, nas salas do Teatro Nacional São João (TNSJ) e depois, de 17 a 20, no São Luiz, onde o programa alargado inclui, além dos cinco espectáculos que

estarão no Porto, a exposição *Esta casa tem dez anos*, o lançamento do livro *A Metamorfose das Paisagens – 10 anos de Comédias de Minho (2004-2013)*, a projecção de um documentário sobre a companhia e dois arraiais minhotos. "Ir a Lisboa e ao Porto", justifica João Pedro Vaz, "é uma emancipação desassombrada do próprio território: a malta vai de autocarro fazer a festa ao centro, sem complexos".

Utopia também é isso: poder bater à porta do TNSJ e do São Luiz e entrar. Tal como, ao longo destes dez anos, foram entrando em juntas de freguesias e salões paroquiais, casas do povo e quartéis de bombeiros, os espaços não convencionais que esta companhia militantemente itinerante (faz parte das missões das Comédias do Minho circular pelas inúmeras freguesias dos cinco concelhos fundadores, assim como trabalhar com as escolas e com a comunidade, sobretudo através dos grupos de teatro amador da região) tem frequentado.

"Um projecto cultural e artístico fundado por um conjunto de autarcas no interior mais profundo já é um gesto inédito. Mais inédito ainda é que com o tempo tenha acabado por juntar artistas profissionais e amadores, associações, jovens, agrupamentos de escolas e todo o tipo de agentes locais – e que todos participem nisto com uma dedicação e às vezes até uma comoção invulgares. À medida que vamos avançando, vão-se abrindo portas de confiança, e portanto hoje em dia é virtualmente possível chegarmos às cinco câmaras municipais que nos financiam com a ideia mais doida e eles não acharem que endoidecemos", diz João Pedro Vaz.

O programa *Comédias do Minho, 10 Anos*, continua, faz por exhibir, através dos cinco espectáculos criados para o efeito, a singularidade desta experiência de proximidade com o território: no autocarro, além da própria companhia, viaja uma parte da comunidade, que não só participa nos espectáculos como ajudou a levantá-los: "Os artistas amadores que trazemos connosco, e com os quais trabalhamos regularmente, não são figurantes: são co-criadores. Levá-los ao TNSJ e ao São Luiz também é um gesto político: diz-se por aí que os artistas profissionais merecem palcos 'como deve ser' e que os amadores podem fazer as suas coisas em chãos de tijoleira. As Comédias do Minho têm sido o contrário disso: fazem os seus espectáculos profissionais em chãos de tijoleira e agora levam os amadores a palcos 'como deve ser'." É uma discussão que interessa à companhia, sobretudo agora que "o paradigma do trabalho com a comunidade passou a ser muito praticado": "Questioná-lo é uma

teatro nem cinema, nem ficção nem realidade. É uma viagem que vai à procura de quem sabe a história dessa mulher que salvou a vila, “um pretexto para entrar na vida das pessoas”, como se as pessoas nunca tivessem querido outra coisa.

Para Sofia Marques, que de um processo criativo desenha uma narrativa emocional e emocionada por entre os dias de ensaio, de procura de participantes, de tudo o que ainda não se sabe, o que a Comédias do Minho faz “não é o que o país inteiro entende por um trabalho virado para a comunidade”. Não é, de facto. É, diz, e bem, “o que eles sentem”. E o “eles”, aqui são também as pessoas que a realizadora vai encontrando nas ruas, na tipografia, na alfaiataria, na papelaria, nas praças de uma vila onde “se percebe que as pessoas precisam daquilo”. “Aquilo” é um momento de encontro, único mas ainda assim repetível em cada espaço em branco deixado por uma memória que confunde lenda e realidade. “Aquilo” é também o que não pode acontecer senão “ali”, “naquele lugar”, “com aquelas pessoas”, “daquela forma”, vai dizendo Sofia Marques para falar de um processo de trabalho que vamos intuindo e do qual, mesmo não vendo o resultado final, podemos, depois, dizer que estivemos “lá”.

Fonte: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/dez-anos-de-teatro-com-os-pes-bem-assentes-na-terra-1662387>

ANEXO 08 – “FITAVALE – Inventar comunidades”, de Jorge Palinhos

O teatro ama a pedra. Sempre a amou, dos anfiteatros gregos, aos mercados medievais, às fachadas dos teatros do romantismo. À falta de pedra, era de betão o anfiteatro cinzento e escuro coberto com telhado de zinco, no meio do casario de Verdoejo, nos arredores de Valença, o local onde decorria a cerimónia de encerramento do II Festival Itinerante de Teatro Amador do Vale do Minho - FITAVALE. Dentro do anfiteatro a transbordar de pessoas e entusiasmo, um autarca subiu ao palco para assinalar o encerramento do FITAVALE. Mal o acrónimo do Festival se lhe soltou dos lábios, foi acolhido por uma gargalhada coletiva que o deixou perplexo e a perguntar para os lados o que se passava.

O riso é um segredo, e quando esse segredo, esse filamento de imaginação, é partilhado por centenas de pessoas, sabemos que há algo que une essas pessoas e faz delas comunidade. E aquilo que se viu nos três dias do festival foi a invenção de uma comunidade.

O Festival em si é uma loucura e os seus organizadores, as Comédias do Minho lideradas por João Pedro Vaz, são um bando de loucos. Não loucos perigosos, mas loucos preciosos. A ideia do festival: apresentar cinco peças de teatro amadoras, dirigidas pelos profissionais das Comédias do Minho, montadas por associações locais, apresentadas em concelhos do vale do Alto Minho, que não sejam a sede da dita associação, ocupando diferentes espaços num raio de dezenas de quilómetros e movendo centenas de pessoas e equipamento ao longo dos cinco diferentes concelhos - Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira -, durante um fim-de-semana inteiro. Loucos, como eu dizia.

Num universo onde já não há messias nem santos, só os loucos é que ainda conseguem fazer milagres. E o FITAVALE é um milagre. Um milagre de esforço, entusiasmo, alegria, união, partilha, generosidade, improvisação e até inconsciência, que durante três dias transforma a região, criando dentro dela um mundo imaginário: o mundo do FITAVALE, onde centenas de pessoas, de diferentes concelhos, veem teatro, a mais louca das artes.

É que o teatro, ao contrário da prestigiada literatura, do glamoroso cinema, das veneráveis artes plásticas ou da irreverente multimédia, nunca exigiu o domínio de tecnologias avançadas, nunca exigiu materiais dispendiosos, nunca implicou técnicas de reprodução mecânica ou digital, nunca se refugiou num tempo e num espaço longínquos. É apenas algo que se faz aqui e agora, com corpos, gestos, vozes, suor, trabalho, perdigotos e uma fome torrencial de partilha com aqueles que nos rodeiam. É uma arte que assenta nessa loucura que é a de ter alguém à nossa frente a falar e a agir como se o mundo fosse diferente. Como se o mundo pudesse ser diferente. Não

admira por isso que sempre tenha sido a arte que mais atemorizou os estados e as instituições. Haverá coisa mais louca e subversiva que inventar um presente diferente?

Talvez por isso, o teatro sempre foi a arte mais popular e a arte mais comunitária. A arte que se praticou em todas as aldeias e bairros de Portugal até há poucas décadas, que se podia fazer com uma máscara, um papel, um farrapo de roupa e muita vontade. A arte que, no dizer de George Steiner, inventa comunidades, que estabelece vínculos entre aqueles que veem e aqueles que fazem, que cria gestos, palavras, histórias e imaginários comuns. Veja-se como a estrutura do teatro é justamente a do viver em comunidade: diferentes pessoas que têm de conviver no mesmo espaço, negociar o mesmo espaço, partilhar a fala mítica que define o ser humano, e ser uns com os outros e uns contra os outros, tal como Georg Simmel definia a ideia de comunidade.

E, durante um fim-de-semana, esse lugar mítico que é o vale tornou-se um lugar ainda mais mítico. Cinco peças notáveis, que revelam como o teatro pode ser o óculo para uma comunidade ver mais longe, ou o espelho para se ver a si própria.

No primeiro caso temos "Dança de Roda", de Arthur Schnitzler, montado pelo Teatro Amador Courense, sob direção de Mónica Tavares, que nos mostra como uma história escrita há mais de cem anos pode ainda ter ressonância hoje.

Temos também «Nim», pelos Outra Cena, de Vila Nova de Cerveira, dirigido por Tânia Almeida, em que o universo esotérico de Alejandro Jodorowski funde com a vida quotidiana dos próprios atores, mostrando como é pouca a distância entre um e outros.

A olhar também longe, temos também «Voz Off», pelo Os Simples, Grupo Amador de Teatro de Melgaço, dirigido por Gonçalo Fonseca, que monta uma maquinaria cénica de uma complexidade inalcançável por muitas companhias profissionais, misturando elementos do imaginário francês de Jacques Tati com elementos minhotos, para criar algo ao mesmo tempo exótico e reconhecível.

Já do outro lado, do lado de quem olha para si próprio, para quem é, temos «Garganta», pelos Verde Vejo, da Associação Cultural de Verdoejo, Valença, coordenados por Rui Mendonça, que escolheram encenar as suas próprias memórias comunitárias, da forma como elas são mais verdadeiras: como fantasmas impalpáveis e difusos, mas também fortes e omnipresentes nos mais simples dos gestos.

Por fim, e acabo com a peça que inaugurou o Festival, «O Passeio dos Mortos», pela Associação Filarmónica Milagrense, de Monção, dirigida por Luís Filipe Silva. Uma meditação sobre os efeitos sociais da Guerra Civil Espanhola na Galiza, escrita por um membro da companhia, Ilídio Castro, que revela uma dramaturgia límpida e uma torrencialidade verbal onde ecoa o teatro popular português; aquele teatro que

influenciou Gil Vicente e António José da Silva, que perdurou nas aldeias portuguesas até ao século XX e que foi levado pelas naus e caravelas para outros lugares do mundo e aí ganhou raízes, como em São Tomé e Príncipe ou no Nordeste Brasileiro.

Recapitulemos brevemente toda a insanidade que são as Comédias do Minho: numa época em que se aposta nas ditas «indústrias criativas», aquarteladas em zonas urbanas e «centrais», para criarem «produtos» a serem consumidos passivamente por clientes pagantes; numa altura em que somos todos urbanos, suburbanos, europeus, cosmopolitas, especialistas, internacionais e virtuais, temos uma companhia de teatro numa zona rural, periférica, intermunicipal, que faz um festival de teatro gratuito, amador, com salas cheias de gente de todas as idades e camadas sociais, que dá formação artística a não-profissionais e lhes dá a possibilidade de criarem cultura, de desenvolverem mecanismos de criação, de se confrontarem com o outro ou - o que é ainda mais difícil - de se confrontarem consigo próprias, de se pensarem como pessoas e como comunidades, não através de alta tecnologia ou de «peritos internacionais», mas através da forma mais natural de pensar: com o corpo, com os gestos, com a presença, com a ação.

Em suma, uma companhia de teatro que mostra que a única forma de transformar os espaços e as pessoas é através do esforço e empenho continuado das próprias pessoas. Um companhia que faz aquilo que um perito americano chamaria «empowerment», mas a que eu chamo apenas de dar liberdade. A forma mais profunda de liberdade, aquela que assenta na imaginação e no fazer.

Uma maluqueira completa, dizia eu. Uma subversão. Um gesto radical. Uma ameaça à crise crónica em que o país tanto se revê. Algo que merecia ser estudado num congresso repleto de peritos internacionais, comissões, debates, estudos, estatísticas e inquéritos. Mas, enquanto isso não acontece (e talvez seja melhor que não aconteça), que as Comédias não se cansem e continuem a mostrar os frutos do seu trabalho no FITAVALÉ.

Voltando ao FITAVALÉ, o mesmo autarca acabou por compreender o motivo do riso - que nada tinha a ver com ele, mas que por discrição não irei aqui revelar - e acabou por partilhar dele. Mais um convertido à loucura do FITAVALÉ, portanto. Convido-vos a converterem-se também num dos próximos anos. Afinal, as comunidades não são entidades graníticas e fechadas, são rios, como o Minho, fluídos e difusos, únicos e irrepetíveis, e sempre a acolher novos afluentes que lhes possam engrossar o caudal.

Fonte: http://comediasdominho.blogspot.pt/2012_06_01_archive.html

ANEXO 09 – “Impressões sobre o FITAVALE já a caminho do terceiro ano” de Ricardo Braun

1. A ideia tinha tudo para não resultar. Durante três dias, em Maio de 2011, cinco grupos de teatro amador de cinco concelhos do Alto Minho (os concelhos das Comédias: Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira) cruzam o território e apresentam-se, longe de casa, longe do seu público. Os grupos não se conhecem, nunca viram o trabalho uns dos outros, nem nunca tiveram essa vontade. Existem localmente e trabalham para si. A proposta de os juntar num fim-de-semana de apresentações e de vivência do território permitiu que se criasse uma rede efectiva, funcional, de troca de experiências, de expectativas, e de real partilha de teatro. Para os espectadores, de activação de um aparelho crítico. (Pude ouvir, no Minho, conversas, impressões, referências, que há muito não ouço em foyers de outros teatros, tão outros e a maior parte das vezes tão acríticos). Um ano depois, perguntamo-nos como poderia a ideia não resultar. Os grupos conhecem-se, acompanham-se. Viajam no território. Oferecem e procuram teatro.

2. Várias vezes, já, a palavra “território”: múltiplo e indivisível. O projecto total das Comédias funciona porque conhece o seu território com as suas diferenças e porque permite que esse mesmo espaço, o espaço da absoluta diferença, seja reivindicado por cada um dos grupos. Foram-nos apresentados cinco espectáculos completamente diferentes. Palavras-chave (algumas): Schnitzler. Jodorowski. Tati (ou, Variações sobre Playtime) (entre Braga e Nova Iorque). Variações sobre Verdoejo, entre Valença e Monção. Um novo texto português. (Pequeno parêntesis: “um novo texto português” carrega bem mais implicações do que à primeira vista parece. Tema para uma possível reflexão: o texto amador. Tese: não há textos amadores). Mais: cada um dos grupos, neste segundo ano, propôs-se de forma muito consciente fazer algo que não lhes fosse imediato. O espaço da absoluta diferença torna-se, então, um espaço de risco, de experimentação e de auto-questionamento de todos enquanto espectadores (primeiro) e enquanto criadores (depois) (ou vice-versa).

3. Uma ideia que ouvi, ao almoço, de um membro de um dos grupos: uma temporada de teatro (e por que não) partilhada por todos, pensada colectivamente, somada de espectáculos de todos os grupos. A solidificação de uma dinâmica conjunta e contínua, ao longo do ano.

4. A cada grupo de teatro amador cabe um dos actores da companhia, actor-encenador-dinamizador(-tudo), que trabalha com eles ao longo do ano e os orienta na procura e construção do espectáculo. Os universos encontram-se de todos os envolvidos, contaminam-se, enchem-se de referências. A competência teatral por contágio. Amadores e profissionais. Também: alguns dos actores que pertencem aos

grupos puderam, ao longo do ano, trabalhar com diversíssimos outros criadores, em outros projectos da companhia. Várias vezes, já, a expressão “ao longo do ano”.

5. Breve aparte, sobre profissionais e amadores: vi durante o Fitavale aquele que foi, muito possivelmente, o melhor espectáculo que pude ver este ano. Já vamos em Junho.

6. (O território, mais uma vez). Fala-se muito (na cidade) da mobilidade de públicos (entre teatros/propostas) e aqui essa mobilidade é feita de estradas, percebem-se distâncias e fazem-se ligações, isto é, organizam-se as referências artísticas em cima de um mapa real. O gesto de ir, de sair, é fundamental, para quem faz e para quem vê. Exige-se de todos uma maior responsabilidade, de onde uma maior liberdade. O criador é espectador é criador. (O óbvio é tudo menos óbvio). Nesta segunda edição, entre setecentos e oitocentos espectadores viram os cinco espectáculos ao longo dos três dias. Em todas as apresentações verificou-se um aumento significativo de público em relação ao ano anterior. Criou-se um público que sempre existira, mas sem o saber. Um público latente. (Pense-se depois, noutro lugar, sobre a latência das cidades).

7. Tema para outra possível reflexão: o teatro amador e a nova Volksstück (Horváth, Fleißer, Fassbinder, Kroetz). “A luta entre indivíduo e sociedade” (Hansjörg Schneider sobre Horváth). “Fé caridade esperança” no Alto Minho.

8. Importa, então, compreender o Fitavale como um espaço de celebração de um ano inteiro de trabalho. Um trabalho próximo, sério, e, acima de tudo, continuado no tempo, que é, também, a única forma de se criarem os proverbiais públicos que ninguém sabe onde estão. Estão onde permitirmos que estejam. (A democracia da experiência cultural). Querem ser implicados. Reivindicam a liberdade de querer ir ver.

9. Trata-se, portanto, de uma proposta continuada de se montar uma escola (péssima palavra) de competências, tanto para os criadores como para os espectadores. Cada um destes cinco grupos vem adquirindo ferramentas artísticas que, muito facilmente, lhes permitirão organizar os seus próprios espectáculos de forma autónoma no espaço de poucos anos. Os actores das Comédias desdobram-se de capacidades, complicam-se enquanto criadores e enquanto actores, vivem os grupos. Os espectadores, confrontados com novas linguagens, com novos objectos, equipam-se de competências críticas, cultivam uma exigência responsável, informada. (Isabel Alves Costa: “A atitude das pessoas é: mas o que é que eles irão fazer a seguir? Não estão de todo à espera do mesmo”. Alexandra Moreira da Silva: “Mas estão à espera de alguma coisa. Esperam verdadeiramente, e isso será talvez o que de mais político existe no teatro”). Então, e para fechar: o projecto total das Comédias (pedagógico, comunitário, companhia de teatro) a provocar o aparecimento do agente total (espectador=criador).

Fonte: http://comediasdominho.blogspot.pt/2012_06_01_archive.html

ANEXO 10 – “Comunidades em vivências joco-sérias” de Helena Santos e Joana Ramalho

Desafios do Teatro Amador do Vale do Minho

Rui Pina Coelho, Sebastiana Fadda e Rita Martins

Passos em volta

Sinais de cena 20. 2013

noventa e cinco

Desafios do Teatro Amador do Vale do Minho

Terceira edição dos Seminários para Novos Críticos da APCT

Coordenação de Rui Pina Coelho, Sebastiana Fadda e Rita Martins

O dossiê que aqui publicamos reúne um conjunto de textos produzidos no âmbito de duas iniciativas, ambas na sua 3ª edição, que se cruzavam ao mesmo tempo no mesmo espaço geográfico e contavam com a colaboração das Comédias do Minho: o Seminário para Novos Críticos da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro [APCT] e o Festival Itinerante de Teatro Amador do Vale do Minho [FITAVALE]. O festival decorreu de 18 a 26 de Maio de 2013 e pôde contar com a participação não só de grupos portugueses, mas também de grupos espanhóis provenientes da PLATTA [Plataforma Transfronteiriça de Teatro Amador]. Para o Seminário para Novos Críticos, à semelhança do que aconteceu nas anteriores edições destes Seminários – a 1ª acolhida pelos Festivais Gil Vicente de Guimarães em 2010, a 2ª pelo Festival Odisseia do Porto em 2011 –, os participantes, com formações variadas, vieram de diferentes regiões do país, mas comungavam do mesmo desejo de aceitarem desafios e deixarem-se envolver em novas aprendizagens. O objectivo continua a ser o de contrariar o progressivo desaparecimento da crítica sobre artes performativas no nosso espaço público e de, espera-se, vir a criar uma rede nacional de críticos, promovendo a análise e o debate, e envolvendo cada vez mais vozes sobretudo de camadas jovens de espectadores.

Comunidades em vivências dinâmicas joco-sérias Helena Santos e Joana Ramalho

O FITAVALE teve a sua primeira edição em 2011, como um dos resultados do desenvolvimento do projeto comunitário das Comédias do Minho (CdM), um dos pilares da sua atividade: acompanhar um grupo de teatro amador em cada um dos cinco concelhos do Vale do Minho, num jogo (muito sério) de interação com as pessoas que fazem esse território.

O papel das CdM com cada grupo consiste, diretamente, em trabalhar competências técnicas e artísticas – ora “encenando”, ora “dinamizando”, como o próprio programa refere, respeitando a atividade de cada grupo. E, por essa via e tudo o que o trabalho de imersão, regular e sistemático, implica (contatos mais prolongados, relações mais afetivas, conhecimentos mais sólidos, identidades mais críticas), as CdM contribuem ativamente para a dinamização (e progressiva autonomia) da

participação cultural em toda a região, pequena mas idiossincrática, onde cada concelho e cada freguesia corresponde ainda a unidades relativamente fechadas, até por força do isolamento próprio do Vale do Minho (decorrente da ruralidade, envelhecimento e vulnerabilidade socioeconómica de grande parte da população).

O FITAVALE consiste no reforço destas componentes, ao mostrar o trabalho de cada grupo de teatro fora do seu concelho de origem. Itinerar, aqui, significa, em primeiro lugar, “sair de casa”, articulando as dinâmicas da criação artística amadora com as da receção e dos públicos, e incorporando estas e aquelas na construção de redes de interconhecimento e de sociabilidade na vida alto-minhota. Assistimos a uma espécie de rotação, em que cada grupo se apresenta noutro concelho e, naturalmente, noutro espaço de apresentação, que não o seu. E espera-se, com esta “inter-itinerância”, não apenas que os grupos amadores (estes e outros, que os há, de teatro e não só) se conheçam e troquem experiências, mas também que, progressivamente, a população se mova e mobilize, ou seja, que os cinco concelhos se tornem cada vez mais um território aberto e partilhado, interna e externamente.

É que, ao mesmo tempo, o FITAVALE constitui-se como um momento de festa (de comunhão) e de reflexão sobre a relação das CdM e da arte teatral naquele território – e fora dele. Este ano, o festival alargou-se: realizou-se em dois fins-de-semana (e não num só, como nas anteriores edições); contou com a participação de dois grupos espanhóis, no quadro da PLATTA; apresentou os grupos escolares envolvidos no ENCENA – Projeto Teatro na Escola, no âmbito do programa pedagógico das CdM; e incluiu o Seminário para Novos Críticos, pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro. E, como sempre nas atividades das CdM, contou com dois jantares-convívio, alargados a participantes e públicos, integrando o sentido de partilha da essência duma verdadeira comunidade.

Tudo é aqui motivo de comunhão: os textos; as participações diversas, entre cerca de uma e duas dezenas de intérpretes, conforme os grupos, contracenando jovens e idosos, rurais e urbanos, atores experimentados e estreantes, com motivações de aprendizagem profissionalizante, de sociabilidade, ou de intervenção; os recursos dramáticos e cénicos e os espaços de apresentação.

< >
Lisístrata,
 de Aristófanes,
 enc. Mónica Tavares,
 Verdejejo – Grupo de
 Teatro da Associação
 Cultural de Verdejejo,
 2013,
 fot. Comédias do Minho.



Em suma, o FITAVALÉ está longe de ser um "festival improvável", para parafrasear as palavras de Alexandra Moreira da Silva (*Sinais de cena*, n.º 17, 2012: 13), porque é parte integrante de um trabalho (já) com passado e voltado para o futuro, o das CdM, simultaneamente no plano artístico e no plano social.

Título: As troianas (415 a.C.). *Autor:* Eurípides. *Dramaturgia:* Manuel Lourenço. *Encenação:* Paco Alvarellos e José León. *Produção:* Carfax Teatro – Galiza. *Local e data de apresentação:* Vila Nova de Cerveira, Fórum Cultural, 18 de Maio de 2013.

Título: Lisístrata (411 a.C.). *Autor:* Aristófanes. *Encenação:* Mónica Tavares. *Produção:* Verdejejo – Grupo de Teatro da Associação Cultural de Verdejejo. *Local e data de apresentação:* Monção, Cine Teatro, 19 de Maio de 2013.

Título: Un corazón lleno de lluvia. *Autor:* criação colectiva. *Encenação:* Jesus Fuente. *Produção:* Cachivache Teatro – Castilla y León. *Local e data de apresentação:* Monção, Cine Teatro João Verde, 25 de Maio de 2013.

A pequena Grande Dionisiaca, a norte do país Stat Miller

Podemos suspeitar que é com o mesmo entusiasmo das Dionisiacas Urbanas da Antiga Grécia do século V a.C., que as gentes minhotas celebram o FITAVALÉ. No centro desta iniciativa está um grupo de actores que forma a companhia CdM. Estes "estrangeiros" naquelas paragens chegaram das mais variadas partes do país, integraram-se na vida e apropriaram-se dos corações minhotos, vindo a ser acarinhados pelas gentes da terra e é ali que dão a conhecer o seu teatro. Paralelamente à actividade artística que desenvolvem como companhia de teatro profissional, as Comédias do Minho dedicam-se anualmente à concretização do FITAVALÉ, evento que recupera um pouco aquilo que terá sido o teatro na sua origem – o sítio de onde se vê o "ritual" em que a comunidade suspende as suas actividades quotidianas para se expor e rever numa manifestação artística.

No espaço de dois fins-de-semana assiste-se neste Minho a uma pequena Grande Dionisiaca: sob a direcção de um actor profissional das Comédias do Minho, grupos amadores de teatro compostos pelas gentes das terras, com uma faixa etária que varia dos oito aos oitenta, empenham-se na apresentação de espectáculos de teatro. Os temas, ou as peças escolhidas pelos actores (amadores), vão desde Georg Büchner a Aristófanes. As escolhas são variadas e arrojadas e os espectáculos, que resultam das propostas, estão longe de ser "amadores".



O trabalho desenvolvido por cada grupo, sob a direcção e responsabilidade dos vários actores das CdM, revela para além de uma importante qualidade artística, um sentimento e uma ideia de celebração e de partilha. O espectáculo do FITAVALÉ que talvez tenha melhor traduzido esta celebração de comunidade foi *Lisístrata*, dirigida e encenada por Mónica Tavares, apresentado em Monção. A temática do texto de Aristófanes resultou numa escolha feliz: a história de uma comunidade de mulheres que se mobiliza numa greve de sexo – para que os seus maridos acabem com a guerra e estabeleçam a paz – traduz-se, nesta encenação, num contexto minhoto divertido em que a comunidade grega fica muito bem situada em terras e interpretações minhotas. As "Lisístratas" aqui são "mulheres do Norte", quase mais viris que os homens a quem recusam os prazeres da carne – e, curiosamente, esses homens são, de facto, os maridos (a sério) destas actrizes. O riso instala-se mediante a sensação de estarmos a extrapolar a verdade cénica entrando, neste espectáculo, em casa destes casais, e assistir a intrigas domésticas entre os (reais) conjugues.

O ambiente difere dos festivais de teatro habituais. Aqui é algo de particular, no sentido em que "este" teatro é efectivamente "o sítio de onde se vê", o espaço temporal e espiritual em que a comunidade se olha a si própria, não só pelo espelhar de situações e temas que lhe são familiares e com os quais se identifica, mas principalmente porque é efectivamente o pai que vê o filho, ou o neto que vê a avó numa situação performativa. O público em geral é constituído, sobretudo, pelos amigos, conhecidos e parentes dos actores, o que cria um círculo especial formado por cumplicidades que são, também elas, motor e parte do sucesso do evento.

Dois grupos de teatro amador galegos entram nesta dinâmica de espectáculos, de comunidades, de gentes e de celebrações artísticas: este ano trouxeram à cena *As troianas*, um clássico grego, e *Un corazón lleno de lluvia*, um texto contemporâneo, encenados respectivamente por Paco Alvarellos e Jesus Fuentes. As peças dos "nuestros hermanos" são apresentadas em galego e distanciam-se da restante linha de espectáculos do festival tanto pelas temáticas escolhidas, que são sempre sóbrias, como pelo rigor técnico e eficácia cénica, cuja execução se afasta do contexto amador que os outros grupos do FITAVALÉ apresentam.

Os espectáculos são esteticamente muito diferentes, mas pressentem-se as opções e as vontades "artísticas" dos actores. Entre a exigência de qualidade da interpretação e o gozo do lúdico pelo lúdico, são mais eficazes os espectáculos em que predominam o tom cómico e a descontração, e em que a euforia e a risada acompanham

ANEXO 11 – Fotos de espetáculos

Foto 1



Anteskupanabra, 2006 (Companhia)

Foto 2



Historias de desadormecer, 2007 (PP)

Foto 3



Estufa Fria, 2008 (Companhia)

Foto 4



Contra-bando, 2009 (Companhia)

Foto 5



Deu la Deu, 2009 (Monção) (PC)

Foto 6



Inês Negra, 2009 (Melgaço) (PC)

Foto 7



Queima de Judas, 2010 (Vila Nova de Cerveira) (PC)

Foto 8



Voz off, Os Simples, 2012 (PC)

Foto 9



Casa Grande, 2011 (Companhia)

Foto 10



Clepsidra, 2011 (PP)

Foto 11



Inverno, 2011 (Companhia)

Foto 12



Nas Margens, 2011 (PP)

Foto 13



Catabrisa, 2012 (PP)

Foto 14



Conversas porta aberta, 2012

Foto 15



Solar, 2012 (Companhia)

Foto 16



Lagarta Borboleta, 2013 (PP)

Foto 17



Terra do Desejo, 2013 (Companhia)

Foto 18



Ivone, 2013 (PC)

Foto 19



Equipa CdM em montagem de espectáculo

Foto 20



Carrinha da equipa CdM

Fonte: Todas as imagens foram cedidas pelas Comédias do Minho

ANEXO 12 – *Diário da república, III série, escritura Associação Comédias do Minho*

N.º 75 - 29 de Março de 2004

DIÁRIO DA REPÚBLICA III SÉRIE

6928-(13)

São sócios honorários as pessoas que, através de serviços ou donativos, deem contribuição especialmente relevante para a realização dos fins da instituição.

A mudança de categoria de sócios auxiliares a sócios efectivos é automática, quando for atingida a idade de 18 anos, desde que o interessado não renuncie à sua qualidade de sócio.

A mudança de categoria de sócio deve ser previamente comunicada ao interessado, considerando-se tacitamente aceite no prazo de 15 dias a SFRAA não for informada da renúncia à qualidade de sócio.

A qualidade de associado não é transmissível quer por acto entre vivos, quer por sucessão.

A admissão de sócios auxiliares processa-se nos termos previstos para os sócios efectivos, devendo os interessados apresentar, conjuntamente com a proposta, autorização escrita de quem exerce o poder paternal.

Qualquer indivíduo pode, por si ou pelos seus legais representantes, requerer a sua admissão como sócio da SFRAA.

Os sócios que tenham pedido a demissão podem ser readmitidos, não sendo permitidas mais de duas readmissões.

Os indivíduos que tenham perdido a qualidade de sócios, a tentem readquirir de forma fraudulenta, não podem voltar a ser associados da associação.

Não são admitidos como sócios os indivíduos cuja conduta moral ou cívica não se enquadre nos objectivos propostos pela associação.

Os sócios que deixem de pagar as suas quotas por um período superior a seis meses perdem a qualidade de sócio e só poderão ser readmitidos mediante o pagamento de todas as quotas em débito que motivaram a baixa de sócio.

A readmissão não confere ao sócio o direito de readquirir a posição anterior, considerando-se como novo sócio.

Os sócios que tenham pedido a demissão podem ser readmitidos e readquirir o número de sócio que tinham à data da demissão, desde que paguem todas as quotas desde a data de demissão até à data da readmissão.

Os sócios que violem os deveres estabelecidos nos estatutos ficarão sujeitos às seguintes sanções: perda da qualidade de sócio, admoestação, reprecensão registada, suspensão até três meses, suspensão até um ano, expulsão.

Perdem o mandato os membros dos corpos gerentes que abandonem o lugar ou peçam a demissão e aqueles a que forem aplicadas as seguintes sanções: perda da qualidade de sócio, suspensão até um ano, expulsão.

Constitui abandono do lugar, determinando a sua vacatura, a verificação de quatro faltas seguidas ou de oito interpoladas, não justificadas, às reuniões dos respectivos órgãos.

29 de Janeiro de 2004. O Ajudante, *Luís Eduardo Correia García Domingues*. 3000132748

SPORT CLUB CONIMBRICENSE

Alteração de estatutos

Certifico que, por escritura de hoje, exarada a fls. 94 e seguintes do livro de notas para escrituras diversas n.º 60-A do 1.º Cartório Notarial de Competência Especializada de Coimbra, foi formalizada a alteração integral dos estatutos da associação, com sede na Rua de Simões de Castro, 138, em Coimbra, titular cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 501141146, reconhecida como colectividade de utilidade pública por despacho de 5 de Janeiro de 1979, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 10, de 12 de Janeiro de 1979, e como tal matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Coimbra sob o n.º 12, mantendo, todavia, a anterior denominação e como principais objectivos promover o desenvolvimento e a prática dos desportos atléticos, especialmente ao ar livre.

26 de Janeiro de 2004. -- O Ajudante, *José António de Almeida Costa*. 3000133103

APSIPAAC — ASSOCIAÇÃO DE PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA PARA ADULTOS, ADOLESCENTES E CRIANÇAS.

Certifico que, por escritura de 18 de Fevereiro de 2004, lavrada a fl. 4 do livro de notas para escrituras diversas n.º 321-F do 23.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária interina licenciada Maria Isabel Martins Nunes Tiago, foi constituída uma associação de direito privado, sem fins lucrativos, e que durará por tempo indeterminado, com a denominação em epígrafe, cuja sede é na Avenida

de Marconi, 6. 3.º, D. freguesia de São João de Deus, concelho de Lisboa, e tem por objecto a educação para a saúde, apoio e suporte na promoção do bem estar psicológico, através de estratégias de prevenção primária e secundária, a nível individual e comunitário, podendo para o efeito desenvolver todas as actividades adequadas a tal fim, nomeadamente a prevenção do isolamento social, o estabelecimento de uma rede de suporte, a promoção da integração na comunidade, a promoção da transferência de aprendizagens, o desenvolvimento de factores de resistência, a identificação e redução de comportamentos de risco, a promoção da mudança de atitudes e comportamentos, a consciencialização das capacidades individuais, a promoção da capacidade de relacionamento interpessoal, a promoção de atitudes de solidariedade e partilha, acções de formação, entre outras.

A Associação terá uma única categoria de associados, que podem ser quaisquer pessoas singulares ou colectivas, cuja admissão ocorrerá mediante a manifestação dessa vontade pelo interessado junto da direcção da Associação. As demais condições relativas à admissão, saída ou exclusão dos associados serão as determinadas nos termos do regulamento interno que vier a ser aprovado em sede de assembleia geral. Os associados fundadores obrigam-se a concorrer para o património social com um fundo inicial de 600 euros, repartido em partes iguais.

Está conforme o original.

18 de Fevereiro de 2004. - A Segunda-Ajudante, *Ana Isabel Dias da Silva Tomás de Ribeiro Mendes*. 3000133312

COMÉDIAS DO MINHO — ASSOCIAÇÃO PARA A PROMOÇÃO DE ACTIVIDADES CULTURAIS DO VALE DO MINHO.

Constituição de associação

Certifico que, por escritura de 24 de Julho de 2003, lavrada de fl. 49 a fl. 51 do livro de notas para escrituras diversas n.º 39 do Notariado Privativo do Município de Valença, foi constituída, nos termos dos artigos 167.º a 184.º, uma associação sem fins lucrativos, com a denominação de Comédias do Minho — Associação para a Promoção de Actividades Culturais no Vale do Minho, com sede na Avenida de Miguel Dantas, 69, 4930-678 Valença, a qual se regerá pelos seguintes estatutos:

CAPÍTULO I

Da denominação, sede e objecto

ARTIGO 1.º

1 - A Comédias do Minho — Associação para a Promoção de Actividades Culturais no Vale do Minho é uma associação sem fins lucrativos de duração ilimitada, que passa a reger-se pelos presentes estatutos, pelos regulamentos internos e pela legislação em vigor.

2 - Designa-se, abreviadamente, Comédias do Minho.

ARTIGO 2.º

1 - A Associação tem a sua sede nas instalações da Associação de Municípios do Vale do Minho, Avenida de Miguel Dantas, 69, 4930-678 Valença, podendo ser transferida para qualquer outro local, no Vale do Minho, por deliberação da assembleia geral.

2 - A Associação poderá criar delegações, ou outras formas de representação descentralizada, nos locais que achar conveniente nos concelhos de Caminha, Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira.

ARTIGO 3.º

O objecto da Associação consiste na promoção de actividades culturais nos concelhos do Vale do Minho, designadamente através de:

Criação de uma Companhia de Teatro Rural Comédias do Minho, com actividades de animação de rua, nas bibliotecas, nas freguesias rurais, nas escolas, nos eventos locais;

Gestão de projectos culturais na área de intervenção;

Edição de documentos de carácter cultural;

Realização de encontros e acções de formação profissional na área cultural.

Promoção e fomento de iniciativas culturais locais;
Colaboração com outras instituições de carácter cultural;
Promoção de redes culturais de cooperação na área de intervenção;
Promoção de acções de cooperação transfronteiriça com a Região da Galiza;
Organização e promoção de quaisquer outras iniciativas culturais de natureza intermunicipal

CAPÍTULO II

Dos associados

SECÇÃO I

Admissão e classificação

ARTIGO 5.º

Podem ser associados da Associação todos os indivíduos ou pessoas colectivas que o requeram e cuja admissão seja aprovada pela assembleia geral, em conformidade com os presentes estatutos.

ARTIGO 6.º

- 1 - Os associados são efectivos, beneméritos e honorários.
- 2 - São associados efectivos os associados fundadores e aqueles que a assembleia geral, sob proposta da direcção, por maioria de dois terços, admitir como tal.
- 3 - São, desde já, associados fundadores da Comédias do Minho:
 - a) Câmara Municipal de Caminha;
 - b) Câmara Municipal de Melgaço;
 - c) Câmara Municipal de Monção;
 - d) Câmara Municipal de Paredes de Coura;
 - e) Câmara Municipal de Valença;
 - f) Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira;
 - g) Cooperativa Teatro Noroeste.
- 4 - São associados beneméritos as pessoas singulares ou colectivas ou quem, pelos serviços prestados ou doações feitas à Associação, a assembleia geral atribua esta distinção.
- 5 - São associados honorários as pessoas singulares ou colectivas que, como tal, sejam proclamadas pela assembleia geral em reconhecimento de serviços relevantes prestados à Associação ou à comunidade.
- 6 - A fixação das quotas, bem como o processo de admissão e exclusão dos membros, desenrola-se segundo normas estabelecidas pela assembleia geral, sob proposta da direcção.

SECÇÃO II

Direitos e deveres

ARTIGO 7.º

- São direitos dos associados efectivos:
- a) Participar e votar nas assembleias gerais directamente ou através dos seus representantes;
 - b) Examinar as contas, documentos e livros relativos às actividades da Associação, nos oito dias que antecedam qualquer assembleia geral;
 - c) Votar e serem votados para qualquer cargo da Associação;
 - d) Propor a admissão de novos associados;
 - e) Usufruir de todas os benefícios e regalias proporcionados pela Associação, bem como gozar de preferência na contratação de serviços à Associação;
 - f) Utilizar, nos termos regulamentares, os serviços que a Associação ponha à sua disposição;
 - g) Requerer a convocação das assembleias gerais extraordinárias, nos termos destes estatutos;
 - h) Desvincular-se da sua qualidade de associado, mediante carta registada enviada à direcção.

ARTIGO 8.º

- São deveres dos associados efectivos:
- a) Respeitar, cumprir e fazer respeitar os estatutos e regulamentos, bem como todas as decisões dos corpos gerentes;
 - b) Contribuir para o prestígio da Associação;
 - c) Pagar as quotas devidas.

d) Colaborar nas actividades promovidas pela Associação aprovadas em assembleia geral, bem como todas as acções necessárias à prossecução dos seus objectivos

CAPÍTULO III

Dos órgãos sociais

ARTIGO 9.º

São órgãos da Associação

- a) A assembleia geral;
- b) A direcção;
- c) O conselho fiscal.

ARTIGO 10.º

- 1 - Os titulares dos órgãos sociais são eleitos por períodos de dois anos, podendo ser reeleitos.
- 2 - Os titulares dos órgãos sociais poderão ser remunerados nos termos que a assembleia geral decidir.

SECÇÃO I

Da assembleia geral

ARTIGO 11.º

A assembleia geral é constituída pelos representantes de todos os associados no pleno gozo dos seus direitos associativos e nela reside o poder supremo da Associação.

ARTIGO 12.º

- 1 - A mesa da assembleia geral é composta por um presidente, um secretário e um vogal, não pertencentes à direcção nem ao conselho fiscal, eleita pelos associados efectivos em assembleia geral.
- 2 - No caso de ausência ou impedimento de membros da mesa, em reunião devidamente convocada, os presentes designarão substitutos *ad hoc*, de entre os associados efectivos.

ARTIGO 13.º

- 1 - A assembleia geral reunirá em sessões ordinárias e extraordinárias, convocadas com o mínimo de 15 dias de antecedência pelo presidente da mesa, a pedido da direcção ou do conselho fiscal ou, ainda, a requerimento de, pelo menos, 50% dos associados.
- 2 - A assembleia geral reunirá em sessão ordinária para apreciação e aprovação do relatório e contas da direcção, os quais deverão ser acompanhados pelo parecer do conselho fiscal, até fim do mês de Março.
- 3 - A assembleia geral reunirá em sessão ordinária para apreciação e aprovação do plano de actividades e orçamento do ano seguinte, até ao final do ano em curso.
- 4 - A assembleia geral reunirá em sessão ordinária de dois em dois anos para a eleição dos corpos sociais.

ARTIGO 14.º

- 1 - A assembleia geral funciona, em primeira convocação, com a presença de três quartos, arredondados por defeito, dos associados.
- 2 - A assembleia geral pode deliberar com qualquer número de associados presentes, em segunda convocação, a ter lugar, o mais cedo, meia hora depois e, o mais tarde, oito dias depois.

ARTIGO 15.º

- Compete à assembleia geral:
- a) Discutir e aprovar alterações aos estatutos;
 - b) Interpretar os presentes estatutos, aprovar os regulamentos necessários e decidir sobre os casos omissos;
 - c) Fixar as quotas dos associados;
 - d) Eleger e destituir, por escrutínio secreto, todos os titulares individuais dos vários órgãos da Associação;
 - e) Pronunciar-se sobre o impedimento ou vacatura dos diversos membros dos órgãos da Associação;
 - f) Apreciar e deliberar sobre todos os assuntos que lhe sejam submetidos por qualquer associado efectivo;
 - g) Apreciar e votar o programa de actividades, o orçamento e os planos plurianuais;
 - h) Discutir e aprovar o relatório de contas e actividades.

- i) Deliberar sobre a atribuição da categoria de associado benemérito ou honorário;
- j) Deliberar sobre a admissão e exclusão de associados, bem como dos recursos de não admissão e outros eventuais recursos;
- k) Exercer o poder disciplinar sobre todos os associados;
- l) Fixar a data das eleições dos órgãos da Associação, bem como das respectivas tomadas de posse;
- m) Deliberar sobre a remuneração dos órgãos sociais;
- n) Deliberar sobre todos os assuntos que o ordenamento jurídico não exclua, nomeadamente apreciando as propostas da direcção

ARTIGO 16.º

As decisões da assembleia geral serão tomadas por maioria simples, excepto nas que dizem respeito às revisões de estatutos e à dissolução da Associação, para as quais é necessário a maioria de três quartos dos presentes e associados, respectivamente.

§ único O presidente da mesa da assembleia geral tem voto de qualidade em caso de empate.

SECÇÃO II

Da direcção

ARTIGO 17.º

A direcção é o órgão executivo da Associação

ARTIGO 18.º

A direcção é composta por três membros: presidente, vice-presidente e secretário

ARTIGO 19.º

Compete à direcção:

- a) Cumprir e fazer cumprir os estatutos, regulamentos e quaisquer deliberações da assembleia geral;
- b) Elaborar os projectos orçamentais da Associação;
- c) Elaborar o relatório de contas e submetê-lo à apreciação da assembleia geral;
- d) Representar a Associação perante terceiros;
- e) Elaborar os regulamentos necessários ao bom funcionamento dos serviços da Associação, que serão submetidos à aprovação da assembleia geral;
- f) Propor à assembleia geral a formação e extinção de comissões temporárias, definindo-lhes as respectivas áreas de trabalho e funcionamento interno;
- g) Negociar e celebrar convénios entre a Comédias do Minho e terceiros e garantir a sua observância;
- h) Propor a admissão ou exclusão de associados;
- i) Organizar os serviços administrativos;
- j) Tomar todas as iniciativas que se enquadrem na política geral da Associação, podendo para o efeito contratar pessoal e colaboradores e fazer à assembleia geral todas as propostas que considere oportunas.

ARTIGO 20.º

Para obrigar a Associação em todos os seus actos e contratos e a representar em juízo e fora dele, activa ou passivamente, bem como junto das instituições bancárias e necessária a assinatura de dois membros da direcção, sendo que uma das assinaturas deverá ser obrigatoriamente a do presidente da direcção.

ARTIGO 21.º

1. - A direcção da Comédias do Minho reúne ordinariamente uma vez por mês e extraordinariamente, sempre que seja convocada pelo presidente ou a solicitação dos restantes membros da direcção.

2. - As deliberações da direcção são tomadas por maioria simples de votos, tendo o presidente voto de qualidade em caso de empate, sendo lavradas actas de todas as reuniões.

SECÇÃO III

Do conselho fiscal

ARTIGO 22.º

O conselho fiscal será constituído pelo presidente, pelo secretário e pelo relator, eleitos em assembleia geral, não podendo funcionar com menos de dois elementos

ARTIGO 23.º

Compete ao conselho fiscal:

- a) Fiscalizar todas as actividades de cariz financeiro;
- b) Examinar periodicamente a escrita da Associação;
- c) Elaborar parecer sobre o relatório, balanço e contas de cada exercício.

SECÇÃO IV

Do conselho consultivo

ARTIGO 24.º

1. - Ao conselho consultivo compete emitir pareceres e recomendações por solicitação da direcção e por iniciativa própria.

2. - O conselho consultivo rege-se de acordo com o regulamento aprovado pela assembleia geral.

CAPÍTULO IV

Das eleições

ARTIGO 25.º

1. - Todos os órgãos da Associação serão eleitos por votação secreta.

2. - No caso de empate entre candidatos, para os elementos que ocupem o primeiro lugar, realizar-se-á um segundo escrutínio, tendo como concorrentes esses candidatos

ARTIGO 26.º

Aos candidatos mais votados assiste o direito de recusar o cargo, caso em que se procederá a novo(s) escrutínio(s)

ARTIGO 27.º

Os mandatos de todos os órgãos da Associação têm a duração de dois anos, a contar da tomada de posse, que deverá ocorrer nos 15 dias subsequentes à eleição

CAPÍTULO V

Do património social

ARTIGO 28.º

Constituem, entre outras, receitas da Associação:

- 1) As quotizações e contribuições dos associados;
- 2) Os subsídios, doações, heranças, legados e participações que lhe sejam atribuídos;
- 3) Os rendimentos de bens e capitais próprios;
- 4) O produto dos contratos feitos com associados ou com terceiros;
- 5) As receitas de quaisquer serviços prestados de acordo com o seu objecto;
- 6) O produto de venda de publicações e quaisquer receitas correspondentes a actividades organizadas pela Associação.

CAPÍTULO VI

Disposições finais

ARTIGO 29.º

1. - Os presentes estatutos só poderão ser alterados em assembleia geral expressamente convocada para esse fim.

2. - Os assuntos não tratados nestes estatutos e os casos omissos serão regulados pela assembleia geral e pelas disposições legais em vigor sobre associações.

3. - Os presentes estatutos entram em vigor imediatamente após aprovação e o cumprimento das disposições legais aplicáveis

Está conforme

24 de Julho de 2003. - O Notário Privativo da Câmara Municipal, *Nuno Vidal Pinheiro Felgueiras* 3006133416

ANEXO 13 – Fichas de avaliação utilizadas pelo PP

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO			
Designação da Atividade _____			
Qual a sua opinião sobre esta atividade?			
Muito bom	<input type="checkbox"/>	Bom	<input type="checkbox"/>
		Razoável	<input type="checkbox"/>
			Fraco <input type="checkbox"/>
Qual a sua opinião sobre a adequação dos conteúdos desta atividade ao público-alvo?			
Muito bom	<input type="checkbox"/>	Bom	<input type="checkbox"/>
		Razoável	<input type="checkbox"/>
			Fraco <input type="checkbox"/>
Qual a sua opinião sobre o desempenho da pessoa/equipa responsável por esta atividade (criador(es), formador(es), orientador(es) ou artista(s))?			
Muito bom	<input type="checkbox"/>	Bom	<input type="checkbox"/>
		Razoável	<input type="checkbox"/>
			Fraco <input type="checkbox"/>
Quais os aspetos mais positivos desta atividade?			

Quais os aspetos menos positivos desta atividade?			

Sugira outras ações, temáticas e/ou linguagens artísticas que gostaria de ver desenvolvidas pelas Comédias do Minho.			

Outros comentários.			

Obrigado pela sua opinião.			

GRELHA DE OBSERVAÇÃO
Ensino Pré-Escolar | 1º Ciclo Ensino Básico | 2º Ciclo Ensino Básico

Atividade	Data	Hora	Escolas/Turmas	Nº alunos	Nº adultos

	Muito bom	Bom	Razoável	Fraco
Concentração				
Ruído				
Interesse				
Reação em massa (positiva e/ou negativa)				
Postura Adultos				
Outros				

Fonte: Documento cedido pelas Comédias do Minho

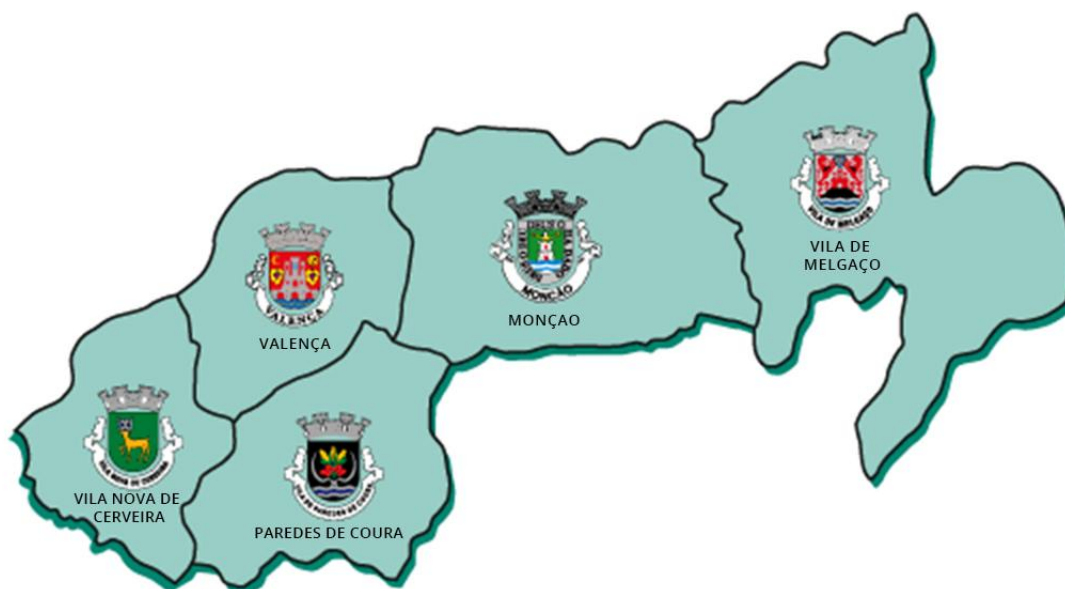
ANEXO 14 – Cartografia (Mapas 1, 2 e 3)

Mapa 1 - Divisão Geográfica e Área Geográfica do Vale do Minho



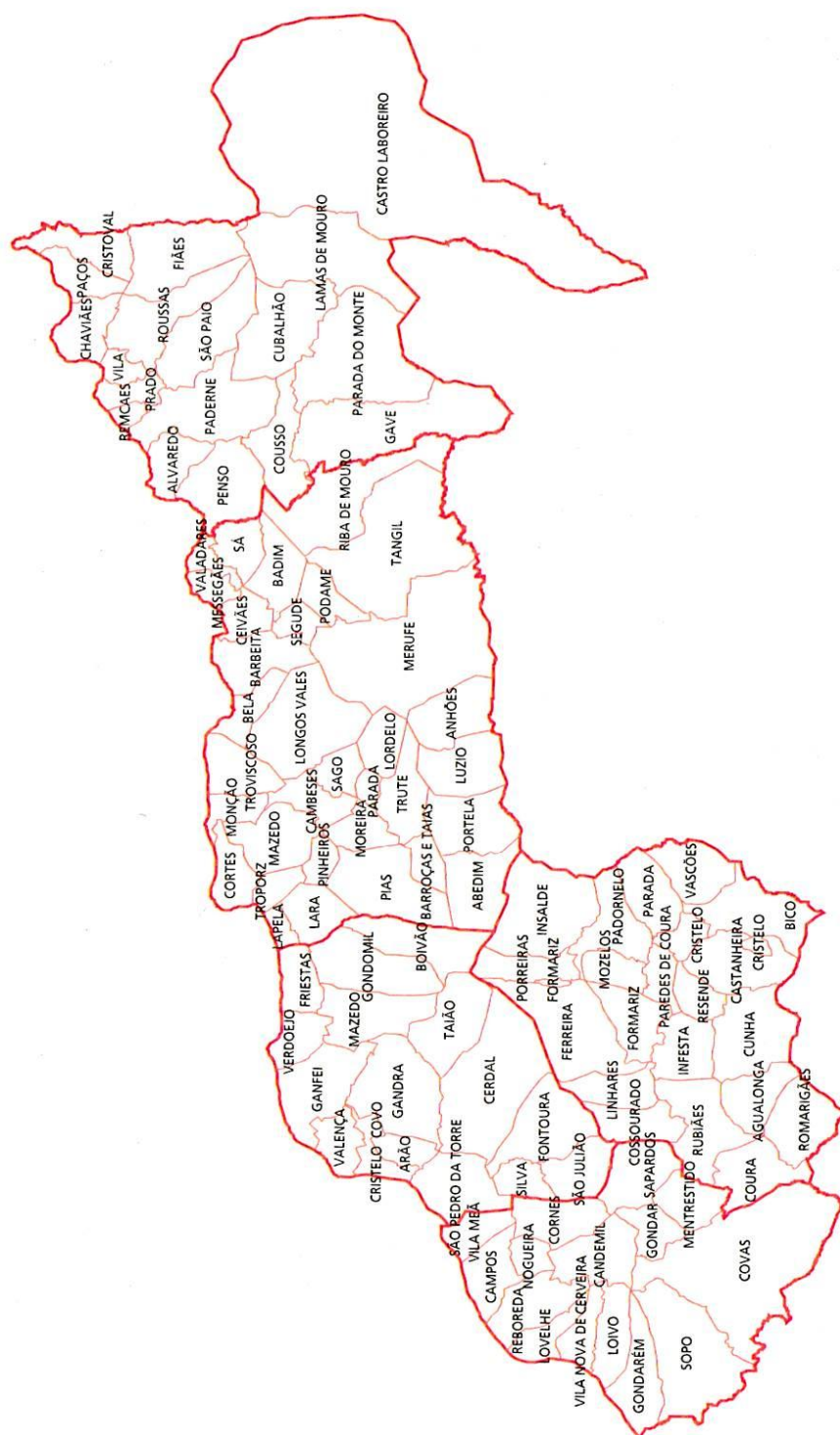
Fonte: www.valedominhodigital.pt

Mapa 2 - Divisão Administrativa do Vale do Minho



Fonte: www.valedominho.pt

Mapa 3 - Freguesias



Fonte: Comédias do Minho, Ed (2009) *Comédias do Minho, cinco municípios – um projecto cultural*.
Paredes de Coura: Comédias do Minho

ANEXO 15 – Dados sócio-demográficos (Tabelas 1, 2, 3, 4, 5)

Tabela 1 - População residente (N.º) por Local de residência (Censos 2011)

Período de referência dos dados	Local de residência (à data dos Censos 2011)	População residente (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2011), Sexo e Grupo etário; Decenal				
		Sexo				
		HM				
		Grupo etário				
		Total	0 - 14 anos	15 - 24 anos	25 - 64 anos	65 e mais anos
		N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
2011	Portugal	10562178	1572329	1147315	5832470	2010064
	Norte	3689682	557233	425876	2075134	631439
	Minho-Lima	244836	32514	25706	129988	56628
	Melgaço	9213	821	766	4250	3376
	Monção	19230	2081	1761	9970	5418
	Paredes de Coura	9198	1127	887	4712	2472
	Valença	14127	1871	1445	7614	3197
	Vila Nova de Cerveira	9253	1230	935	4911	2177

Fonte: INE

Tabela 2 - Densidade populacional (N.º/ km²) por Local de residência (Censos 2011)

Local de residência (à data dos Censos 2011)	Densidade populacional (N.º/ km²) por Local de residência (à data dos Censos 2011) e Sexo; Decenal	
	Período de referência dos dados	
	2011	
	Sexo	
	HM	
	N.º/ km²	
Portugal	114,5	
Norte	173,3	
Minho-Lima	110,4	
Melgaço	38,7	
Monção	91	
Paredes de Coura	66,6	
Valença	120,6	
Vila Nova de Cerveira	85,3	

Fonte: INE

Tabela 3 - Taxa de analfabetismo (%) por Local de residência (Censos 2011)

Local de residência (à data dos Censos 2011)		Taxa de analfabetismo (%) por Local de residência (à data dos Censos 2011) e Sexo; Decenal	
		Período de referência dos dados	
		2011	
		Sexo	
		HM	
		%	
Portugal	PT	5,22	
Continente	1	5,19	
Minho-Lima	111	6,85	
Melgaço	1603	9,51	
Monção	1604	8,12	
Paredes de Coura	1605	11,40	
Valença	1608	5,05	
Vila Nova de Cerveira	1610	6,04	

Fonte: INE

Tabela 4 - Índice de envelhecimento (N.º) por Local de residência (Censos 2011)

Local de residência (à data dos Censos 2011)		Índice de envelhecimento (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2011) e Sexo; Decenal	
		Período de referência dos dados	
		2011	
		Sexo	
		HM	
		N.º	
Portugal		127,8	
Norte		113,3	
Minho-Lima		174,2	
Melgaço		411,2	
Monção		260,4	
Paredes de Coura		219,3	
Valença		170,9	
Vila Nova de Cerveira		177	

Fonte: INE

Tabela 5 – Freguesias do Vale do Minho. População residente (N.º) (Censos 2011)

FREGUESIA	HAB
Melgaço	9213
Alvaredo	528
Castro Laboreiro	540
Chaviães	385
Cousso	294
Cristoval	528
Cubalhão	156
Fiães	239
Gave	237
Lamas de Mouro	117
Paços	317
Paderne	1160
Parada do Monte	370
Penso	523
Prado	452
Remoães	98
Roussas	1107
São Paio	602
Vila	1560
Monção	19230
Abedim	205
Anhões	140
Badim	178
Barbeita	1016
Barroças e Taias	319
Bela	698
Cambeses	496
Ceivães	492
Lapela	223
Lara	266
Longos Vales	989
Lordelo	116
Luzio	120
Mazedo	1859
Merufe	1097
Messegães	253
Monção	2469
Moreira	615
Parada	107
Pias	854
Pinheiros	345
Podame	278
Portela	242
Riba de Mouro	964
Sá	200
Sago	225
Segude	356
Tangil	768
Troporiz	274
Troviscoso	1066
Trute	277
Valadares	205
Cortes	1518

FREGUESIA	HAB
Paredes de Coura	9198
Agualonga	295
Bico	466
Castanheira	631
Cossourado	319
Coura	374
Cristelo	317
Cunha	529
Ferreira	425
Formariz	573
Infesta	450
Insalde	364
Linhares	198
Mozelos	347
Padornelo	437
Parada	298
Paredes de Coura	1581
Porreiras	95
Resende	518
Romarigães	246
Rubiães	512
Vascões	223
Valença	14127
Arão	758
Boivão	239
Cerdal	1693
Cristelo Covo	965
Fontoura	751
Friestas	562
Gandra	1318
Ganfei	1296
Gondomil	301
Sanfins	163
São Julião	363
São Pedro da Torre	1267
Silva	260
Taião	153
Valença	3430
Verdoejo	608
Vila Nova de Cerveira	9253
Campos	1367
Candemil	232
Cornes	478
Covas	675
Gondar	127
Gondarém	1010
Loivo	885
Lovelhe	443
Mentrestido	264
Nogueira	315
Reboreda	756
Sapardos	366
Sopo	557
Vila Meã	346
Vila Nova de Cerveira	1432

Fonte: INE

ANEXO 16 – Quadro de equipamentos culturais

	MUSEUS	BIBLIOTECAS	CENTROS CULTURAIS	OUTRAS
MELGAÇO	Torre de Menagem, Espaço Memória e Fronteira; Núcleo de Castro Laboreiro, Museu do Cinema	Biblioteca Municipal de Melgaço, Polo de Castro Laboreiro, Bibliotecas de Verão, Bibliocafés, Bibliocaixas	Casa da Cultura de Melgaço	Arquivo Municipal de Melgaço
MONÇÃO	Museu Etnográfico, Casa Museu de Monção, Castro de S. Caetano	Biblioteca Municipal de Monção	Cine-Teatro João Verde, Casa do Curro	Arquivo Municipal de Monção
PAREDES DE COURA	Museu Regional de Paredes de Coura	Biblioteca Municipal de Paredes de Coura	Centro Cultural de Paredes de Coura	Arquivo Municipal de Paredes de Coura
VALENÇA	Fortaleza de Valença	Biblioteca Municipal de Valença	Auditório do Verdoejo	Arquivo Municipal de Valença
VILA NOVA CERVEIRA	Acua Museu, Museu da Bial de Cerveira, Convento de São Paio, Moinho de Gáveas	Biblioteca Municipal	Auditório Municipal , Casa do Artesão; Casa do Artista, Casa do Turismo; Cine Teatro , Fórum Cultural	Arquivo Municipal de Vila Nova de Cerveira

Fonte: Informação recolhidas nos *sites* dos cinco municípios

ANEXO 17 - Lista de associações culturais

Melgaço

Ass. Cultural Inês Negras
Ass. Cultural e Desportiva de Paderne
Ass. Cultural e Recreativa "A Balela"
Ass. Cultural Desportiva Recreativa Melgaço Radical
Ass. Cultural Recreativa de Roussas "Os Cucos"
Grupo Teatro Amador "Os Simples"

Paredes de Coura

Ass. Recreativa Resende
Ass. Desportiva Recreativa Cultural Bico
Ass. Cultural Insalde
Ass. Cultural Desportiva Recreativa Castanheira
Ass. Cultural Desportiva Social de Parada
Ass. Cultural Desportiva Recreativa Social Infesta
Ass. Cultural Desportiva de Coura
Ass. Cultural Desportiva de Porreiras
Ass. Cultural Desportiva de Sra. Purificação, Formariz
Ass. Cultural Recreativa de Cunha
Ass. Cultural Recreativa Desportiva de Cristelo
Ass. Cultural Recreativa Desportiva de Ferreira
Ass. Cultural Recreativa Desportiva de Moseloas
Ass. Cultural Recreativa Desportiva de Padornos
Ass. Cultural Desportiva de Paredes de Coura
Ass. Cultural Desportiva de Romarigães
Ass. Cultural Desportiva de Rubiães
TAC - Teatro Amador de Paredes de Coura

Valença

Ass. Cultural Recreativa de Gondoril
Grupo Coral Recreativo "Os Camponeses Minhotos"
de Cerdal
Rancho Folclórico S. Julião
Ass. Musical S. Pedro da Torre
Ass. Cultural do Verdoejo
Coral Polifónico S. Teotónio
Ass. Cultural Recreativa Silvense
Liga dos Amigos do Concelho de Valença
Confraria de S. Teotónio
Confraria de Faro
Liga dos Amigos de Faro
Teatro Amador VerdeVejo, Verdoejo

Monção

Ass. Cultural Desportiva e Recreativa de Monção
Ass. dos Amigos para Desenvolvimento Turístico
e Cultural do Parque de Merendas
Ass. Juvenil Amigos de Cortes
Ass. Social e Juvenil de Trute
Ass. Cultural dos Jovens Cambeses
Ass. Filarmónica Milagrense
Ass. Lá-Mi-Ré
Ass. Social e Cultural "Sr. Do Rio"
Ass. Social e Cultural São Cosme Damião
de Podame
Ass. Socio Cultural Recreativa de Pinheiros
Ass. Socio Cultural de Vale de Anta
Banda de Música de Tangil
Banda Musical de Monção
Centro Social e Recreativo de Messegães
Cine Clube de Monção
Clube Desportivo Mouriminho
Grupo Desportivo Deu-la-Deu
Grupo Folclórico Amigos de Longos Vales
Grupo Folclórico de Pinheiros
Grupo Folclórico Estrela dos Vales
Ass. Social, Cultural, Recreativa e Desportiva da Portela
Rancho Folclórico da Casa do Povo de Barbeita
Rancho Folclórico Moleirinhos da Gadanha
Rancho Folclórico Santa Maria de Moreira
União desportiva "Os Raianos"

V.N. Cerveira

Ass. Recreativa Cultural Nogueira
Ass. Recreativa Cultural Sopo
Ass. Cultural Convento São Paio
Ass. Desportiva e Cultural Sapardos
Ass. Desportiva Cultural Cornes
Ass. Desportiva Cultural Juventude de Cerveira
Ass. Desportiva Recreativa Cultural Lovelhe
Ass. Amigos Espaços Naturais Reboreda
Amigos da Pena
Adeixa
Ass. Portuguesa Terapia Metamórfica
Centro Cultural de Campos
Cervaria
Coral Polifónico de Cerveira
Escuteiros de Campos
Escuteiros de Reboreda
Grupo de Bombos de Cornes
Lions Clube de Cerveira
Morraceira, Ass. Cultural
Rancho Folclórico de Campos
Rancho Folclórico Etnográfico de Reboreda
Rancho Folclórico Infantil de Gondarém
Rancho Folclórico do Sopo
Teatro Amador Outra Cena

Fonte: Informação recolhida nos *sites* dos cinco municípios e em documentos das cdM

ANEXO 18 – Mapa 1. Itinerância da Companhia de 2007 a 2011

		2007-2008	2009-2010	2011	2012	2013	2014
Melgaço	9213						
Alvaredo	528			RT			
Castro Laboreiro	540	.AN/C/NU/AL/AP/EF/ED	G / H / TP	RT / I	E	M / T	
Chaviães	385						
Cousso	294						
Cristoval	528						
Cubalhão	156						
Fiães	239		A				
Gave	237	EF	H			M	
Lamas de Mouro	117	NU / AL	A	I			
Paços	317						
Paderne	1160	ED		CG		D	
Parada do Monte	370	ED / AP	C / TP	RT		T	
Penso	523	AP / EF / C/NU/AL	G / TP		E	M	
Prado	452						
Remoães	98	AP					
Roussas	1107		H	I		T	
São Paio	602			RT			
Vila	1560	.AN/C/NU/AL/AP/EF/ED	A/G / H / TP	RT / I	E / P / S	M / D / T	
Monção	19230						
Abedim	205		A				
Anhães	140						
Badim	178						
Barbeita	1016	ED	TP			D	
Barroças e Taías	319						
Bela	698		G	RT	E	D / T	
Cambeses	496		A		S		
Ceivães	492						
Lapela	223					D	
Lara	266	AL/AP	C / H				
Longos Vales	989	AL	H	RT		M	
Lordelo	116		G / H	I	E	M	
Luzio	120						
Mazedo	1859	AL					
Merufe	1097						
Messegães	253	NU	G				
Monção	2469	.AN/C/NU/AL/AP/EF/ED	G / H / TP	RT / CG	E / P	M / D / T	
Moreira	615	AP	A / H		E	T	
Parada	107						
Pias	854	NU					
Pinheiros	345	AP					

			2007-2008	2009-2010	2011	2012	2013	2014
Podame	278		EF	A				
Portela	242							
Riba de Mouro	964		EF	A			M	
Sá	200							
Sago	225							
Segude	356			TP				
Tangil	768		NU / ED	A				
Troporiz	274			TP	I			
Troviscoso	1066		AP		I			
Trute	277							
Valadares	205							
Cortes	1518		.AN/C	TP			T	
Paredes de Coura	9198							
Agualonga	295		.AN/C/ED	H		E	D	
Bico	466		AP	CB		E	T	
Castanheira	631		AL	H				
Cossourado	319		NU	G				
Coura	374		EF	A	I			
Cristelo	317		ED		RP			
Cunha	529			TP				
Ferreira	425		AL	H	I		T	
Formariz	573		AP				M	
Infesta	450		NU					
Insalde	364			TP				
Linhares	198		AL	TP				
Mozelos	347		.AN/C/ED	A	RP		D	
Padornelo	437		AP		RP			
Parada	298		AL	G			M	
Paredes de Coura	1581		.AN/C/NU/AL/AP/EF/ED	A / G / H / TP	RP / CG / I	E / P / S	M / D / T	
Porreiras	95		NU	A			D	
Resende	518		NU	H				
Romarigães	246		AP	G	RP		T	
Rubiães	512		EF	A / TP	I			
Vascões	223		EF		I			
Valença	14127							
Arão	758		EF	G / TP			M	
Boivão	239			A				
Cerdal	1693			H	I			
Cristelo Covo	965		NU/AL/AP/EF	H	I		T	
Fontoura	751				RT	E		
Friestas	562				RT		T	
Gandra	1318		C/NU/AP/EF/ED	A / G / TP			D	
Ganfei	1296			TP			D	
Gondomil	301			A			M	

			2007-2008	2009-2010	2011	2012	2013	2014
Sanfins	163							
São Julião	363			TP			M	
São Pedro da Torre	1267	ED		A / H	I		T	
Silva	260							
Taião	153				RT	E		
Valença	3430	.AN/C/AL/AP/EF/ED/NU		G / H / TP	CG / I	E / P / S	M / D / T	
Verdoejo	608	.AN/C/AL/AP/EF/ED/NU		C / G / H		E	D	
Vila N Cerveira	9253							
Campos	1367	NU/AL/EF		C / A G / TP	I		T	
Candemil	232							
Cornes	478							
Covas	675	NU / AP		A / G / H		E	D	
Gondar	127			TP			M / D / T	
Gondarém	1010	.AN/C / AP		G / H	RT / CG	E		
Loivo	885	NU / AP / ED		A				
Lovelhe	443	.AN/C/EF		G / TP	I		T	
Mentrestido	264	NU/AP/ED			RT / I			
Nogueira	315	AL/EF/ED		G / TP				
Reboreda	756	AL/ED		A / H	RT	E	M	
Sapardos	366	.AN/C/AL/AP/EF/ED/NU						
Sopo	557			H	RT / I		M	
Vila Meã	346							
Vila N Cerveira	1432			H / G / TP	RT / I	E / P / S	M / D / T	

AN - ANTIGONA

A - ARRIBAÇÃO

AL - ALBERGUE

AP - AUTO DA PAIXÃO

C - CABARET

CB- CONTRABANDO

CG - CASA GRANDE

D - DIVIDIDOS

E - ESMAGADOR DE UVAS

ED - EL DORADO

EF - ESTUFA FRIA

G - UM GRÃO CAÍDO NA TERRA

H - HOMENS PERFEITOS

I - INVERNO

M - MARIA NÃO ME MATES..

NU - NUVENS

P - PASSE-VITE

RP - RAPAZIADAS

S - SOLAR

T - TERRA DO DESEJO

TP - TEMPO PERDIDO

Fonte: Dados tratados a partir de informação cedida pelas Comédias do Minho

ANEXO 18 – Mapa 2. Itinerância da Companhia de 2011 a 2013 em detalhe

Rapaziadas Teatrais, de Diana Sá, Emílio Gomes, Rui Mendonça, Tânia Almeida

CONCELHO	DATA	FREGUESIA	LOCAL	ESPECT.	HAB
Melgaço	09-02-2011	Parada do Monte	Junta de Freguesia	27	370
	10-02-2011	Alvaredo	Junta de Freguesia	19	528
	11-02-2011	Melgaço	Casa da Cultura	90	1560
	12-02-2011	Castro Laboreiro	Centro Cívico	44	540
	13-02-2011	São Gregório	Os Fronteiriços	68	590
				248	
P. Coura	16-02-2011	Padornelo	Ass. Recreativa	34	437
	17-02-2011	Moselos	Junta de Freguesia	36	347
	18-02-2011	Paredes Coura	Centro Cultural	71	1581
	19-02-2011	Romarigães	Junta de Freguesia	46	246
	20-02-2011	Cristelo	Junta de Freguesia	17	317
				204	
Monção	02-03-2011	Monção	Eprami	65	2469
	03-03-2011	Longos Vales	Ass. Jovens	42	989
	04-03-2011	Pias	Junta de Freguesia	canc.	854
	05-03-2011	Bela	Centro Paroquial	86	698
	06-03-2011	Monção	Casa do Curro	34	2469
				227	
V.N. Cerveira	09-03-2011	Sopo	Salão Paroquial	23	557
	10-03-2011	Reboreda	Junta de Freguesia	23	756
	11-03-2011	Gondarem	Salão Paroquial	25	1010
	12-03-2011	V.n. Cerveira	Cineteatro	113	1432
	13-03-2011	Mentrestido	Junta de Freguesia	29	264
				213	
Valença	17-03-2011	Tui	Teatro Municipal	62	
	18-03-2011	Friestas	Junta de Freguesia	38	562
	19-03-2011	Taião	Junta de Freguesia	61	153
	20-03-2011	Fontoura	Junta de Freguesia	41	751
				202	
Guimarães	29-03-2011	Guimarães	Guimarães	105	
	30-03-2011	Guimarães	Guimarães	87	
	01-04-2011	Guimarães	Guimarães	88	
	02-04-2011	Guimarães	Guimarães	65	
				345	

Casa Grande, de Tânia Almeida

P. Coura	3, 4, 5 Jun 2011	P. Coura	Casa Grande	274	1581
				274	
V.N. Cerveira	17 e 19 Jun 2011	Gondarém	Solar da Loureira	221	1432
				221	
Valença	1,2,3 Jun 2011	Cristelo Covo	Qt. Sta. Luzia	219	3430
				219	
Melgaço	15,16,17 Jun 2011	Peso	Termas	426	1560
				426	
Monção	29,30,31 Jun 2011	Vila	Cine- Teatro	627	2469
				627	
Lapa do Lobo		Fundação Lapa do Lobo	FLL	450	
				450	

O Inverno, de Nuno Cardoso

CONCELHO	DATA	FREGUESIA	LOCAL	ESPECT.	HAB
V.N. Cerveira	07-12-2011	Campos	Centro de Cultura	57	1367
	08-12-2011	Lovelhe	Junta Freguesia	32	443
	09-12-2011	Mentrestido	Junta Freguesia	32	264
	10-12-2011	VN Cerveira	Cine-Teatro	74	1432
	11-12-2011	Sopo	Junta Freguesia	44	557
				239	
P. Coura	14-12-2011	Ferreira	Junta Freguesia	23	425
	15-12-2011	São Martinho	Junta Freguesia	33	
	16-12-2011	Paredes de Coura	Centro Cultural	105	1581
	17-12-2011	Rubiães	Junta Freguesia	55	512
	18-12-2011	Vascões	Junta Freguesia	55	223
				271	
Monção	11-12-2011	Monção	Eprami	102	2469
	12-12-2011	Tangil	Escola Básica	22	768
	13-12-2011	Lara	Salão paroquial	32	266
	14-12-2011	Tropariz	Centro Cívico	60	274
	15-12-2011	Barbeita	Centro Escolar	21	1016
				237	
Melgaço	18-12-2011	Roussas	Ass. Os Cucos	13	1107
	19-12-2011	Melgaço	Casa da Cultura	27	1560
	20-12-2011	Melgaço	Casa da Cultura	153	1560
	21-12-2011	Castro Laboreiro	Centro Cívico	32	540
	22-12-2011	Pomares	Centro Escolar	21	
				246	
Valença	25-12-2011	Ganfei	Junta Freguesia	canc.	1296
	26-12-2011	Valença	Alfandega	55	3430
	27-12-2011	S. Pedro	Junta Freguesia	32	1267
	28-12-2011	Cristelo Covo	Auditório Segad.	60	965
	29-12-2011	Cerdal	Junta Freguesia	21	1693
				168	
Lisboa	27-09-2011	Lisboa	TMSL	46	
	28-09-2011	Lisboa	TMSL	46	
	29-09-2011	Lisboa	TMSL	24	
				116	

O ESMAGADOR DE UVAS, de John Mowat

Monção	20-03-2012	Monção	EPRAMI	134	2469
	30-03-2012	Bela	Salão Paroquial	79	698
	01-04-2012	Moreira	Salão Paroquial	65	615
	01-04-2012	Monção	Casa do Curro	48	2469
				326	
Valença	12-04-2012	Valença	Alfandega	45	3430
	13-04-2012	Verdoejo	Auditório	50	608
	14-04-2012	Taião	Sede da Junta	34	153
	14-04-2012	Foutoura	Sede da Junta	25	751
				154	
V.N. Cerveira	19-04-2012	Gondarém	Casa de Convívio	17	1010
	20-04-2012	Reboreda	Sede da Junta	37	756
	21-04-2012	VN Cerveira	Forum	115	1432
	22-04-2012	Covas	Salão Paroquial	78	675
				247	
P. Coura	26-04-2012	Centro Cultural	Sala de Exposições	61	1581

CONCELHO	DATA	FREGUESIA	LOCAL	ESPECT.	HAB
	27-04-2012	Centro Cultural	Sala de Exposições	77	1581
	28-04-2012	Agualonga	Sede da Junta	41	295
	29-04-2012	Bico	Sede da Junta	47	466
				226	
Melgaço	03-05-2012	Penso	Sede da Junta	16	532
	04-05-2012	Melgaço	Casa da Cultura	75	1560
	05-05-2012	Castro Laboreiro	Casa de Convívio	19	540
	06-05-2012	S. Gregório	Os Fronteiriços	32	590
				142	
Rota do	23-06-2012	Melgaço	Provam	7	
Alvarinho	07-07-2012	Monção	Feira Alvarinho	150	
	20-10-2012	Monção	Adega	75	
	13-10-2012	Melgaço	Quintas	42	
Vila Real	09-06-2012	Vila Real	Teatro de Vila Real	92	

SOLAR, de Gonçalo Fonseca

Valença	20-06-2012	Vila	Fortaleza	cancelado	3430
	21-06-2012	Vila	Fortaleza	70	3430
	22-06-2012	Vila	Fortaleza	229	3430
				299	
V.N. Cerveira	04-07-2012	Vila	Castelo	91	1432
	05-07-2012	Vila	Castelo	85	1432
	06-07-2012	Vila	Castelo	125	1432
				301	
Monção	25707/12	Pinheiros	Palácio Brejoeira	140	345
	25707/13	Pinheiros	Palácio Brejoeira	107	345
	25707/14	Pinheiros	Palácio Brejoeira	195	345
			Salão Paroquial	78	345
				442	
P. Coura	01-08-2012	Vila	Praia Fluvial	cancelado	1581
	02-08-2012	Vila	Praia Fluvial	160	1581
	03-08-2012	Vila	Praia Fluvial	144	1581
				226	
Melgaço	08-08-2012	Penso	Quinta Reguengo	87	523
	09-08-2012	Penso	Quinta Reguengo	72	523
	10-08-2012	Penso	Quinta Reguengo	49	523
				208	
Rota do	30-06-2012	Penso	Fontainha	8	
Alvarinho	28-07-2012	Penso	Fontainha	20	
	11-08-2012	Melgaço	Torre de Menagem	181	

PASSE-VITE, de Tânia Almeida e Gonçalo Fonseca

Melgaço	08-11-2012	Alvaredo	Quinta da Folga	61	528
	09-11-2012	Alvaredo	Quinta da Folga	45	528
	10-11-2012	Prado	A. Artesanato	18	452
	11-11-2012	Prado	A. Artesanato	20	452
				144	
P. Coura	11-11-2012	Vila	Rest. Praia Fluvial	101	1581
	12-11-2012	Vila	Rest. Praia Fluvial	21	1581
	13-11-2012	Vila	Rest. Praia Fluvial	74	1581
	14-11-2012	Vila	Rest. Praia Fluvial	25	1581
				221	

CONCELHO	DATA	FREGUESIA	LOCAL	ESPECT.	HAB
Monção	22-11-2012	Vila	Rest . Fonte Vila	92	2469
	23-11-2012	Vila	Rest . Fonte Vila	58	2469
	24-11-2012	Vila	Rest . Fonte Vila	55	2469
	25-11-2012	Vila	Rest . Fonte Vila	24	2469
				229	
Valença	29-11-2012	Vila	Quinta Sta. Luzia	23	3430
	30-11-2012	Vila	Quinta Sta. Luzia	24	3430
	01-12-2012	Vila	Quinta Sta. Luzia	46	3430
	02-12-2012	Vila	Quinta Sta. Luzia	5	3430
				98	
V.N. Cerveira	06-12-2012	Vila	Castelo	15	1432
	07-12-2012	Vila	Castelo	56	1432
	08-12-2012	Vila	Castelo	52	1432
	09-12-2012	Vila	Castelo	21	1432
				144	
Tomar	14-02-2012	Tomar	Tomar	51	
Setúbal	15712/12	Setúbal	Setúbal	85	

MARIA NÃO ME MATES QUE SOU TUA MÃE, Ricardo Alves

Melgaço	21-02-2013	Penso	Junta Freguesia	28	523
	22-02-2013	Vila	Casa da Cultura	141	1560
	23-02-2013	Castro laboreiro	Centro Cívico	50	540
	24-02-2013	Gave	Junta Freguesia	29	237
				284	
P. Coura	28-02-2013	Vila	CCPC	86	1581
	01-03-2013	Parada	Sede Associação	80	298
	02-03-2013	Formariz	Junta Freguesia	99	573
	03-03-2013	S. Martinho	Junta Freguesia	77	
				342	
Valença	07-03-2013	Arão	Junta Freguesia	53	758
	08-03-2013	Gondomil	Junta Freguesia	40	301
	09-03-2013	Vila	Ed. Alfandega	100	3430
	10-03-2013	S. Julião	Junta Freguesia	59	363
				229	
V.N. Cerveira	14-03-2013	Reboreda	Junta Freguesia	29	756
	15-03-2013	Sopo	Junta Freguesia	29	557
	16-03-2013	Vila	Forum	167	1432
	17-03-2013	Gondar	Salão Paroquial	50	127
				98	
Monção	21-03-2013	Vila	Eprami	206	2469
	22-03-2013	Longo Vale	Sede A.J.	23	989
	23-03-2013	Riba Douro	Junta Freguesia	30	964
	24-03-2013	Vila	Casa do Curro	65	2469
				324	
Porto	abr-13	Porto	Espaço Latino	1505	

DIVIDIDOS, de Lee Beagley

P. Coura	27-06-2013	Agualonga	Largo da Junta	108	295
	28-06-2013	Vila	Largo CM	165	1581
	29-06-2013	Padornelo	Ecce H	56	437
	30-06-2013	Ins.Porreiras	Eira	55	95
				384	

CONCELHO	DATA	FREGUESIA	LOCAL	ESPECT.	HAB
Valença	04-06-2013	Ganfei	largo Junta	104	1296
	05-06-2013	Vila	Coroada	77	3430
	06-06-2013	Verdoejo	Sede Ass.	95	608
	07-06-2013	Gandra	Fábrica	24	1318
				300	
Melgaço	11-07-2013	Lamas	Parque	canc.	117
	12-07-2013	Vila	Torre Menagem	133	1560
	13-07-2013	Castro Laboreiro	C. Cívico	canc.	540
	14-07-2013	Paderne	Lar junta	76	1160
				209	
V.N. Cerveira	25-07-2013	Gonarem	Q. Boega	98	1010
	26-07-2013	Vila	Castelinho	103	1432
	27-07-2013	Covas	Salão Paroquial	135	675
	28-07-2013	Lovelhe	Forte	canc.	443
				336	
Monção	01-08-2013	Cambeses	Milagres	102	496
	02-08-2013	Barbeita	R. Mouro	118	1016
	03-08-2013	Vila	Capucho	62	2469
	04-08-2013	Lapela	Largo	103	223
				385	

TERRA DO DESEJO, de João Pedro Vaz

Monção	07-11-2013	Bela	Junta Freguesia	72	698
	08-11-2013	Vila	Centro Cultural	143	2469
	09-11-2013	Moreira	Salão Paroquial	51	615
	10-11-2013	Cortes	Junta Freguesia	59	1518
				325	
V.N. Cerveira	14-11-2013	Lovelhe	Junta Freguesia	34	443
	15-11-2013	Vila	Forum	89	1432
	16-11-2013	Campos	Centro Cultural	58	1367
	17-11-2013	Gondar	Salão Paroquial	12	127
				193	
Valença	21-11-2013	Cristelo	Segadone	31	965
	22-11-2013	Vila	Ed. Alfandega	51	3430
	23-11-2013	Friestas	Junta Freguesia	55	562
	24-11-2013	S. Pedro	Junta Freguesia	40	1267
				177	
Melgaço	28-11-2013	Roussas	Cucos	29	1107
	29-11-2013	Vila	Casa Cultura	95	1560
	30-11-2013	Castro Laboreiro	Centro Cívico	15	540
	01-12-2013	Parada do Monte	Junta Freguesia	22	370
				336	
P. Coura	05-12-2013	Bico	Junta Freguesia	42	466
	06-12-2013	Vila	CCPC	108	1581
	07-12-2013	Romarigães	Junta Freguesia	38	246
	08-12-2013	Ferreira	Junta Freguesia	32	425
				220	
			TNSJ / Mosteiro S. Bento Vitória		
Porto	jan-13	Porto		487	
				487	

Fonte: Dados tratados a partir de informação cedida pelas Comédias do Minho

ANEXO 19 – Mapa dos espectáculos da Companhia de 2007 a 2013

Falta serões do diabo, 160, 20, 8, total 3766

ANO	ESPECTÁCULO	ENCENAÇÃO	Nº. APRES	ESPECTADORES	MED
2007					
	ANTIGONA	Pierre Volts e Phillipe Peychaud	13	563	43
	CABARET DOS COMEDIANTES	Pierre Volts e Phillipe Peychaud	15	694	46
	QUANDO AS NUVENS SE DISSIPAM	Pierre Volts e Phillipe Peychaud	23	1422	62
	Total		51	2679	
2008					
	ALBERGUE	Helen Ainsworth	22	1188	54
	AUTO DA PAIXÃO	João Pedro Vaz	24	1604	67
	ESTUFA FRIA	Igor Gandra	20	1320	66
	Total		66	4112	
2009					
	CONTRA-BANDO	Madalena Vitorino	15	1314	88
	ARRIBAÇÃO	Luis Filipe Silva	21	596	28
	UM GRÃO CAÍDO DA TERRA	Gonçalo Fonseca	23	894	39
	Total		59	2804	
2010					
	HOMENS PERFEITOS	Raquel Silva	25	1815	73
	TEMPO PERDIDO	Silvia Real	26	1702	65
	SERÕES DO DIABO	Luís Filipe Silva	12	160	65
	Total		62	3677	
2011					
	RAPAZIADAS	Diana Sá, Emilio Esteves, Rui Mendonça	23	1094	48
	CASA GRANDE	Tânia Almeida	14	1767	126
	INVERNO	Nuno Cardoso	24	1161	48
	Total		61	4022	
2012					
	ESMAGADOR DE UVAS	John Mowat	20	1095	55
	PASSE-VITE	Gonçalo Fonseca e Tânia Almeida	20	836	42
	SOLAR	Gonçalo Fonseca	13	1574	121
	Total		53	3505	
2013					
	MARIA NÃO ME MATES QUE SOU TUA MÃE	Ricardo Alves	20	1441	72
	DIVIDIDOS	Lee Beagley	17	1614	95
	TERRA DO DESEJO	João Pedro Vaz	20	1083	54
	Total		57	4138	

* Os números de público deste mapa não correspondem aos apresentados no Mapa de Público (Anexo 30) porque neste estão considerados exclusivamente os espectadores e no outro consideram-se os espectadores e os participantes.

Fonte: Dados tratados a partir de informação cedida pelas Comédias do Minho

ANEXO 20 – Mapa das acções do Projecto Pedagógico de 2007* a 2013

ANO	ACTIVIDADE	ENCENAÇÃO	PUBLICO ALVO	PÚBLICO
2007				
	ANTIGONA - Exploração temática a partir do espectáculo	Pierre Voltz e Phillippe Peychaud	Ensino Secundário	175
	HISTÓRIAS DE DESADORMECER - espectáculo	Ana Lúcia Figueiredo e Tânia Almeida	1º. Ciclo	753
	PEREGRINOS / Exploração temática a partir do espectáculo <i>Albergue</i>	Ana Lúcia Figueiredo e Tânia Almeida	Ensino Secundário	200
	BRANCA DE NEVE - espectáculo	CPA / CCB	1º. ciclo	2088
	UMA BAILARINA NA ESCOLA - espectáculo	Aldara Bizarro	2º. Ciclo	477
	FIOS DE ESPANTO - atelier	Ana Varela	Seniores	55
	PEDACINHOS DE SONHO - atelier	Ana Lúcia Figueiredo / Colaboradores Locais	Ensino Pré-Escolar	1423
	FORMAÇÃO COLABORADORES LOCAIS		Colaboradores locais	22
				5193
2008				
	CORPO, MANCHA, PALAVRA - ateliê	Ana Lúcia Figueiredo / Colaboradores Locais	1º. Ciclo	666
	PERSONAGENS AO VENTO - ateliê	Tânia Almeida e Rede de Colaboradores Locais	Ensino Pré-Escolar	1155
	NOITE DE REIS - espectáculo	John Mowat	3º. Ciclo	543
	PEQUENA FABRICA DE PINGUINS - espectáculo	Ana Cloe, Letecia Liessenfeld, Mafalda Saloio	1º. Ciclo	760
	LAB DE DESCONSTRUÇÃO TEATRAL a partir do espectáculo <i>Auto da Paixão</i>	actores CdM	3º. ciclo	222
	ATELIE LUDICO-PEDAGÓGICO		Pré-Escolar e 1º. Ciclo	1239
	SCRIPTORIUM MOVEI - espectáculo	João Lizardo	1º. ciclo	437
	ELDORADO, actividade de exploração temática	Ana Lúcia Figueiredo e Tânia Almeida	Ensino Secundário	94
	ACÇÃO DE FORMAÇÃO		Colaboradores Locais	22
	SCRIPTORIUM MOVEI. - acção de formação	João Lizardo	Agentes Educativos e Colaboradres Locais	89
	UM OUTRO OLHAR - acção de formação	Miguel Horta	Agentes Educativos e Colaboradres Locais	140
				5367

ANO	ACTIVIDADE	ENCENAÇÃO	PÚBLICO ALVO	PÚBLICO
2009				
	O MEU CORPO É UMA ARVORE - ateliê	Ana Lucia Figueiredo, Tânia Almeida	Ensino Pré Escolar	1236
	PERSONAGENS DE ÁGUA - espectáculo	Aldara Bizarro	1º. Ciclo	1711
	CONTRA-BANDO		1º e 2º. Ciclo	74
	ATELIER LUDICO-PEDAGÓGICO		1º e 2º. Ciclo	259
	NAS MARGENS - workshop de formação artística	Hugo Oliveira, Luis Pedro Madureira, Marta Coutinho, Phillippe Peychaud e Romulus Neagu	Jovens dos 12 aos 18 anos	48 (P)
	BIBLIOTECA SENSÍVEL - espectáculo	Associação Cultural Truta	Ensino Pré-escolar	230
	UM GRÃO CAÍDA NA TERRA, espectáculo	Gonçalo Fonseca	Ensino Secundário	254
	HISTÓRIAS E PELÍCULAS - formação	Ana Lúcia Figueiredo, Joana Mendonça, Tania Almeida	Agentes educativos e Colaboradores Locais	108
				5242
2010				
	LANTERNA MÁGICA - Ateliê	Colaboradores Locais	1. Ciclo	1150
	FILME-CONCERTO	Space Ensemble	2º. Ciclo	89 (P) e 702 (E)
	TERRITÓRIO NA VOZ - Coro	António Serra	1. Ciclo	587 (P) e 1515 (E)
	NAS MARGENS - workshop de formação artística	António Julio, Gonçalo Fonseca, Igor Gandra, Margarida Mestre e Phillippe Peychaud	Jovens dos 12 aos 18 anos	79 (P) e 553 (E)
	TEMPO PARA PENSAR, actividade de exploração temática a partir do espectáculo <i>Tempo Perdido</i>	Samuel Alves	Ensino Secundário	107
	VOZ E MOVIMENTO - Acção de Formação	Margarida Mestre	Agentes Educativos	69
	PÉ DE VENTO - espectáculo	Margarida Mestre	Ensino Pré Escolar	277
				5328
2011				
	PÉ DE VENTO - espectáculo	Margarida Mestre	Ensino Pré-Escolar e Famílias	1629 (V.Minho) e 687 (Lapa Lobo)
	CLEPSIDRA - espectáculo	António Julio	1º. Ciclo	2271
	QUERES QUE TE FAÇA UM DESENHO - espectáculo	José Maria Vieira Mendes e Pedro Penim	2º. e 3º. Ciclos	1037
	O QUE DESCOBRI -Oficina de cinema de animação	Ana Lúcia Figueiredo, Cristina Nogueira, Tania Almeida	2º. Ciclo	104
	CUBOS E CUBINHOS - Ateliê	Ana Lúcia Figueiredo, Tânia Almeida, Colaboradores Locais	1º. Ciclo	1189
	NAS MARGENS - workshop de formação artística	Carla Veloso, Igor Gandra, Graeme Pulleyn, Leonor Barata, Miguel Fonseca, Vera Santos	Jovens dos 12 aos 18 anos	73 (P) 390 (E)
	DANÇA PARA PEQUENOS FIDALGOS, ateliê de dança criativa <i>O Fidalgo Aprendiz</i>	Marta Silva e Tânia Matos	1º. Ciclo	391
	O FIDALGO APRENDIZ - espectáculo	João Pedro Vaz	Ensino Secundário	519 (V. Minho) 2240 (Lisboa)
				7530 V. do Minho 3162 - Outros lugares

ANO	ACTIVIDADE	ENCENAÇÃO	PUBLICO ALVO	PÚBLICO
2012				
	RODOPIOS - visita oficina	Colaboradores Locais	Ensino Pré-Escolar	1264
	LABORATORIO RODOPIOS		Colaboradores Locais	18
	CATABRISA - espectáculo	Eugénio Roda, Gémeo Luis, Joana Providência	1º. Ciclo	1888
	TEATRO DE INCLUSÃO - acção de formação	Marco Paiva	APPACDM	18
	ENCENA - acção de formação	Celeste Codesso e Susana Santos (Melgaço), Armada Marques e Rosa Lima (Monção), Miguel Mendes (Valença), Aida Antunes (Coura), Eurico Conde e Carla Augusto (Cerveira)	Alunos e Professores do 2º,3º Ciclos e Ensino Secundário	14 (Professores), 62 (alunos), 165 (E)
	NAS MARGENS - workshop de formação artística	Gonçalo Fonseca, Luis Filipe Silva, Monica Tavares, Rui Mendonça, Tania Almeida	Jovens dos 12 aos 18 anos	65 (P) e 463 (E)
	PARA ALEM DAS MARGENS - projecto exploração recursos naturais	Ana Madureira e António Oliveira	Jovens dos 12 aos 18 anos	29 (P) e 142 (E)
	PAISAGENS - acção de formação	António Pedro	Técnicos da Rota do Alvarinho e Colaboradores Locais	9
	SEMENTES - ateliê de dança criativa	Ana Lucia Figueiredo, Monica Tavares	Ensino Pré-Escolar	1549
	PASSE-VITE - espectáculo	Gonçalo Fonseca e Tâmia Almeida	Ensino Secundário	226
				5908
2013				
	LAGARTA BORBOLETA - acção de formação	Carla Veloso, Igor Gandra e Gonçalo Fonseca	Colaboradores Locais	16
	LAGARTA BORBOLETA - espectáculo	Colaboradores Locais	1º. Ciclo	2141
	ARGANÃO - espectáculo	Gonçalo Fonseca e Rui mendonça	2º e 3º. Ciclo	2834
	ENCENA - acção de formação	Gonçalo Fonseca	2º e 3º. Ciclo e Ensino Secundário	60 ALUNOS, 7 PROFS, 76 ESP
	NAS MARGENS - workshop de formação artística	Gonçalo Fonseca, Luis Filipe Silva, Monica Tavares, Rui Mendonça, Tania Almeida	Jovens dos 12 aos 18 anos	58 PART, 513 ESP
	ALQUIMIAS, activdade de exploração temática a partir do espectáculo <i>A Terra do Desejo</i>	actores CdM , Rosa Quirioga e Valdemar Santos	Ensino Secundário	232
	PASSOS DE DANÇA NO CORREDOR - ateliê		Agentes Educativos	15
	CONCERTOS DE GAVETA - laboratório		Colaboradores Locais	5
	A CASA (Monção) - várias acções		Ensino Pré_escolar, 1º. Ciclo, Famílias	985 ALUNOS, 32 FAMIL
				6885
* O Projecto Pedagógico teve início em 2007				

Fonte: Dados tratados a partir de informação cedida pelas Comédias do Minho

ANEXO 21 - Mapa dos espectáculos do Projecto Comunitário de 2007 a 2013*

ANO	ESPECTÁCULO		APS*	ESPECT.* (est)	PART.*
2007	Grupos de Teatro Amador				
	As Três Marias de Portugal	Os Simples (Melgaço)			
	Comunitários				
	Queima de Judas	V. N. Cerveira			
	Traçados	Valença			
	O Dia da Inês Negra	Melgaço			
2008	Grupos de Teatro Amador				
	O Retábulo das Maravilhas	Os Simples (Melgaço)			
	Vinho Copos e Milagres	TAC (Paredes de Coura)			
	O Morgado de Fafe em Lisboa	Ass. Filarmónica M (Monção)			
	Comunitários				
	Queima de Judas	V. N. Cerveira			
	Atelier de Formação Artística com Jovens	VerdeVejo (Valença)			
	O Dia da Inês Negra	Melgaço			
	Deu-La_Deu	Monção			
2009	Grupos de Teatro Amador				
	Santo Homem	Os Simples (Melgaço)			
	O Avarento	TAC (Paredes de Coura)			
	A Vida de São Teotónio	VerdeVejo (Valença)			
	Leitura de Poesia / Foral de Monção	Ass. Filarmónica M. (Monção)			
	Cerveira got's Talent	Outra Cena (V.N. Cerveira)			
	Comunitários				
	Queima de Judas	V. N. Cerveira			
	O Dia da Inês Negra	Melgaço			
	Deu-La_Deu	Monção			
2010	Grupos de Teatro Amador				
	O Barão	Os Simples (Melgaço)	2	418	38
	Baton Vermelho	TAC (Paredes de Coura)	2	170	16
	Solstício de Verão	TAC (Paredes de Coura)	1	418	16
	A Vida de São Teotónio	VerdeVejo (Valença)	2	220	19
	Monzon 1261	Ass. Filarmónica Milagrense (Monção)	1	300	45
	Morgado de Fafe	Ass. Filarmónica Milagrense (Monção)	3	550	15
	Sonho de uma Noite de Verão	Outra Cena (V.N. Cerveira)	2	250	10
	Comunitários				
	Queima de Judas	V. N. Cerveira	1	550	57
	Total		14	2958	200

ANO	ESPECTÁCULO		APS	ESPECT.(estim)*	PART.
2011	Grupos de Teatro Amador				
	O Judeu	Os Simples (Melgaço)	4	494	45
	Bodas de Sangue	TAC (Paredes de Coura)	1	139	14
	Arriscar e Petiscar ou a Nova Barca do Inferno	VerdeVejo (Valença)	1	172	15
	Mulheres no Parlamento	Ass. Filarmónica Milagrense (Monção)	3	418	13
	Mestre UBU	Outra Cena (V.N. Cerveira)	2	633	7
	Comunitários				
	Queima de Judas	V. N. Cerveira	1	550	57
	Foral de Monção	Monção	6	6480*	495*
	Total (*Não contabilizado)		18	1988	152
2012	Grupos de Teatro Amador				
	Voz Off	Os Simples (Melgaço)	1	330	11
	Dança de Roda	TAC (Paredes de Coura)	1	204	12
	Baton Vermelho	TAC (Paredes de Coura)	2	117	12
	Garganta	VerdeVejo (Valença)	2	316	21
	O Passeio dos Mortos	Ass. Filarmónica Milagrense (Monção)	3	457	17
	Nin	Outra Cena (V.N. Cerveira)	3	306	10
	Comunitários				
	Queima de Judas	V. N. Cerveira	1	833	
	Total (FITAVALE 782 / Outros 1109)		13	2724	71
2013	Grupos de Teatro Amador				
	Woyzeck	Os Simples (Melgaço)	3	336	11
	46.2	TAC (Paredes de Coura)	3	403	16
	Lisístrata	VerdeVejo (Valença)	2	377	16
	O Poder do Futuro	Ass. Filarmónica Milagrense (Monção)	2	339	17
	Ivone	Outra Cena (V.N. Cerveira)	3	354	12
	FITAVALE (Espanha)			315	40
	Comunitários				
	Queima de Judas	V. N. Cerveira	1	1200	13
	A Construir Valença	Valença	1	3554*	29 (turma)*
	Outros				
	1º Encontros Rede Cultural CdM		2	83	50
	Conversas de Porta Aberta		3	81	
	Personagens Paralelas		5	215	
	Total		25	3703	204

* Os números de público só foram contabilizados a partir de 2010. APS – Apresentações; ESPEC – Espectadores; PART - participantes

Fonte: Dados tratados a partir de informação cedida pelas CdM

ANEXO 22 – Amostragem da programação geral nos anos de 2010, 2011 e 2012

(*APS – Apresentações; PUB – Público e Participantes)

ANO	TÍTULO	EIXO	CRIAÇÃO	Texto	PRODUÇÃO	INTERPRETAÇÃO	APS*	PUB*	LOCAL / ESPAÇO	OBS
2011										
	Rapaziadas Teatrais	CP	Diana Sá, Emílio Gomes, Rui Mendonça e Tânia Almeida	a partir de vários autores: Goethe, Shakespeare, Ionesco...	CdM / Teatro Oficina	Diana Sá, Emílio Gomes, Rui Mendonça e Tânia Almeida	23	1094	juntas de freguesia e centros cívicos	formação de Juliette Prillard e Omar Argentino
	Casa Grande	CP	Tânia Almeida		CdM / Fundação Lapa do Lobo	CdM, Lucília Raimundo e actores amadores do Vale do Minho, Nelas e Carregal do Sal	14	1767 espec + 100 part.. Total 1867	Coura / Casa Grande; Cerveira (Gondarem)/Solar; Valença (Cristelo)/ Quinta Santa Luzia; Melgaço (Peso) / Termas; Monção / Cine Teatro João Verde	Tutoria: Pierre Voltz, Formação: Lee Beagley
	Inverno	CP	Nuno Cardoso		CdM	actores CdM e Daniel Pinto, João Melo, Luís Araújo	24	1161	juntas de freguesia e centros cívicos	
	Pé de Vento	PP	Margarida Mestre		CdM	Monica tavares, Rita Barbosa, Samuel Coelho	32	1629	Coura/ Centro Cultural; Cerveira/Biblioteca; Melgaço/Biblioteca; Monção/Casa Cultura; Valença/Biblioteca	Público-alvo: Alunos Ensino Pr'e-escolar
	Clepsidra	PP / Espectáculo	António Júlio e Gonçalo Fonseca			Gonçalo Fonseca	38	2271	Coura/ Centro Cultural; Cerveira/Biblioteca; Melgaço/Biblioteca; Monção/Casa Cultura; Valença/Biblioteca	Espectáculo / Público-alvo: alunos do 1º. Ciclo e Ensino Básico
	Queres que te faça um desenho?	PP / Espectáculo	José Maria Vieira Mendes e Pedro Penin		CdM / Teatro Praga / Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República	Joana Barrios e Luis Filipe Silva	29	1037	Melgaço / Casa da Cultura; Monção / Biblioteca Municipal; Valença / Biblioteca Municipal; Cerveira / Centro da Cultura de Campos; Coura/Centro Cultural	Espectáculo / Alunos do 2º. E 3º. Ciclos do ensino Básico e Ensino Secundário
	O que descobri	PP / Oficina de cinema de animação			CdM / PP		5	100 participantes	Melgaço / Casa da Cultura; Monção / Biblioteca Municipal; Valença / Biblioteca Municipal; Cerveira / Centro da Cultura de campos; Coura/Centro Cultural	Oficina cinema de animação / 2º. Ciclo do Ensino Básico
	Cubos e Cubismos	PP / Atelier	Colaboradores locais				58	1189	Melgaço / Casa da Cultura; Monção / Biblioteca Municipal; Cerveira /Biblioteca Municipal	
	Nas Margens	PP / workshop de formação artística	Leonor Barata / Melgaço; Graeme Pulleyn/ Monção; Vera Santos / Valença; Carla Veloso e Igor Gandra / Coura; Miguel Fonseca / Cerveira		CdM	jovens dos 12 aos 16 anos	25	73 participantes e 390 espectadores	Melgaço / Casa da Cultura; Monção / Biblioteca Municipal; Valença / Centro Escolar; Cerveira / Centro Escolar ; Coura/Centro Cultural	Workshop de formação artística para jovens

ANO	TÍTULO	EIXO	CRIAÇÃO	Texto	PRODUÇÃO	INTERPRETAÇÃO	APS	PUB	LOCAL / ESPAÇO	OBS
		PP / Atelier de dança criativa	Marta Silva; co-criação de Tania Matos	Dança para pequenos fidalgos	CdM		20	391 participantes	Melgaço / Casa da Cultura; Monção / Biblioteca Municipal; Valença / Biblioteca Municipal; Cerveira / Biblioteca Municipal ; Coura/Centro Cultural	1º. Ciclo do Ensino Básico
	O Fidalgo Aprendiz	Espectáculo Oficina	João Pedro Vaz	D. Francis Manuel de Melo	CdM / Teatro Nacional D. Maria II	com alguns actores CdM e Carlos malvarez, Cista Alfaite, Gonçalo Fonseca, João Ricardo, Paula Mora e Valdemar Santos	9	519	Escolas	Alunos do Ensino Secundário
	O Judeu	PC / FITA VALE	Gonçalo Fonseca	Bernardo Santareno	CdM e os Simples	Os Simples (11 + 35 coro)	4	494	Auditorio do Verdoeijo, Casa da Cultura de Melgaço	
	Bodas de Sangue	PC / FITA VALE	Monica Tavares	Frederico Garcia Lorca	CdM e TAC	TAC (14)	1	139	Eprami (Monção)	
	Arriscar e Petiscar	PC / FITA VALE	Rui Mendonça		CdM e Verde Vejo	Verde Vejo (15)	2	172	Centro Cultural Coura e Auditorio do Verdoeijo	
	Mulheres no Parlamento	PC / FITA VALE	Luás Filipe Silva	Aristófanés	CdM e AFM	AFM (13)	3	418	Cerveira / Cineteatro; Monção / Eprami; Auditório do Verdoeijo	
	Mestre Ubu	PC / FITA VALE	Tânia Almeida	Alfred Jarry	CdM e Outra Cena	Outra Cena (7)	2	215	Melgaço / Casa da Cultura; Cerveira / Cine-Teatro	
	Monção 750 anos: Foral, Deu-la-Deu, Muralhas, Flecha	PC	CdM		CdM e Município de Monção	495 repartidos por 4 espectáculos	6	6480	Monção / Cenryo Histórico, Muralhas, Estação de comboios	
	Queima de Judas	PC	Maria João Vicente		CdM / Município de Cerveira	57	1	550	Escolas	
2012										
	Esmagador de Uvas	CP	John Mowat		CdM e Adriminho	actores CdM	20	1095 + 92	Juntas de freguesias, centros paroquiais, ..	
	Solar	CP	Gonçalo Fonseca		CdM e Adriminho	actores CdM, Liliana Rodrigues e bailarinos amadores e cinco grupos amadores do PC	13	1574	Valença / Fortaleza; Cerveira / Castelo; Monção / Palácio da Brejoeira; Coura / Praia Fluvial / Melgaço / Quinta do Reguengo	
	Passe-vite	CP	Tania Almeida e Gonçalo Fonseca		CdM	actores CdM e Vasco Pombo	20	836	Melgaço / Quinta da Folga; Coura / restaurante; Monção / restaurante; Valença / Quinta Sta Luzia; Cerveira / Castelo	
	Rodopios	PP - visita oficina	Ana Lucia Figueiredo e Tania Almeida		CdM		61 (escolas) 1 (famílias)	1264: 1239 escolas + 25 famílias	Melgaço / Casa da Cultura; Monção / Biblioteca Municipal; Valença / Biblioteca Municipal; Cerveira / Biblioteca Municipal ; Coura/Centro Cultural	Alunos do Ensino Pré-escolar e Público Familiar
	Rodopios	PP / Laboratório	Ana Lucia Figueiredo e Tania Almeida		CdM			18 participantes		Colaboradores Locais
	Catabrisa	PP-espectáculo	Joana Providencia		CdM	Filipe Caldeira	38 (escolas) + 5 (famílias)	1888: 1640 escolas + 248 famílias	Melgaço / Casa da Cultura; Monção / Biblioteca Municipal; Valença / Biblioteca Municipal; Cerveira / Biblioteca Municipal ; Coura/Centro Cultural	Alunos do Ensino do 1º. Ciclo do Ensino Básico e Famílias

ANO	TITULO	EIXO	CRIAÇÃO	Texto	PRODUÇÃO	INTERPRETAÇÃO	APS	PUB	LOCAL / ESPAÇO	OBS
	Teatro de Inclusão	PP / Acção de Formação	Marco Paiva		CdM	Marco Paiva	3	18 participantes	Biblioteca Municipal de Monção	Acção de formação para técnicos da APPACDM e colaboradores do PP dos cinco municípios
	Encena	PP / acção de formação	Fernando Ribeiro, Graeme Pulleyn, José Maria Vieira Mendes		CdM		15	14	Valença / Biblioteca Municipal	Acção de formação para professores dinamizadores de teatro escolar dos 5 municípios
	Encena	PP / apresentação da peça	dinamizadores dos cinco municípios		CdM	alunos de cinco escolas (uma por município)	1	227	Monção / Auditório da EPRAMI	apresentação do trabalho resultante do curso de teatro
	Nas Margens	PP / workshop de formação artística	actores / criadores CdM		CdM	Jovens dos 12 aos 18 anos	25	65 participantes e 463 espectadores	Melgaço / Casa da Cultura; Monção / Biblioteca Municipal; Valença / Biblioteca Municipal; Cerveira / Centro Escolar; Coura/Centro Cultural	Jovens dos 12 aos 18 anos
	Para além das Margens	PP / projecto exploração recursos naturais	criadores: António Oliveira e Ana Madureira. Técnicos ambientais: Mário Pedro Sousa e Bruno Caldas		CdM		14	29 participantes e 142 espectadores	Quinta de Pentieiros e Lagoa de São Pedro do Arco no Corno do Bico e no Centro de Interpretação Ambiental do Corno do Bico	Jovens dos 12 aos 18 anos
	Paisagens	PP / Acção de Formação	António Pedro		CdM		5	9	Monção / Paço do Alvarinho	Acção criada para os Técnicos da Rota do Alvarinho e para os Colaboradores Locais
	Sementes	PP / Atelier de dança criativa	Ana Lúcia Figueiredo, orientação de Monica Tavares		CdM		65 escolas + 5 público familiar	1549	Melgaço / Casa da Cultura; Monção / Biblioteca Municipal; Valença / Biblioteca Municipal; Cerveira / Centro Escolar; Coura/Centro Cultural	Alunos do Ensino Pré-Escolar e Famílias
	Passe-vite	PP	Tânia Almeida e Gonçalo Fonseca		CdM	actores CdM	4	226	Melgaço / Quinta da Folga; Coura / restaurante; Monção / restaurante; Valença / Quinta Sta Luzia; Cerveira / Castelo	espectáculo dirigido aos alunos do secundário
	Queima de Judas	PC	Tânia Almeida e Gonçalo Fonseca		CdM e Município de Cerveira	CdM, Outra Cena, Bremer SC	1	750	Castelo	
	Voz Off	PC / FITA VALE			CdM e os Simples	11	3	330	Eprami -Monção e Casa da Cultura	
	Dança de Roda e Baton Vermelho	PC / FITA VALE			CdM e TAC	12	3	321	Auditório Verdoejo (FITA VALE), Centro Cultural e Café com Broa	
	Garganta	PC / FITA VALE			CdM e Verde Vejo	21	2	316	Casa da Cultura Melgaço (FITA VALE) e Auditório Verdoejo	

ANO	TÍTULO	EIXO	CRIAÇÃO	Texto	PRODUÇÃO	INTERPRETAÇÃO	APS	PUB	LOCAL / ESPAÇO	OBS
2013	O Passeio dos Mortos	PC / FITAVALÉ	Ilídio Castro		CdM e AFM	17	4	609	Forum Cerveira (FITAVALÉ) , Hangar Estação e Pinhal de Serrade	
	Nim	PC / FITAVALÉ			CdM e Outra Cena	10	3	306	Centro Cultural Coura (FITAVALÉ), Cerveira / Cine-Teatro Bombeiros	
	Maria não me mates	CP	Ricardo Alves	Ricardo Alves	CdM e Palmilha Dentada	actores CdM, Ivo Bastos, Nuno Preto, Pedro Mendes	20	1441	20 localidades diferentes em juntas de freguesia e centros cívicos..	
	Divididos	CP	Lee Beagley	Lee Beagley	CdM e PS Produções	actores CdM e outros	17	1641	20 exteriores diferentes, ver nota	
	Terra do Desejo	CP	João Pedro Vaz	a aprtir de W.B. Yates	CdM e assédio	actores CdM, Rosa Quiroga e Valdemar Santos	20	1083	20 localidades diferentes em juntas de freguesia e centros cívicos...	
	Conversas de Porta Aberta	Encontros informais com criadores					3	81	Melgaço, Casa da Cultura; Coura, Centro Cultural, Monção, Biblioteca	
	1º. Encontro Rede Cultural CdM		CdM	CdM	CdM		2	50 participantes e 83 publico	Centro Cultural de Paredes de Coura	
	Encena	PP, Teatro Escolar								
	Lagarta Borboleta	PP, Laboratório	residência artística com Igor Gandra e Carla Veloso, encenação de Gonçalo Fonseca		CdM e Rede de Colaboradoers Locais	Colaboradores Locais	25		Melgaço / Casa da Cultura; Monção / Biblioteca Municipal; Valença / Biblioteca Municipal; Cerveira / Centro Escolar ; Coura/Centro Cultural	
	Personagens Paralelas	PP, Leituras encenadas	actores dos espectáculos da companhia		CdM	actores dos espectáculos da companhia	5	215	vários espaços	
	Arnanão	PP, Performance de rua	Rui Mendonça e Gonçalo Fonseca		CdM	actores CdM	17		vários locais	
	Nas Margens	PP, workshop de formação	actores / criadores CdM	CdM	CdM	jovens dos 12 aos 16 anos	6			
	Alquimias	PP, oficina criativa	a partir da peça A Terra do Desejo	actores CdM	CdM	actores CdM				
	Woyzeck	PC	Luis Filipe Silva	George Buchner	CdM e Os simples	Os Simples (11)	3	336	Centro Cultrural de Coura e Casa da Cultura Melgaço	Fitavale 146
	O Poder do Futuro	PC	Rui Mendonça	Jorge Gomes	CdM e Filarmónica Milagrense	Filarmónica Milagrense (17)	2	339	Casa da Cultura de Melgaço e Cineteatro João Verde em Monção	FITAVALÉ 95
	46.2	PC	Gonçalo Fonseca	a aprtir de Metamorfos e de F. kafka	CdM e TAC	TAC (16)	3	403	Forum Cultural Cerveira, Centro Cultural Coura, Cineteatro João Verde	FITAVALÉ 153
	Lisístrata	PC	Mónica Tavares	de Aristófanes	CdM e VerdeVejo	VerdeVejo (16)	2	377	Cineteatro João Verde em Monção e Auditório Cultural no Verdoejo	FITAVALÉ 227
	Ivone	PC	Tania Almeida	de W. Gombrowicz	CdM e Outra Cena	Outra Cena (12)	3	354	Auditório Cultural Verdoejo, Cine-Teatro Cerveira	FITAVALÉ 176
	Queima de Judas	PC			CdM e Municipio de Cerveira	13	1	1200 (est)	Castelo de Cerveira	
	A Construir Valença	PC			CdM e Municipio de Valencia	29 turmas teatro	1	3554 (est)	Portas do Sol em Valença	

Fonte: Dados tratados a partir de informação cedida pelas Comédias do Minho

ANEXO 23 – Mapa de públicos

Públicos 2004-2006

Ano	Espectáculo	Encenação	Apresentações	Público
2004	Era uma vez no Vale do Minho	Encenação Colectiva coordenada por José Martins	21	1 293
2004	O Espelho Único	José Martins	15	2 977
2005	A Farsa do Mestre Pathelin	José Martins	38	1 772
2005	O Foral de Monção	Encenação Colectiva coordenada por José Martins	1	-
2005	Mosquete, de Angelo Beolco	Pedro Giestas	18	984
2005	O Dia de Inês Negra	Miguel Fonseca	1	-
2005	O Marido Confundido, de Molière	José Jorge Duarte	25	1 740
2006	A Festa, de Spiro Scimone	Pedro Luzindro	36	3 743
2006	A Queima de Judas	Miguel Fonseca	1	1 000
2006	Antskupanabra, sketches de Karl Valentim	Encenação Colectiva	33	2 170
2006	O Dia de Inês Negra	Miguel Fonseca	1	400
2006	Festa Medieval	Miguel Fonseca	1	1 000
2006	Mistério Bufo, de Dario Fo	Filipe Crawford	25	1 717
TOTAL				18 796

Fonte: Comédias do Minho, Ed (2009) *Comédias do Minho, cinco municípios – um projecto cultural*.
Paredes de Coura: Comédias do Minho. p 102

Públicos 2007-2013

ANO	EIXO	PARTICIPANTES	PÚBLICO	TOTAL POR EIXO	TOTAL GERAL
2007					
	COMPANHIA		2679	2679	7874 (falta contabilizar os espectáculos comunitários)
	PP		5195	5195	
	PC	não há registo	não há registo		
Acções do PC: As Três Marias de Portugal, pelo grupo amador Os Simples (Melgaço), Traçados e Queima de Judas , de Ana Varela e Carlos Martins (Cerveira), O Dia de Inês Negra, de Igor Gandra					
2008					
	COMPANHIA		4112	4112	9479 (falta contabilizar os espectáculos comunitários)
	PP		5367	5367	
	PC	não há registo	não há registo		
Acções do PC: O Retábulo das Maravilhas, por Os Simples (Melgaço), O Morgado de Fafe em Lisboa , por grupo amador Filarmónica Milagrense (Monção), Vinho, Copos e Milagres, pelo TC em P. Coura, Deu-la-Deu, de Jaime Soares (Monção)					

ANO	EIXO	PARTICIPANTES	PÚBLICO	TOTAL POR EIXO	TOTAL GERAL
2009					
	COMPANHIA		2804	2804	8046 (falta contabilizar os espetáculos comunitários)
	PP		5242	5242	
	PC	não há registo	não há registo		
Acções do PC: Santo Homem, por Os Simples (Melgaço), leitura de Poesias/O Foral, por Filarmónica Milagrense (Monção), O Avarento, pelo TAC (Coura), Cerveira's Got Talent, por Outra Cena (Cerveira), Queima de Judas, com Maria João Vicente, O Dia de Inês Negra, com Gonçalo Amorim, Deu-la-Deu, com João Pedro Vaz					
2010					
	COMPANHIA		3677	3677	12163
	PP	2558	2770	5328	
	PC	200	2958	3158	
2011					
	COMPANHIA	100	3371	3471 + 795 (fora do Vale do Minho)	13141 (s/ Monção 750 Anos) + 3957 (fora do Vale do Minho) = 17098 (s/ Monção 750 Anos)
	PP		7530	7530 + 3162 (fora do Vale do Minho)	
	PC	152 + 495 (Monção 750 Anos)	1988 + 6480 (Monção 750 Anos)	2140 + 6975 (Monção 750 Anos)	
2012					
	COMPANHIA	80	4156	4236 + 483 (Rota do Alvarinho) = 4719	13351 (V. Minho) + 344 (fora)= 13695
	PP			5908	
	PC	83	2641	2724	
2013					
	COMPANHIA	26	4136	4164	14859
	PP			6885	
	PC	204	3703	3908	

Fonte: Dados tratados a partir de informação cedida pelas Comédias do Minho

ANEXO 24 – Excertos da entrevista a António Pereira Júnior

Presidente da Camara Municipal de Paredes de Coura de 1993 a 2012, fundador da Associação Comédias do Minho. Excertos da entrevista realizada em Paredes de Coura, no dia 9 de Dezembro de 2013, na pastelaria A Courense (duração total: 34 min)

(como aconteceu o projecto Comédias do Minho) *Não sei se a ideia partiu de mim... Nos meus anos de experiência de autarca apercebi-me que a nossa população tinha um acesso difícil aos bens culturais. Se queriam ver uma peça de teatro tinham que ir a Braga ou ao Porto ou a Vila Real, e claro que isto era impensável numa zona rural com estas características. E as nossas crianças e jovens estavam a crescer sem referências culturais, o que as diminuía em relação às crianças com mais oportunidades... Nós tínhamos o Centro Cultural (em Paredes de Coura) que era preenchido com algumas actividades e contratávamos o Teatro do Noroeste para trazer os seus espectáculos e isso custava algum dinheiro... As outras Câmaras também contratavam o Teatro do Noroeste... Só faziam grandes produções e para grandes salas.... É verdade que aqui, em Melgaço, Monção e Cerveira não havia o hábito de fazer teatro e, primeiro que tudo, tínhamos é que pensar se não valeria a pena conseguirmos criar a nossa companhia, uma companhia que levasse o teatro às nossas freguesias para, numa primeira fase, habituar a nossa população a ver teatro. Fomos conversando e lá conseguimos levar a água ao nosso moinho. Eramos seis câmaras do Vale do Minho e, mais tarde, por uma questão de emblema partidário, Caminha saiu e foi para o Vale do Lima e ficámos só os cinco – Melgaço, Monção, Coura, Cerveira e Valença. E então, pensámos no Teatro do Noroeste, em José Martins, para nos vir ajudar na criação dessa companhia e vir criar peças de teatro e outros espectáculos que ele entendesse mas que tivessem a ver com a nossa realidade rural e com as nossas raízes e que fossem frequentadas pelas freguesias dos nossos concelhos, de modo a habituar a nossa gente a ver teatro, gente essa que mais tarde viria ver grandes produções aqui na vila. A ideia foi germinando e criou-se então as Comédias do Minho. Fizemos os Estatutos para que todos os que viessem trabalhar para as Comédias tivessem limites e regras para cumprir. Para além de produzir peças, deveriam fazer uma parte formativa, irem junto das escolas e tentarem captar não só os alunos mas também os professores. Os actores tinham obrigação de fazer formação junto das escolas a alunos e professores e deviam chamar a atenção junto das associações culturais dos concelhos para estas fazerem um trabalho mais sério e prepararem alguns actores dessas associações culturais para criar grupos de teatro amador aqui no concelho.... Contratámos cinco actores, um para cada concelho. A Direcção (José Martins) ficou obrigada a fazer a programação de maneira a produzir três espectáculos por ano e levá-los a cinco freguesias de cada concelho... Foi uma aposta temerária, porque não só criámos obrigações para os actores como criámos obrigações também para as Câmaras. As Câmaras também tinham que colaborar. Os problemas que iam encontrar em cada concelho tinham que ser elas, Câmaras, a tratar - espaço e outras necessidades. Na área da cultura, cada Câmara destacou um representante e os Presidentes não se meteram nisso (...). As Comédias do Minho têm-nos dado muitas alegrias. Desde logo, a satisfação de ver que atingimos um objectivo, o que parecia uma miragem. Aposta ganha (...).*

(o que mudou com as Comédias do Minho) *A nossa população já não é mesma. Com o teatro nas freguesias, vão assistir e, ao contrário do esperado num concelho rural como o nosso, a nossa população sabe distinguir se uma coisa é boa ou não e colaboram (...). Outra coisa que se ganhou foi o facto de as nossas crianças já não serem as mesmas. É com grande facilidade que vão para cima dum palco e estão à vontade e conseguem brincar com a plateia ... e os*

professores ganharam gosto naquilo. Temos duas professoras na nossa Escola Secundária “Os Aquilinhos” (um grupo de teatro infantil), que fazem um trabalho fantástico e uma ou duas vezes por ano fazem um espectáculo e enchem o Centro Cultural. Isto de ser professor não é só ensinar a ler, é também comunicar e ter sentido crítico (...).

(intervenção na trabalho das CdM) *Afasto-me disso, afastamo-nos todos. Os nossos técnicos conversam com eles (Comédias), eles é que sabem, eu sou um espectador, tenho uma opinião, se ma pedem eu dou mas mais nada. Mas confio plenamente (...).*

(o balanço de 10 anos) *Ao longo dos dez anos as Comédias foram desenvolvendo várias actividades, (...) eles conseguiram criar um ambiente de comunicação tão bom aqui, com a população, que já são nossos, eles sentem-se nossos e nós sentimos que eles são nossos e nenhum é de cá e vivem aqui e têm categoria e talento para poderem voar mais alto. Ainda anteontem vi a Terra do Desejo. Tem interpretações fabulosas, inclusivamente os dois actores que vieram de fora (...).*

(as dificuldades) *A nível financeiro não sei... Como entrei para projecto de coração e acho que as Comédias é uma das coisas essenciais que a Câmara tem que manter, naturalmente não me importava de continuar a pagar (...). E tivemos a felicidade de encontrar apoios. As Comédias ganharam os bons olhares do Ministério da Cultura. Além disso, tivemos a felicidade de encontrarem um Mecenaz, a Ventominho, uma companhia de que faz parte da DST, e o Administrador é um engenheiro jovem que tem um apego à cultura e à arte que é uma coisa fora de série. O Eng. José Teixeira tem aqui o maior parque eólico da Europa e entendeu distribuir a riqueza aqui, no nosso concelho (...).*

(o que espera daqui a 10 anos). *Espero que as Comédias não desapareçam, com estes ou outros actores ou com os do Teatro Amador quando tiverem formação. Quero que o teatro cresça e haja mais espectadores (...).*

ANEXO 25 – Excertos da entrevista a Tânia Pereira

Coordenadora do Projecto Pedagógico das Comédias do Minho entre 2007-2013. Entrevista realizada nas instalações das Comédias do Minho, em Paredes de Coura, a 11 de Dezembro de 2013 (duração total: 31 minutos)

(o início e evolução do PP) *O PP começa em 2007 e as Comédias já existem desde 2004. Na altura (2007), quando o projecto foi reestruturado pela Isabel (Alves Costa) e pelo Miguel Honrado, foi preciso dar resposta a necessidades específicas e surgiu, então, o projecto pedagógico. Nessa altura o Miguel convidou a Ana Lúcia (Figueiredo) e eu vim nesse contexto (...) No primeiro ano, em 2007, apresentámos uma programação e fizemos um levantamento das necessidades no território, ou seja, estruturámos uma actividade e fomos para o terreno e, em consequência dessa actividade, fomos conhecendo as pessoas (...). Começámos a perceber o que era necessário, quais eram as expectativas, que públicos havia, que pessoas podiam ajudar nisso. Fomos fazendo esse levantamento todo. Isto foi em 2007, e em 2008 já arrancámos com a programação toda para o ano inteiro a chegar a diferentes prioridades – chegar a todo o Pré-escolar e a todo o Primeiro Ciclo dos cinco concelhos. Chegamos sempre ao Secundário a partir de um espectáculo da Companhia porque este é o público mais imediato que vai procurar os espectáculos à noite.*

(em que consiste o trabalho) *O meu trabalho é sobretudo um trabalho de coordenação no terreno. A programação é definida pela Ana Lúcia, pelo João Pedro e por mim, a partir de pistas que vou recebendo do território e vou pensando sobre o que são as necessidades, através de miúdos, professores, conversas e questionários de avaliação em todas as actividades que fazemos (...). Tenho, normalmente, uma a duas pessoas em cada município, que são os meus interlocutores da parte pedagógica, a tal rede de colaboradores locais composta por pessoas que trabalham nas bibliotecas, museus, na parte cultural (...) Trabalho com alunos e professores. Temos diferentes formatos. Há acções que já cheguei a ser eu a implementar com os miúdos e há outras em que sou a mediadora (...). Faço o planeamento todo, de todas as acções que acontecem no terreno, desde a saída da escola dos miúdos, ao autocarro que os vai buscar, até à chegada ao espaço onde a actividade vai acontecer e que os recebe. Já aconteceu ser na escola mas normalmente é em espaços do município, bibliotecas, museus... O espaço é escolhido por nós mediante a actividade. Temos actividades para todas as idades. O público escolar vem com o professor em contexto lectivo. Os miúdos saem da escola para usufruir daquela actividade. Isto vai desde o Pré-escolar até ao 12º Ano. E depois temos o público familiar em que os miúdos vêm num contexto de família: pais, avós, família... Acontece normalmente ao fins-de-semana. Já trabalhamos com seniores. Não nestes últimos dois anos mas em 2009 trabalhamos com os centros de dia de todos os concelhos e em 2008 também.*

(as actividades do PP) *Temos várias actividades. Dividem-se em espectáculos, ateliês ou oficinas, workshops de formações artísticas (que são coisas mais longas no tempo), e as acções de formação. Temos também projectos de longa duração, por exemplo, o Encena que decorre durante todo o ano lectivo, de Outubro a Maio. É um projecto de continuidade que acontece ao longo de todo o ano e tem por objectivo promover a criação e o acompanhamento de grupos de teatro nas escolas (com o Gonçalo).*

(diversidade de acções e articulação com os outros eixos) *Nós definimos diferentes tipos de actividade para diferentes públicos. Para te dar um exemplo, este ano o Pré-Escolar e o Primeiro Ciclo têm um espectáculo e um concerto (no ano passado tiveram uma oficina). E tentamos sempre diversificar as linguagens artísticas, teatro e música este ano, para o ano será dança e outra coisa. A partir do momento em que fechamos a programação e sabemos que vamos ter um espectáculo para o Pré-Escolar, uma acção para o Primeiro Ciclo, uma oficina para o Segundo Ciclo, um ateliê para o Secundário, faço a distribuição e a calendarização daquilo tudo. Tenho um levantamento de todas as escolas, turma a turma. E faço um*

calendário. Às vezes faço 3,5,10,20 calendários (...). A partir da peça da Companhia trabalhamos vários formatos. Isto sempre aconteceu. A primeira coisa que fizemos foi com a Antígona em 2007. Preparámos um dossier pedagógico, chegámos aos professores de filosofia e dissemos: “nós temos uma peça que é um texto de conhecimento geral, a Antígona, e queremos trabalhar isto com os alunos do Ensino Secundário”. E os professores aceitaram. O dossier pedagógico dava indicações aos professores de como trabalhar a partir de questões que a peça levantava. Trouxemos os miúdos para ver a peça, miúdos de 16, 17, 18 anos...e correu muito bem (....) Os projectos da companhia são sobretudo trabalhados para o Secundário. Os restantes são criados especificamente para aquele público(...).

(raio de acção) *Chegamos a várias pessoas em vários locais, bibliotecas municipais, museus, todas as escolas, públicas, privadas e profissionais. Todo um universo. Toda a gente tem acesso...É muita gente.*

(resultados no terreno) *Há miúdos que conheci no 10º ano e que entretanto já acabaram o curso, passaram pelo teatro amador e que agora vêm nas férias e fazem um projecto comunitário, e miúdos que apanhei no Primeiro Ciclo com seis anos e que entretanto foram para as Margens e neste momento estão no grupo de teatro escolar. Eles, num ano, experimentam uma coisa, e no ano seguinte experimentam outra. Eu nunca senti resistência por parte dos miúdos. Aqui o grande desafio foi ir em num contexto de escola com o professor, tudo arregimentado, e depois passarem a ir pelo próprio pé, e é aí que está a grande diferença. E noto que acontece a partir de projectos estruturais, as Margens, por exemplo (...). Porque esses miúdos que tu apanhas no início, com um bocado mais de idade, já vão, eles próprios, ver os espectáculos, e depois vão para os grupos amadores e, quando chegam à universidade vão-se inscrever no grupo de teatro da universidade. Já aconteceu. Ou então vão para teatro.*

(divulgação) *A Celeste e eu (Celeste Domingues, responsável de comunicação das CdM) tratamos da comunicação. Temos pontos de ligação de divulgação no terreno - os directores dos agrupamentos, os professores coordenadores das escolas, as pessoas que estão nas recepções das bibliotecas municipais onde os pais vão com alguma regularidade. E divulgamos em espaços públicos, cartazes, catálogos, feiras, na rádio... Deixamos sempre essa informação nas entradas das escolas e depois temos uma pessoa, que normalmente está na recepção desses espaços públicos, que acolhe este tipo de actividades e, todas essas pessoas fazem a divulgação, dentro daquilo que é o público mais regular que têm, e passam também a informação*

(rede de colaboradores locais) *Queria falar-te de uma coisa que é muito importante neste trabalho de terreno. Eu faço a preparação das actividades e acompanho todas as actividades (...). Este trabalho está muito assente num conjunto de pessoas que temos nos municípios, a rede de colaboradores locais, que é uma peça âncora deste trabalho. Ou seja, temos dois colaboradores em cada concelho, duas pessoas que ajudam na estrutura disto tudo e conseguem antecipar o planeamento do que é preciso fazer para cada actividade. Por exemplo, o sistema de transportes é uma coisa mirabolante, o mês passado movimentámos 1200 miúdos. Esses colaboradores locais ajudam nesta logística. Além disso usufruem das nossas acções de formação e também são co-criadores de algumas actividades que fizemos. Trouxemos cá a Carla Veloso e o Igor Gandra, do Teatro de Ferro, fizemos uma experiência com estes colaboradores durante nove dias a trabalhar manipulação de marionetas e depois veio o Gonçalo, (actor/criador) CdM) que trabalhou encenação com este grupo de colaboradores e, a seguir, apresentaram um espectáculo para 200 miúdos, na totalidade. Cada um apresentou no seu concelho. Cada concelho apresentou para todo o Primeiro Ciclo. Andámos com esse projecto desde Janeiro a Maio. E isso acontece desde 2007. No entanto, todos os anos damos mais um passo. No início só fazíamos ateliês, que eram coisas mais curtas, mas agora já estamos a falar de uma criação. Portanto, todos os anos fomos acrescentando um grau de dificuldade.*

(desafios para o futuro) *Os grandes desafios que se colocam têm a ver com a manutenção deste serviço público e em chegar cada vez a mais pessoas. Temos de continuar a chegar desde*

a base, ter um objectivo e continuar a trabalhar o público adolescente, que é o mais difícil mas é aquele que mais rapidamente circula para outros eixos. E isso tem de continuar a ser um investimento.

(balanço) *O PP é uma escola, uma escola de vida pessoal, profissional. Fazemos tudo.*

ANEXO 26 – Excertos da entrevista a Elisabete Magalhães

Técnica da Biblioteca Municipal de Monção, membro da Rede de Colaboradores do Projecto Pedagógico das CdM. Excertos de entrevista realizada na Biblioteca Municipal de Monção no dia 10 de Dezembro de 2013 (duração total: 22 minutos).

Nota: Nesta entrevista há intervenções pontuais de Filipa Pires (responsável pelo Serviço Educativo da CM de Monção, que trabalha em parceria com Elisabete Magalhães e pertence também à rede de colaboradores do PP)

(início do contacto com as CdM e com o PP) *Eu conheço as Comédias desde os primórdios (2004), não era tal qual está agora... na altura era eu quem os transportava porque eles não tinham carrinha (...) O Projecto Pedagógico surgiu depois. Eles vieram ter connosco, vieram bater-nos à porta. A Tânia (Pereira, responsável pelo PP) veio e disse-nos: "Temos aqui o Projecto Pedagógico e precisamos da colaboração dos agentes locais" porque é impossível ter tantas actividades no mesmo período de tempo em cinco municípios". Começámos por ter formação com a Ana Lúcia (Figueiredo, do PP) e com a Tânia. Uma formação era mais vocacionada para o Pré-Escolar, outras podiam ser aplicadas noutra público (...)*

(evolução das formações do PP) *No início as actividades eram direccionadas para os mais pequenos, Pedacinhos de Sonho, por exemplo. Agora são mais abrangentes. Não quer dizer que uma actividade transformada não se aplique a outro público (...). Muitas vezes, quando o Serviço Educativo de Município Monção planeia com antecedência, juntamos o Pré-Escolar com os idosos dos Centros de Dia. Nas primeiras formações era tudo esquematizado (...). Agora deixam-nos criar. Temos a mesma formação mas aplicamo-la de forma diferente. A actividade que nós criamos em Monção é diferente da de Melgaço ou de Paredes de Coura porque aqui estou eu, a Filipa (Pires, animadora cultural da CM de Monção) e escolhemos, por exemplo, expressão corporal; outras querem outra vertente (...).*

(dar formação) *Indirectamente damos formação. Quando damos uma actividade, no Pré-Escolar, por exemplo, as educadoras dizem no final "Isto é boa ideia porque depois eu na sala posso fazer o mesmo" (...).*

(articulação entre os Serviços Educativos da Câmara de Monção e do PP) *No nosso plano de Serviço Educativo integramos as actividades das Comédias e vamos de encontro às temáticas propostas pelas Comédias esse ano: o vento, a chuva (...). A Filipa acrescenta "Nós apresentamos às escolas o projecto em conjunto, o projecto das Comédias e o nosso, e ele é aprovado em conjunto. E tem funcionado muito bem"*

(resultados da colaboração com o PP) *Nós melhorámos. Eramos mais tímidas, não eramos tão metódicas, não esquematizávamos tão bem as coisas e não tínhamos uma orientação, um fio condutor tão assertivo.*

(colaboração entre os Serviços Educativos da autarquia e o PP) *Eles (PP), por vezes, pedem-nos opinião sobre as actividades que vão programar. A logística somos nós que tratamos - preparar o espaço, levar as crianças, etc. (...).*

(colaboração entre colaboradores dos cinco municípios na área do serviço educativo) *Trocamos ideia e ajudamo-nos quando é preciso mas não mais do que isso, até porque muitas vezes tratamos, por exemplo, o tema do Alvarinho. Funciona aqui e em Melgaço mas já não funciona em Cerveira, lá trabalham mais a Arte, pintura, escultura (...). Nós queremos dar a conhecer as valências do nosso município.*

(considerações finais) *Para começar, ter um projecto pedagógico já foi bom. E mais, nestes meios mais pequenos não tínhamos oferta cultural, as pessoas não estavam habituadas a ver*

teatro e agora vão (...). E têm outra valência, são itinerantes, e isto é o que as distingue de todos os outros porque, além de irem às vilas, deslocam-se também às aldeias (...). O impulso que as Comédias vieram dar, e já são dez anos, para além de tudo, foi a formação, não só dos agentes mas do público, que não estava habituado a uma oferta que agora tem (...). Há muita gente que diz “Se é das Comédias, nós vamos” (...).

ANEXO 27 – Excertos da entrevista a Filipa Gonçalves Pires

Animadora da Camara Municipal de Monção, responsável pelo Serviço educativo e membro da Rede de Colaboradores do Projecto Pedagógico das CdM. Excertos de entrevista realizada na Biblioteca Municipal de Monção no dia 10 de Dezembro de 2013 (duração total: 32 minutos).

(o trabalho com as CdM). *Cheguei aqui há seis anos. O PP já trabalhava aqui há um ano, já fazia formações para as pessoas que trabalhavam na biblioteca (...). Para mim, as Comédias foram importantes porque ajudaram-me a criar o projecto (educativo), já para não falar das formações que são muito enriquecedoras. Quando entrei, o nosso Chefe de Divisão disse-me que deveria fazer a ponte entre as Comédias e o Município, além de participar nas formações. Por exemplo, eles perguntam-nos que freguesias queremos escolher (para a itinerância das peças) e eu faço o levantamento das freguesias que podem recebê-los. Outro exemplo: As Comédias precisam de dois grupos de bombos, dois ranchos. Eu faço esses contactos iniciais e depois passo a produção ao Pedro (Morgado, produção CdM) ou Tânia (Pereira, PP) e depois, em parceria com eles, marcamos salas de ensaios, etc.*

(a formação do PP) *O PP dá formação a todos os funcionários dos municípios que estejam a trabalhar com jovens e queiram fazer actividades com estes jovens (...). A formação pode ser dada pela Tânia e pela Ana Lúcia mas a maior parte das vezes o PP contrata alguém de fora, dentro das várias áreas artísticas; do teatro, da dança, das marionetas, da música. Todos os anos há um tema para o serviço pedagógico - o vento, o inverno, etc., e, consoante a temática, pensam o que querem fazer. Nós preenchemos uns inquéritos onde informamos sobre as nossas prioridades, se é dança ou mímica, ou teatro. Eles contratam artistas para nos dar formações, nunca são formações de um ou dois dias, são sempre mais. Com o Teatro do Ferro foram nove dias. Foi em Cerveira. Todos os anos é num município diferente. Aprendemos a construir marionetas de diversas formas, não a conventual, mas outras com esponjas, papéis (...). Os textos eram de Tim Burton. Todos juntos criámos uma peça. Criámos desde o objecto até à fase final. As pessoas que lá estão vêm de áreas diferentes, animadores, técnicos de bibliotecas, etc. Sem dúvida, é enriquecedor criar algo do princípio ao fim e aplicar. Ficamos com muitas ferramentas (...).*

(troca de experiências entre rede de colaboradores do PP) *Nós, técnicos de acção cultural, conhecemo-nos e trocamos experiências e informação e isto deve-se às Comédias. Por exemplo, um de nós quer um contador de histórias e os outros dizem “gostei deste ou daquele”.*

(articulação das actividades do PP e do Serviço Educativo da CM Monção) *Os miúdos vão ter duas actividades, a nossa e a das Comédias. Existe o Projecto Pedagógico das Comédias e existe o nosso. Cruzamos as temáticas para não haver sobreposição. Quando são actividades das Comédias, elas estão sempre presentes. Muitas vezes são os actores das Comédias que fazem as actividades, em especial, a Mónica e o Gonçalo. Os miúdos conhecem-nos muito bem. E acontece uma coisa curiosa - na semana artística (nas Margens), os miúdos que se calhar não conheciam as Comédias e não davam muito valor ao teatro, com essa ligação que se cria com esse actor nessa semana de trabalho, começam a ter interesse e a querer ir ao teatro.*

(resultados do PP) *As Comédias trouxeram muito de bom. Aos mais velhos trouxeram uma forma nova de ver a cultura e a arte, de dar mais valor a isso, porque estávamos esquecidos ... Não temos acesso à cultura facilmente e eles (CdM) vieram ter com as pessoas. As pessoas começaram a ter uma mente mais aberta. Para os mais novos foi excelente porque começaram cedo a ser educados culturalmente. Isto, porque no Pedagógico, os mais novos (desde o Pré-Escolar) têm contacto directo com a Arte, com o Teatro. As Comédias são uma família, falamos das Comédias às famílias e vão em peso assistir. Os miúdos estão muito mais preparados quando fazemos uma actividade, notamos que há uma predisposição para receber as coisas. Antes estavam mais fechados no mundo deles. Há uma abertura muito grande para a comunidade. As pessoas já olham para as coisas e para as pessoas de outra forma.*

(opinião geral sobre as CdM) *Um dos objectivos é descentralizar, por isso é que, além de fazer a peça na vila continuam a ir ter com as pessoas ,a ir a casa das pessoas, praticamente. E isto faz a diferença. Há casos concretos de velhinhos, de pessoas que nunca viram mais nada, que só saem da sua freguesia para ir à farmácia e ao médico. Se as Comédias forem lá, esses velhinhos facilmente irão assistir e acho que isso é um mimo, um carinho. Eles conhecem os actores, vibram com os actores (...). É uma equipa muito jovem, são todos muito simpáticos, muito dados e as pessoas gostam deles e vibram como se fosse uma novela, fazem comentários, vibram de uma forma muito intensa e isso é muito gratificante. Por isso, nunca deviam deixar de ir às freguesias. Entraram no território, entraram nos corações e fizeram com que eles gostassem de teatro. Quando fazem projectos comunitários - os 750 Anos do Foral, por exemplo - entram muitos grupos. Bombos, corais, etc., mas o Luís e o Gonçalo nunca tomaram uma decisão sem conversar com eles (associações locais). Os actores gostam imenso dos concelhos e conhecem bem as freguesias. Regressam cansados, desgastados, desmontam e no dia seguinte têm mais..., e ainda têm o Pedagógico. Eles são muito unidos. É um segredo deles e que faz com que as Comédias do Minho sejam um sucesso (...). Só quero dizer que é um projecto que não pode acabar. É um projecto pioneiro no nosso País. É um projecto de sucesso mas também de grandes sacrifícios. Se as ajudas terminam eles também terminam.*

(o que mudou com as CdM e o PP) *As pessoas no início tinham vergonha, sentiam-se inseguras, agora não, são muito mais abertas. Sabem que há um projecto e até se vão oferecer para participar. Nos mais velhos não muda muito porque vêm mais como lazer. Sem dúvida que nos mais novos a sensibilidade é outra, nota-se mesmo nos pais, há interesse, um empenho. Chega-se aqui (biblioteca) ao sábado, os pais vêm para aqui procurar livros, estão aqui a ler, levam livros, sejam eles pedagógicos ou não(...). As Comédias têm um papel importante e conseguem mexer esse bocadinho dentro de nós que estava adormecido, com falta de interesse ou preguiçoso, e conseguem que os pais pensem: “ Afinal, se calhar é importante, vamos tentar, vamos levar os nossos filhos”. O Projecto Pedagógico trabalha muito bem, é o mais enraizado e o que vai a um público específico. Todos são importantes mas as crianças são mais importantes porque estão a ser preparadas para um futuro. A cultura e arte abrem-lhes os olhos para imensas coisas (...).*

ANEXO 28 – Excertos da entrevista a Paulo Lobato Costa

Elemento do grupo amador Associação Filarmónica Milagrense (Monção). Excertos de entrevista realizada no dia 10 de Dezembro de 2013, no Cine Teatro João Verde (duração total: 35 minutos)

(o grupo Filarmónica Milagrense) *É um grupo de Monção mas tem sede num pequeno lugar do concelho, numa freguesia rural, Milagres. Tem tradição sobretudo na música, aquilo é uma terra que tem duzentas pessoas e sobretudo tem músicos... É interessante perceber que aquela gente está virada para as artes. Nunca tinham ouvido falar de teatro e, de repente, criaram uma disponibilidade e vontade e algum génio naquilo que fazem. No Carnaval costumavam juntar-se e faziam qualquer coisa... Quando vim há vinte anos (trabalhei profissionalmente numa companhia de teatro em Braga) fui desafiado pelas pessoas e comecei a fazer algumas coisas. Aproveitei o que sabia e, como havia esse potencial, fomos trabalhando algumas coisas (isto em 94), esporadicamente, muito levemente e, entretanto, eis que aparece uma estrutura profissional (CdM) que se preocupa com os grupos amadores e que quer dinamizar e impulsionar e isso para nós foi ouro sobre azul, isso permitiu-nos crescer.*

(o início da colaboração com as CdM) *As Comédias fizeram aqui um curso de iniciação teatral, na biblioteca (Monção), logo no ano em que surgiram e, como é óbvio, não perdemos oportunidade. Vieram uma série de associações de outros concelhos. Nós já estávamos organizados e despertos para isso e assim nos mantivemos. Trabalhamos com as Comédias já lá vão dez anos, uma vezes mais, outras menos mas mais agora com a chegada do João Pedro.*

(como se operacionaliza a colaboração das CdM) *Desde que trabalho com as Comédias que eles fazem um trabalho muito próximo. Todas as semanas vem um actor, este ano trabalhámos com o Rui Mendonça, no passado trabalhámos com o Luís (Filipe Silva). Começámos por trabalhar com as Comédias uma vez por semana, vinha cá um elemento mas desde a chegada do João Pedro essa intervenção alargou-se porque eles abriram-se e criaram espaço onde nós naturalmente podemos entrar. Essa penetração torna-nos quase elementos das Comédias. Eu sinto-me quase elemento das Comédias, eu sinto-me Comédias, e isso é que eu acho que veio mudar, eles conseguirem chegar até nós. Já nem sabemos se somos uma associação local, se somos Comédias (...). De repente penetramos em tudo, temos as nossas limitações, não somos profissionais, temos outras profissões mas é interessante fazer espectáculos no meio dos profissionais (...). Com a chegada das Comédias, a nossa actividade limitou-se praticamente ao teatro porque é tão absorvente que já não temos tempo para tudo o resto. Ao todo somos uns 30 mas regularmente somos 14 a 16, temos desde os miúdos de 8, 9 anos até 65, 68 anos (...).*

(o que mudou com colaboração das CdM) *Depois da chegada das Comédias a nossa actividade começou a ser mais regular. Antes era muito mais esporádico, tínhamos um ou dois espectáculos de dois em dois ou de três em três anos, agora temos o FITAVAL todos os anos. Também colaboramos em produções das Comédias e há uma série de outras coisas que fazemos. Por vezes aparece um grupo que quer trabalhar connosco. A semana passada fizemos um espectáculo nosso, as Comédias não participaram mas estavam por detrás disto, se não fossem elas nós não tínhamos conseguido. As Comédias do Minho são muito importantes para nós mas não podemos ficar completamente dependentes das Comédias. Queremos fazer espectáculos nossos, queremos fazer coisas nossas, é evidente que vamos ter com eles quando precisamos(...).*

(a vida artística enquanto opção profissional) *Ainda não há ninguém que tenha enveredado pelo caminho artístico, alguns falam que gostavam mas ainda não há ninguém. Há uma coisa importante, eles encaram isto não como uma saída profissional mas como uma actividade amadora.*

(colaboração CdM e Filarmónica Milagrense) *Colaboramos de várias formas, participamos em espectáculos (...) Tivemos a Casa Grande, eramos para aí sete ou oito ou dez elementos, os mais novos têm entrado sempre, todos os anos... As Comédias avisam-nos previamente que vão precisar de alguns de nós (...).*

(colaboração com os outros grupos amadores) *Nós não sabíamos da existência dos outros nem eles sabiam da nossa. A partir da chegada das Comédias criou-se uma rede... Pontualmente talvez aconteça uma colaboração, se o elo de ligação for as Comédias. As Comédias são o elemento agregador. Através das Comédias é diferente, estão presentes em todos os lados e da mesma maneira. Nós dizemos que temos uma relação privilegiada com as Comédias, não temos, todos têm uma relação privilegiada.*

(o contributo das CdM para a comunidade) *Claramente, começámos a ver teatro. Para mim é inconcebível as Comédias deixarem de existir, eu tenho mesmo necessidade de ver espectáculos, é mais agradável ver aqui e dá-me muito prazer ver aqui espectáculos que não se diferenciam em termos de qualidade com o resto do País. Eu não concebo que uma estrutura como esta, de proximidade, algum dia possa desaparecer. É um risco que corremos, às vezes depende de quem está no poder. As pessoas gostam das Comédias, identificam-nos, conhecem-nos, não os estranham nem os sentem como exteriores, mas isso percebo, são pessoas que vieram dar algo de novo que não sabíamos que nos fazia falta mas se nos tirarem sabemos que nos vai fazer falta. Agora faz falta. O teatro faz falta. Mesmo os miúdos, eu vejo os miúdos lá da terra, eles sabem quem são e falam... Há vontade e já está entranhado.*

(a postura das CdM) *As Comédias chamam a comunidade a participar e isto é fundamental. Eles perceberam que isto é um território distante mas não quer dizer que não tenha pessoas boas e inteligentes e com necessidades, e perceberam que não podiam pôr-se lá em cima, tinham de ser como nós. Há coisas engraçadas, andava aí um movimento de motards de 50 cm³ a fazer aqueles passeios deles e o João Pedro viu-os passar e disse-me “Quero-os na Deu-la-Deu”. Fomos ter com eles, eles ficaram completamente loucos e ainda hoje dizem que querem voltar a participar. Ele foi muito próximo, metia-se no meio deles, brincava com eles(...).*

(considerações finais) *Tenho duas filhas que participaram em situações das Comédias e começaram muito novas, na escola e aqui na associação. Na escola, o meu sobrinho há dias queria escrever sobre as Comédias e ligou-me... Para o meu sobrinho eu sou Comédias. Se formos falar com as pessoas, sabem que somos Milagres mas temos qualquer coisa a ver com as Comédias. Não distanciam. Isso é bom. Nós continuamos sempre a fazer coisas nossas e isso é crescimento, eu acho que é importante (...) e dá-me prazer dizer “Fizemos mais um espectáculo sem vocês”.*

ANEXO 29 – Excertos da entrevista a Luís Filipe Silva

actor/criador das Comédias do Minho desde 2006. Excertos de entrevista realizada no dia 5 de Janeiro em Lisboa. Duração total: 72 minutos.

(o começo e evolução) *Entrei há oito anos, em Janeiro (2006). O projecto já tinha sofrido algumas alterações. Já existiam alguns grupos amadores. Valença não tinha grupos amadores, Cerveira também não (...). Quando cheguei dava formação a jovens, estava em Monção. No ano seguinte a formação passou para o Projecto Pedagógico e nós começámos a focar-nos mais no teatro amador (...). O festival só aparece com o João Pedro Vaz, ele chegou e eu voltei a falar da ideia (...). Foram sendo agregadas responsabilidades porque fomos observando, escutando o território e percebemos que era necessário fazer mais. Antes da Isabel (Alves Costa) faziam-se actividades para as escolas mas nada estruturadas. A Isabel traz uma estrutura de como trabalhar este território. Vieram encenadores: Pierre (Voltz) e Phillippe (Peychaud) que tinham experiência de teatro amador (...). O primeiro ponto foi o trabalho com os amadores. Até hoje continuamos a ter longas reuniões porque continuamos a escutar o território, a afinar procedimentos, a fazer propostas de estratégia para conseguir auscultar o território e a propor novas estratégias. Agora temos as conversas de porta aberta. Aproveitamos o facto de estarem cá criadores para ter uma conversa aberta e informal e colocamos questões sobre teatro. Convidamos actores dos grupos amadores mas é para o público em geral (...). Trabalhei muito com Monção e agora estou com Melgaço. Em Monção tinham uma filarmónica (...), eu estava a dar a formação na biblioteca e no ano seguinte propuseram fazer um grupo de teatro dentro da associação. A minha ideia era desenvolver competências para torná-los capazes de fazerem espectáculos, coisas por eles. Eram uma associação de música, agora respondem a solicitações da Câmara Municipal. Nós emprestamos o nosso esforço para criar uma rede de oferta cultural para cada um poder construir o seu espectáculo e fazer programação própria que, depois de desenvolvido, tem que ter pernas para andar.*

(o trabalho com os amadores) *Com os Milagres (grupo amador de Monção) é muito redutor dizer encenação pois o objectivo de todo o trabalho não é só apresentar uma peça mas também pôr as pessoas a representar e a reflectir sobre a criação artística. É isso que se pretende. Não é só exprimir as minhas vontades, fazer as minhas experiências estéticas (...). Eu trabalhei a construção de um grupo de teatro, eles já têm um carpinteiro, há duas senhoras que costuram bem e fazem o guarda-roupa, enfim, há uma estrutura que lhes permite ter espectáculos semi-profissionais com outra envergadura. Nos Milagres, o Vasco e eu fizemos um espectáculo deles (...). Vamos um dia por semana, normalmente deixo trabalho pensado para isso (...). Todos os grupos amadores são muito requisitados (...). Com os amadores temos o FITAVAL mas também todos os outros projectos, os de Verão, ao ar livre, que criam outra envolvimento, o Solar, as Casas Grandes... Cada grupo amador de cada município participava no seu município e os de Coura participaram noutros municípios, em Melgaço, por exemplo. A nossa ideia foi convidar todos. Os nossos amadores são quase 70 (...). O objectivo não é virmos para aqui fazer teatro. É o desenvolvimento cultural, mesmo que esse desenvolvimento passe por uma criação de redes autónomas às Comédias. Nós estamos lá na mesma, nós demos as ferramentas (...).*

(desdobramento dos espectáculos) *Temos um espectáculo e o Pedagógico pensa numa actividade de exploração a partir do espectáculo. Se o criador está cá, aproveita-se e fazem-se as Conversas de Porta Aberta. Com as Alquimias, na sexta recebíamos os miúdos depois de almoço e fazíamos uma actividade de exploração, uma coisa rápida, dentro do cenário da peça, em contacto com os elementos cenográficos visuais do espectáculo. A verdade é que havia dias em que um terço do público do espectáculo eram os jovens que tinham vindo à tarde, e traziam os amigos e os pais...*

(espaços utilizados) *Já fomos a muito mais de metade das freguesias mas ainda há algumas onde ainda não fomos porque não têm condições, nós conhecemos melhor o Minho do que os*

minhotos. Os espaços - dentro de adegas, no exterior, no meio da vinha, dentro da corte com uma vaca ao lado, com bosta até aos joelhos, dentro de casa, na cozinha, no quarto, cá fora, em teatros normais, em juntas de freguesia, em jardins, em vinhas, em termas, dentro do rio..., um espectáculo lindo, todo iluminado (Solar).

(itinerância) *Vou contar-te um episódio que aconteceu muito recentemente. Na estreia ou na primeira semana, o João Pedro (Vaz) juntou-nos e disse-nos “Vamos fazer este espectáculo (Terra do Desejo) e o que vai aqui acontecer é a verdadeira democracia em teatro. Têm que perceber que o que vai acontecer aqui e agora é um momento de pura democracia. Estas pessoas estão aqui e vocês vão oferecer-lhes um objecto de beleza e vão apresentar um espectáculo bonito como se fosse noutra sítio qualquer. Aquilo que aqui vai acontecer é a verdadeira democracia, não é a democracia que se apregoa, é aqui”. E nós temos a perfeita noção do que estamos a fazer.*

(o público) *Já há muito tempo que não entra no nosso léxico esta questão de estarmos a fazer uma coisa arrojada, as pessoas têm uma inteligência intrínseca e quando estão perante um objecto artístico e esse objecto está lá e é bom, quer seja a sua linguagem quer não, as pessoas vão ser tocadas por alguma coisa, podem não ser tocadas ao nível referencial, mas vão ter uma inteligência emocional muito mais apurada do que algumas pessoas que estão cansadas de uma oferta contínua em que a inteligência emocional se apaga e a inteligência referencial fica ali a fazer ligações e a tentar perceber o que estão a ver. Um dos espectáculos mais bonitos foi a Estufa Fria, de Igor Gandra, com textos de Regina Guimarães. O espectáculo era uma bizarria, ferro por todo o lado, estrutura gigante, cubos de ferro cobertos com acrílico fosco, com luz lá dentro, parecia uma nave espacial, com marionetas a saltar para o colo das pessoas, com pessoas a serem cobertas com lonas de plástico gigantes....Depois começava a chover por cima delas e caía-lhes em cima da cabeça uns pés em silicone que pareciam carne humana, e as pessoas adoraram. As pessoas não têm referências para perceber onde fomos buscar aquilo mas também não querem saber das referências, entregam-se emocionalmente à coisa. O que é o teatro e quando acontece? É esta coisa comunitária. As pessoas juntam-se e há uns que estão a fazer qualquer coisa e outros estão a ver e a sentir, e então o teatro acontece, aqui no meio é o teatro (...). E acontece porque as pessoas estão despertas, estão sedentas e querem. O público não é homogéneo. Em ambiente rural, não ficamos surpreendidos se alguém nos aborda com um discurso referencial, é preciso saber descodificar. Se for uma coisa simples, um Molière, as pessoas relacionam-se com a personagem, brincam, e nós também brincamos com isso, é uma partilha e alegria muito grande. Nós temos o carro de som, chegamos e anunciamos. O João Pedro pediu-nos que o chegar à aldeia fosse uma festa - hoje vai haver teatro e nós estamos aqui! Isto, em termos de comunicação, é importante.*

(semana de trabalho) *Vamos a uma semana normal, em ensaio, por exemplo. Segunda temos ensaio, de manhã ou à tarde, conforme o encenador. Terça à noite cada um vai trabalhar com os amadores e o resto da semana é igual. Quando se aproxima o FITAVALE fazemos dois, três e quatro ensaios por semana (...). Se estamos em cena com um espectáculo, e pode acontecer também ensaio do espectáculo que vem a seguir, folgamos na segunda. Na terça temos amadores, na quarta, amadores ou ensaio, na quinta saímos depois de almoço com a carrinha carregada, descarregamos a carrinha no espaço onde temos apresentação, montamos e preparamos tudo, fazemos passagens, depois jantamos, voltamos rapidamente, às nove fazemos o espectáculo, depois carregamos tudo e voltamos para casa. Às vezes, se temos a chave do espaço do dia seguinte, vamos montar o espectáculo do dia seguinte (...)*

(as CdM funcionam...) *O segredo, como em qualquer projecto, está nas pessoas. Eramos jovens e com vontade de trabalhar e tivemos a sorte de ter a Isabel (Alves Costa) e depois, todas as pessoas que a Isabel trouxe eram boas - o Pierre (Voltz) e agora o João Pedro. Exercitamos tudo. Há verdadeira democracia no grupo, o que nos fez envolver pessoalmente e querer mais do projecto e do território. E conseguimos ter a calma para saber envolver os técnicos e os presidentes das câmaras e, ao envolvê-los, fazemo-los sentir as Comédias, e aí as coisas começam a ganhar outros contornos (...).*

(como são recebidas as CdM) *No Minho sou uma figura pública, em Lisboa sou um desconhecido. As pessoas reagem bem às Comédias. Algumas não conhecem a nossa cara, há freguesias onde nunca fomos porque não conseguem reunir as condições mínimas. Mas, se nos identificamos, reagem logo “ Ah, as Comédias do Minho!!!!” Na abertura dos 10 anos das Comédias tivemos gente a dizer “ Não pensem sequer que isto algum dia acabe. Vocês mudaram tanta coisa. Trouxeram tanta coisa nova ...”. O caso de Coura é o mais flagrante, moramos lá, já somos de lá, sejam amigos ou conhecidos dizem que notam uma diferença nas pessoas, a forma como as pessoas começaram a lidar umas com as outras é diferente, houve uma dinâmica social diferente. Por exemplo, o Centro Cultural tinha poucos espectáculos e agora tem mais. O desejo do teatro também se propaga e se as pessoas têm possibilidade de ver, querem experimentar e vão ver (...). Se não se vê, se não há nada, não se quer mais nada mas, a partir do momento em que as pessoas têm contacto com qualquer coisa, começam a ser mais dinâmicas. O Centro Cultural de Coura tem actividade, há o grupo dos miúdos dali, aquilo começou a ter vida, as pessoas têm o desejo de fazer coisas, organizam-se, juntam-se, fazem, é só começar (...) e, quando começa, o desejo vem.*

(o futuro) *Acho que as coisas rapidamente morrem se não são alimentadas. Basta olharmos para nós (...) Se não fazemos regularmente perdemos a ligação e acabamos por deixar de a fazer. A cultura tem que ser alimentada. Outro dado: Já estamos há dez anos no território e os miúdos que agora têm 18, 20 anos - nesta geração não há nenhum adolescente desde a Primária ao Secundário que não tenha tido contacto com as Comédias - tiveram actividades ou espectáculos, preparados para eles e formadores a criarem coisas para eles. Tocou-se todas as turmas e, às vezes, mais que uma vez por ano. A alimentação tem que partir daqui (...).*

(crescimento pessoal) *O rural nada deve ao urbano, tem é menos oferta. É preciso conseguir separar o supérfluo do essencial, procurar o essencial, vivê-lo, enaltecê-lo e com isso, desvalorizar o supérfluo. Eu desabituei-me do supérfluo.*

ANEXO 30 – Excertos da entrevista a Ana Lúcia Figueiredo

Responsável pelo Projecto Pedagógico (2006-2010), Coordenadora Artística e Pedagógica (2010-2013). Entrevista realizada nos instalações das Comédias do Minho, em Paredes de Coura, a 11 de Dezembro de 2013 (duração total: 18 minutos)

(o início do Projecto Pedagógico) *Os primeiros anos das Comédias até 2006 são anos com um formato mal definido (...). Não existe um projecto estruturado de intervenção no território (...). Havia interesse em dar resposta a pedidos que vinham das escolas, de professores que sentiam necessidade de formação. O próprio território já sentia algumas necessidades. Cheguei em 2006, por convite do Miguel (Honrado, convidado por Isabel Alves Costa). Esta parte do serviço educativo ficou sempre um bocadinho mais da parte do Miguel, a sensibilidade maior para isto era dele. E depois foi começar a trabalhar. A primeira coisa que fiz quando cheguei foi conhecer as pessoas que estavam nas câmaras, os técnicos, os vereadores, os técnicos responsáveis pela área de cultura... E fiz um levantamento, logo de início, sobre as necessidades que eles identificavam em cada um dos territórios (...). A primeira programação que fiz foi logo a pensar em dar resposta a isto que acontecia no terreno. (...) O meu papel foi sempre um bocadinho de bastidores, criar uma base teórica, uma estrutura de intervenção, um plano de acção e uma missão para o projecto que depois, no fundo, pudesse orientar a operacionalização do programa. Fiz sempre a programação. Ao longo dos anos a programação continuou a ser feita a partir do feed-back do território. Tive sempre uma relação muito boa com a Tânia (Pereira, coordenadora do PP). Aquilo que ela auscultava no terreno fazia-me chegar, desde definição de públicos-alvo, tipos de actividades, duração das actividades, condições dos espaços, aquilo que já era feito em cada território... Portanto, nunca foi uma programação de autor ou que eu viesse fazer aqui uma coisa que já tinha feito e vinha reproduzir. Foi sempre uma coisa muito pensada para o território e mediante aquilo que nos ia acontecendo e como eles iam reagindo (...).*

(a evolução) *Houve uma evolução enorme e, como dizer, em muito pouco tempo. A evolução foi rápida mas ao mesmo tempo foi muito progressiva. Isto pode parecer contraditório. Eu, às vezes, brincava a dizer que nós éramos sementeiras e que as sementes estavam a frutificar. Se calhar por ser tão intuitivo e tão orgânico com o próprio território, houve logo um entendimento muito grande. Talvez porque houvesse tanta necessidade e tanta abertura. Não quer dizer que não tenha havido resistência mas o terreno foi tão fértil que foi só lançar as sementes e de repente elas começaram a crescer e tivemos de ter o cuidado de amparar o crescimento.*

(as conquistas) *(...) Com a entrada do João Pedro o projecto entrou numa nova fase. Este projecto foi sempre muito feliz nos encontros, o que é uma coisa extraordinária. Os encontros parece que acontecem sempre no momento em que têm de acontecer, e a pessoa certa no lugar certo à hora certa (...). Este período com o João Pedro serviu exactamente para isso, para haver este cruzamento, para haver mistura entre os públicos. Começamos a trabalhar directamente com a companhia, os actores começam a fazer projectos connosco, dos mais variados, não só espectáculos mas coisas mais formativas, coisas mais pequenas, outras maiores e o projecto torna-se outra coisa. Neste momento o projecto é uma coisa muito, muito diferente (...)*